SONHOS -

A LINGUAGEM DO INCONSCIENTE

Hugh Lynn Cayce

Tradução: Amadeu António

SONHOS – A LINGUAGEM DO INCONSCIENTE

Hugh Lynn Cayce, Tom C, Clark, Shane Miller

CONTEÚDO

Sonhos: a Linguagem do Inconsciente — por Hugh Lynn Cayce Introdução • Alguns Conceitos Básicos das Leituras de Edgar Cayce sobre Sonhos • Fontes dos Símbolos Oníricos • Tipos Básicos de Sonhos • Trabalhar com os Próprios Sonhos • Conclusão

Um Psíquico Interpreta os Seus Sonhos — por Tom C. Clark Tipos de Sonhos Estudados • O Psíquico como Homem • A Teoria de um Psíquico sobre o Sono — o Sexto Sentido • Três Fontes de Sonhos • A Linguagem dos Sonhos • Paralelos Psíquicos com a Psicoanálise Junguiana • O Processo de Obter a Interpretação • Um Sonho e a Sua Interpretação • Dois Outros Sonhos Interpretados • Conclusão

Trabalhar com Sonhos conforme Recomendado pelas Leituras de Edgar Cayce — por Shane Miller Método de Procedimento • Compreender os Próprios Símbolos • Exploração em Profundidade • Contactar o Superego

Experiências do Projeto X — por William N. Petersen (Anteriormente incluído em "Dreams, Our Judge and Jury", agora esgotado.)

SONHOS

A Linguagem do Inconsciente

por Hugh Lynn Cayce

Em cada homem existe uma parte vasta, desconhecida e inexplorada, na maior parte das vezes mal compreendida: um gigante interior que por vezes surge disfarçado de anjo e outras vezes como monstro. Trata-se da mente inconsciente do homem e a sua linguagem é o que chamamos sonhos. Há alturas em que esta linguagem onírica surge confusa e fragmentária; noutras ocasiões revela-se detalhada e complexa. Por vezes as imagens do mundo dos sonhos são obscenas; noutras, belas para além de qualquer comparação. Qualquer pessoa

fará bem em perguntar a si mesma: «Sou eu o senhor deste gigante, deste génio? Ou é ele que me dirige? Quão poderoso é? Pode, por exemplo, aceitar uma ordem consciente e curar o corpo físico — ou, pelo contrário, provocar-lhe doença? Pode mentir-me? Este gigante tem janelas da mente que lhe permitem ver para além do alcance da perceção sensorial normal? O que tenta dizer-me quando durmo?»

Talvez, ao compreender a sua linguagem, possamos responder a algumas destas perguntas e estabelecer uma verdadeira comunicação com «esta outra parte» de nós mesmos.

Comecemos o nosso estudo com um exemplo típico de um sonho comum e a sua interpretação através das leituras de Edgar Cayce. «Sonhei que o meu irmão e eu, com as nossas esposas, estávamos numa festa com BB. Adormeci à mesa. Chegámos a casa muito tarde. O meu irmão deixou o carro e foi a pé para casa. Ele e eu parámos para olhar para uma garrafa de leite marcada 'leite não destilado'.» Este sonho foi registado por um de dois irmãos a quem Edgar Cayce tinha aconselhado estudar os seus sonhos. À primeira vista parece uma recriação de um acontecimento real com alguns elementos imaginários acrescentados. Será possível atribuir algum significado a estas ginásticas mentais inconscientes?

Segundo as leituras de Edgar Cayce sobre sonhos, muita informação útil sobre o nosso corpo físico pode vir da mente inconsciente. Símbolos que sugerem dieta inadequada, tipos errados de exercício, antevisões de doenças ou mesmo sugestões concretas de tratamento aparecem com frequência. Uma leitura feita por Edgar Cayce sobre este sonho explicou que se tratava de um aviso ao sonhador: o corpo estava a sofrer com noites longas (adormecer à mesa) e uma dieta irregular. O irmão era apresentado como alguém mais cuidadoso nas suas disciplinas pessoais (pois deixou o carro e seguiu em frente). Ver o leite era um aviso específico para mudar o fornecedor de leite. Quando questionada sobre esta parte do sonho, a leitura respondeu: «Mude do fornecedor atual, pois isto mostra adulterações no mesmo.»

Só sabendo se existira anteriormente alguma discussão familiar sobre possíveis impurezas no leite seria possível determinar se o sonho

envolvia clarividência (conhecimento inconsciente de leite impuro) ou se apenas refletia a preocupação com uma conversa esquecida. De qualquer modo, fica evidente que a mente além da consciência estava preocupada e a avisar o sonhador sobre aspetos da vida física que precisavam de correção.

Sonhos deste tipo, relacionados com problemas do corpo físico, pertencem a um de quatro grandes grupos de sonhos explicados em mais de seiscentas leituras psíquicas dadas por Edgar Cayce sobre o tema. Os outros três tipos gerais são sonhos de auto-observação, perceção psíquica e orientação espiritual. A maior parte das leituras de Edgar Cayce dedica-se à interpretação de sonhos individuais, muitas vezes com explicações de símbolos e sugestões práticas para aproveitar os sonhos no dia a dia, nos planos físico, mental, emocional e espiritual.

Embora as leituras sobre sonhos representem apenas uma pequena fração do total (cerca de seiscentas em aproximadamente quinze mil), oferecem uma grande variedade de exemplos das atividades extensas da mente inconsciente. Estudiosos de psicologia que analisaram estes dados ficaram particularmente interessados em aspetos como as comparações com os estudos oníricos desenvolvidos depois das leituras de Cayce, os aparentes insights originais na interpretação de símbolos, a consideração de telepatia, clarividência, precognição e outros fatores psíquicos nos sonhos, bem como algumas ideias interessantes sobre tempo e espaço. Tudo isto sugere que os sonhos constituem uma porta importante e segura para a mente inconsciente — uma porta tão acessível a qualquer pessoa como um simples lápis e bloco de notas ao lado da cama.

Antes de passarmos a exemplos dos outros tipos de sonhos úteis — aqueles que qualquer um pode ter diariamente sem se aperceber do seu significado —, vale a pena olhar para algumas afirmações gerais das leituras sobre o alcance e a importância dos sonhos.

«Pois através destes [sonhos] a entidade pode compreender mais perfeitamente aquelas leis que dizem respeito à manifestação das forças psíquicas no mundo material. E muitas delas, como vemos,

referem-se às condições físicas… embora as condições sejam apresentadas por vezes de forma emblemática.» (137-4)

Outra leitura acrescenta: «… pode ganhar uma compreensão e conhecimento mais perfeitos daquelas forças que constituem a existência real — do que se trata tudo isto e para que serve — se a entidade apenas compreendesse as condições que se manifestam diante dela.» (140-6)

Os termos «sonhos» e «visões» são muitas vezes usados de forma intercambiável, embora uma visão tenda a ter mais implicações espirituais. «… as visões… podem ser usadas para o desenvolvimento da entidade na mente, no corpo, na alma, espiritualmente, mentalmente, financeiramente.» (341-12)

«Com os sonhos e visões que vêm ao indivíduo, estes são de várias classes e grupos, e são as emanações do consciente, subconsciente ou supraconsciente, ou a combinação e correlação de cada um, dependendo do desenvolvimento pessoal do indivíduo, e devem ser usados para o melhoramento de tal indivíduo.» (39-3)

«… com os sonhos que vêm… Estes, como vemos, podem ser usados para a edificação da entidade no sentido de como as leis espirituais se manifestam no mundo físico.» (136-14)

Sobre o canal da consciência: «Os sonhos que vêm a um corpo são de natureza e caráter diferentes, dependendo do canal através do qual são trazidos à consciência física; contudo, muitas vezes, mesmo sendo experiências da mente subconsciente, podem influenciar um indivíduo quanto à tendência ou mistura da ação mental da mente por bastante tempo, ou até que algo mais preencha a consciência.» (903-5)

E sobre o sono: «O sono é aquele período em que a alma faz o balanço do que agiu, de um período de repouso ao outro; tirando comparações, por assim dizer, que produzem harmonia, paz, alegria, paciência, amor fraterno e bondade — frutos do espírito; ou ódio, palavras duras, pensamentos desagradáveis e opressões, que são frutos de Satanás. A alma ou abomina o que passou, ou entra na alegria do seu Senhor.» (364-4)

O segundo grande tipo de sonho, e talvez o mais frequente, tem a ver com a compreensão de si mesmo. Nesta categoria entram os sonhos de realização de desejos, repressões, conflitos simbólicos entre a natureza inferior e a superior, trabalho inconsciente sobre problemas e muitas outras formas familiares.

Segue-se um exemplo marcante apresentado a Edgar Cayce para interpretação. Trata-se de um sonho bastante perturbador em que um símbolo representa outra pessoa que estava a influenciar negativamente a vida do sonhador.

Deve ter sido uma experiência onírica bastante horrível.

Q-1 — Manhã de 6 de maio de 1927. Estava no quintal das traseiras da minha casa, com o casaco vestido. Senti algo dentro do tecido na manga esquerda do casaco. Tentei tirá-lo, mas estava preso no pano e partiu-se ao sair, deixando uma parte dentro. Era um casulo e, ao partir-se, saiu uma pequena aranha preta. O casulo era preto e deixou uma grande quantidade de ovos pequenos na manga do casaco, que comecei a partir e a arrancar. A aranha cresceu rapidamente e fugiu, falando em inglês claro enquanto corria, mas não me lembro do que disse, exceto que mencionava algo sobre a mãe. Da próxima vez que a vi, era já uma grande aranha preta — eu sabia que era a mesma, agora adulta —, quase do tamanho do meu punho, com uma mancha vermelha e o resto de um preto profundo.

Nessa altura, tinha entrado na minha casa e tecera uma teia que atravessava toda a parte de trás do interior da casa, ficando confortavelmente a observar-me. Peguei numa vassoura, derrubei-a e atirei-a para fora de casa, pensando que a tinha matado, mas ela continuou a falar. Lembro-me de lhe pôr o pé em cima e julgar que estava morta. Da vez seguinte, tinha construído uma longa teia do chão para cima, no exterior da casa, no quintal das traseiras, perto do local onde a tirei da manga pela primeira vez; estava a subir rapidamente para o beiral quando me viu. Não conseguia alcançá-la, mas atirei o meu chapéu de palha à frente dela, cortei a teia e a aranha caiu no chão, falando novamente; dessa vez, cortei-a em pedaços com a minha faca.

A-1 — Nisto vê-se as condições emblemáticas (simbólicas) daquelas forças que estão a ser encenadas na vida deste corpo. Tanto a aranha como o seu caráter funcionam como avisos ao corpo, alertando para a necessidade de tomar uma posição firme em relação às relações com outras pessoas que, de forma sub-reptícia, procuram tirar ao corpo os seus arredores domésticos — que já estão a ser tomados — a menos que tal posição seja assumida.

As condições são da natureza emblematicamente mostrada pelas relações deste corpo com este outro corpo: inicialmente, essas relações pareciam apenas casuais, com potencial para serem aproveitadas de forma positiva, tanto social como financeira; no entanto, como se vê, tem havido um dreno constante na entidade, não só no bolso, mas também nos afetos do coração. Agora, tais relações ameaçam as próprias fundações do lar e ameaçam separar o corpo da casa e dos seus arredores. A menos que a entidade ataque esta condição, cortando-a da mente, do corpo, das relações e das circunstâncias, virá aquela condição ameaçada que foi vista no sonho.

Toma o aviso, então. Prepara-te. Enfrenta as condições como homem, não como fraco — e lembra-te dos deveres que o corpo deve primeiro àqueles a quem foram dados os votos sagrados, e aos quais a entidade e o corpo devem a sua posição em todos os sentidos; bem como o dever obrigatório de agir como defensor em relação àqueles a quem deve proteção, em vez de permitir, através de tais relações, palavras sombrias e sub-reptícias, como as ditas por quem procura minar, e também por aqueles de quem o corpo pode julgar que tais relações estão ocultas. Contudo, estas cresceram a tal ponto que representam uma ameaça ao próprio coração e alma desta entidade. Cuidado! Cuidado! 2671-5

O sonhador estava envolvido com uma mulher fora do casamento. Aparentemente, não deu atenção ao aviso. Seguiram-se divórcio, perda da casa, dos filhos e do negócio. Aqui, a linguagem do inconsciente descreve em símbolos vívidos os problemas enfrentados. O eu aparece em conflito e o problema é claramente definido. À luz da simbologia onírica freudiana, alguns detalhes — como a faca, por exemplo —

mereceriam um exame mais aprofundado. De passagem, é interessante notar o aparente insight clarividente das leituras relativamente ao caso que estava a destruir o lar.

Um exemplo do terceiro tipo — o sonho com conteúdo psíquico — encontra-se na seguinte leitura de Edgar Cayce:

12 de julho, ou madrugada de 13 de julho de 1925.

Sonhei que um homem tentava vender-me um rádio. Depois, alguém colocou veneno na maçaneta da minha porta e incitou-me a vir tocá-la. Fiquei terrivelmente assustado. Ele tentou forçar-me a tocar na maçaneta envenenada. Lutando, acordei em suor frio.

Nesta leitura, temos uma apresentação à mente de condições que surgirão nos assuntos físicos do corpo. A tentativa de venda do rádio refere-se ao negócio que será oferecido ao indivíduo em ações ou empresas relacionadas com rádio, apresentado como uma proposta maravilhosa. A colocação de veneno na porta representa as consequências negativas que adviriam se o corpo aceitasse ou investisse nessas condições, empresas ou ações. Daí o aviso para o presente ou para os próximos dezasseis a vinte dias: Não invistas em ações, obrigações ou quaisquer condições relacionadas com atividade ou trabalho de rádio. 137-17

Não é nosso objetivo provar que este seja um exemplo genuíno de precognição. Para tal, seria necessário saber quanto o indivíduo já conhecia sobre ações de rádio, o que tinha lido ou discutido sobre o assunto. Também seria preciso confirmar se ofertas desse tipo surgiram nos dezasseis a vinte dias seguintes ao sonho. Não temos acesso a essa informação. No entanto, existe em arquivo uma carta datada de 19 de julho de 1925 que sugere precisão. A carta, em parte, diz o seguinte:

«A leitura sobre o rádio é realmente maravilhosa. Foi como pendurar uma lâmpada vermelha como sinal de perigo para nos salvar dos maus efeitos dos nossos próprios erros.»

Dois pontos são claros: a leitura psíquica de Edgar Cayce interpretou o sonho do «rádio» como um aviso precognitivo, e o indivíduo envolvido considerou-o realmente como tal.

O quarto e último tipo de sonho a considerar aqui abrange visões que parecem conter orientação espiritual.

Um dos primeiros sonhos para o qual Edgar Cayce procurou interpretação foi um seu próprio, em que se via a si e a um associado próximo numa área rochosa. Água corrente separava grupos de pessoas cujas características gerais eram identificadas pelo ambiente. Edgar Cayce viu um peixe e tentou apanhá-lo. O peixe partiu-se e ele tentou juntar as peças.

Em 13 de janeiro de 1925, num estado inconsciente, deu a seguinte interpretação:

Esta foi uma visão. No sonho da água, com a separação dos conhecidos e do corpo, encontramos novamente a manifestação das forças subconscientes; a água representa a vida, o caminho vivo, que separa os de todos os caminhos da vida e existe em torno de cada entidade ou grupo, construindo aquilo que irradia na esfera terrestre ou na esfera espiritual, os atos praticados no corpo.

No peixe está a representação d'Aquele que se tornou o Caminho Vivo, a Água da Vida, dada para a cura das nações; na quebra, na separação, será ainda trazida a força que novamente fará disto o Caminho Vivo, a representação perfeita da força necessária para dar vida a todos. Nesta condição, relativamente às forças materiais necessárias para as manifestações materiais do trabalho no plano terrestre, é dado um caminho pelo qual muitos grupos, através de dois indivíduos, podem realizar o necessário para o cumprimento de muito do que foi dado em visões e sonhos. 294-15

Note-se a qualidade universal dos símbolos neste sonho ou visão: a água da vida, o caminho vivo e o peixe — o Cristo.

Aparentemente, este sonho dizia respeito aos objetivos e propósitos dos indivíduos que nele apareciam. A natureza do sonho parece determinada pelo significado dos símbolos.

Alguns Conceitos Básicos das Leituras de Edgar Cayce sobre Sonhos

Com estes exemplos dos quatro tipos gerais de sonhos em mente, podemos agora passar a alguns dos conceitos básicos que se deduzem desta abordagem.

Uma das primeiras referências a sonhos surge numa série de leituras gerais sobre temas filosóficos, obtidas em várias sessões no início de outubro de 1923 por um grupo de homens, um dos quais obteve a primeira leitura de vida de Edgar Cayce em 11 de outubro de 1923.

«Como em sonho, aquelas forças do subconsciente, quando correlacionadas com as formas (oníricas) que se relacionam com as várias fases do indivíduo, dão a esse indivíduo uma melhor compreensão de si mesmo, quando corretamente interpretadas ou respondidas.

Não esqueçais que foi dito corretamente que o Criador, os deuses e o Deus do Universo falam ao homem através do seu eu individual. O homem aproxima-se das condições mais íntimas desse campo do eu interior quando o consciente está em repouso no sono ou no entorpecimento, altura em que mais das forças interiores são tomadas em consideração e estudadas pelo indivíduo (não por outrem).

É tarefa de cada indivíduo, se quiser mostrar-se aprovado (por Deus, o seu Criador), compreender a sua condição individual, a sua posição em relação aos outros, a sua manifestação individual, através da receção individual de mensagens das forças superiores (assim, através dos sonhos).

Nesta era — em 1923 — não se dá suficiente crédito aos sonhos; pois o melhor desenvolvimento da família humana é dar o maior aumento no conhecimento do mundo da alma ou espírito subconsciente.» 3744-4

Várias pessoas próximas do trabalho de Edgar Cayce começaram a registar os seus sonhos, a estudá-los e a pedir frequentemente leituras dedicadas à sua interpretação. Ao longo dos anos, essas leituras pessoais recomendavam o estudo dos sonhos. Para uma pessoa, a leitura afirmou:

«Sim, temos aqui o corpo e os sonhos com as lições que podem ser retiradas deles. Ao dar isto, devemos primeiro considerar as condições que envolvem as forças mentais do corpo através das quais estes sonhos ou visões foram dados… houve poucos que o corpo retém na sua totalidade…» 106-6 [17-5-25]

Para outro indivíduo que pediu ajuda no desenvolvimento das suas capacidades psíquicas:

«…as forças psíquicas são a projeção do desenvolvimento da alma na Terra… o corpo não deve tentar conscientemente impedir a perda de si mesmo no sono ou entorpecimento, pois através disto encontraremos a primeira ação do psíquico a fazer a manifestação física à mente consciente.» 137-5 [2-11-24]

Outra leitura:

«…os sonhos são aquilo que permite à entidade ganhar uma compreensão e conhecimento mais perfeitos daquelas forças que constituem a existência real — do que se trata tudo isto e para que serve — se a entidade apenas compreendesse as condições que se manifestam diante dela.» 140-6 [7-11-25]

Cada introdução às leituras sobre sonhos sublinha, de diversas formas, a importância de usar esta ajuda do nível inconsciente.

«…e podem ser usados no caminho do desenvolvimento das entidades…» 341-18 [9-1-26]

«Os sonhos que vêm ao corpo dão as lições… virá a compreensão mais perfeita…» 538-13 [7-10-25]

Destas leituras emerge uma ênfase crescente na importância dos sonhos como via de acesso à área notável do homem conhecida como

«inconsciente». Os sonhos são apresentados como a linguagem deste aspeto da mente.

Fontes dos Símbolos Oníricos

Aparentemente, a mente armazena impressões recebidas através dos cinco sentidos — audição, visão, paladar, olfato, tato. Qualquer destas impressões armazenadas pode ser usada como símbolo onírico, em fragmentos ou em cenas completas. A nossa pergunta deve ser: «Isto é apenas um lampejo de memória libertado por algum mecanismo interno de associação, ou os símbolos têm significado? São uma mensagem do gigante?»

Um breve levantamento das fontes mais óbvias destes símbolos pode ajudar a compreender por que somos os nossos melhores intérpretes dos padrões oníricos.

Memórias de infância — Toda a experiência infantil, especialmente as de forte impacto emocional, pode tornar-se parte da linguagem dos sonhos. O amor por um cão, por exemplo, pode estabelecer o cão como símbolo de companheirismo e fidelidade; uma experiência traumática com um cão raivoso pode transformá-lo em símbolo de perigo e medo.

Atividades do dia — Mesmo uma análise superficial dos sonhos revela que muitos se relacionam com os assuntos do dia. Esperanças e preocupações quanto a negócios ou vida social podem misturar-se com aparentes soluções para problemas. Por vezes, os sonhos recriam um acontecimento; noutras, mostram-no como gostaríamos que tivesse ocorrido. Novamente, a pergunta: «Alguns destes acontecimentos ou ações serão símbolos de significados mais profundos, preocupações mais sérias?»

As interpretações freudianas de símbolos sexuais conhecidos — lápis, facas, postes, etc., para o órgão sexual masculino — ilustram como objetos comuns são usados como símbolos nos sonhos. No entanto, não seria sábio atribuir um significado sexual profundo e complicado a todos os sonhos, tal como não o faríamos a todos os pensamentos. Sugere-se que todos os sonhos têm algum significado e

que, mesmo tratando de assuntos quotidianos, podem ter um sentido mais complexo do que à primeira vista parece.

Alimento mental — O que lês? Que filmes e programas de televisão consumes? Estas coisas, juntamente com as observações diárias, tornam-se material de que alguns sonhos são feitos. Que vasto depósito, que reservatório! Que computador parece ser a nossa mente!

Memória racial; simbologia universal — Há evidências que sugerem que os sonhos podem participar de uma linguagem universal de símbolos. O inconsciente parece, por vezes, usar símbolos com denominadores comuns ou significados partilhados na nossa cultura, religiões e época. Devemos considerar que a herança racial, através dos genes e cromossomas, pode desempenhar um papel na linguagem onírica, ou que uma divisão do eu no tempo, através da reencarnação, pode fornecer padrões adicionais do eu interior. A água é geralmente vista como representando o eu mais profundo, o inconsciente; para uma pessoa religiosa, é um símbolo espiritual, associado, por exemplo, ao batismo. O velho de cabelo e barba brancos é uma figura de autoridade, o eu superior.

Conteúdo psíquico — Devemos também considerar a possibilidade de a mente, através de telepatia, clarividência, comunicação com outras dimensões, precognição, etc., captar material que pode ser trazido à consciência nos sonhos. Na verdade, o mundo dos sonhos parece ser uma das vias mais seguras e rápidas para o mundo psíquico do homem.

Simbologia religiosa — O nosso património religioso constitui um fator tão importante na vida, especialmente na infância, que devemos reconhecê-lo como uma das fontes principais de símbolos oníricos. O diabo, a maçã, a serpente, a montanha, a cruz — para citar apenas alguns — têm cada um um significado específico para a pessoa média, se esta simplesmente refletir sobre a pergunta: «O que significa isto para mim?»

O Corpo — Uma das fontes mais óbvias de símbolos oníricos é o próprio corpo humano. Partes do corpo aparecem frequentemente nos sonhos relacionadas com as suas funções: o estômago associado à

alimentação, a boca à fala, a mão ao fazer ou realizar algo, e assim por diante. Uma série de interpretações esclarecedoras pode ser encontrada nas referências a partes do corpo no índice das cerca de 600 leituras de Edgar Cayce sobre sonhos.

Uma senhora que visitava Virginia Beach pela primeira vez começou a contar uma longa história, mas parou de repente e exclamou: «Sabe, tenho tido um sonho muito estranho desde a infância, uma ou duas vezes por ano. Vejo-me a atirar fora punhados dos meus dentes. À medida que atiro um punhado, sinto que tenho outra boca cheia de dentes soltos.» Orientei-a para o arquivo de leituras sobre sonhos na nossa biblioteca.

Para uma pessoa, em duas leituras diferentes, Edgar Cayce interpretou dentes falsos como palavras prejudiciais. Para a mesma pessoa, dentes específicos referiam-se a alguns que precisavam de atenção. Para outro indivíduo que sonhou cair e arrancar dentes devido à ação de um amigo em particular, foi dado um aviso relacionado com as palavras desse amigo, que poderiam ferir o sonhador. Assim, os nossos sonhos usam partes do corpo como símbolos.

O estudo dos dados de Edgar Cayce sobre sonhos sugere um espectro de atividade mental inconsciente muito mais complexo do que aquilo que reconhecemos na nossa avaliação quotidiana de nós mesmos. Tal como temos pouca compreensão e apreciação da maravilhosa complexidade do olho humano e da sua função, é ainda mais evidente que temos um conhecimento muito limitado da nossa atividade mental tal como se reflete nos sonhos.

Para ser claro, perguntemo-nos: «Os nossos sonhos refletem apenas o amontoado de frustrações, repressões e fragmentos de perceções importantes empurrados para o fundo da mente? Ou será possível vislumbrarmos um eu superior através da janela da mente que chamamos sonhos?» Regressemos agora aos quatro tipos básicos de sonhos que mencionámos inicialmente: sonhos físicos, de auto-revelação, psíquicos e espirituais.

Tipos Básicos de Sonhos

Físicos — 13 de outubro de 1925: No momento em que acordava, senti-me na mesma condição física precária do inverno passado. Estava a ter um dos meus desmaios e Enna, a ama do nosso bebé, parecia tentar reanimar-me. Depois acordei mesmo.

A interpretação: «[O sonho é] um aviso à entidade para que execute plenamente as sugestões que lhe foram dadas, tomando aquilo que equilibrará as condições em todo o sistema, pois, como se vê, é a falta de metabolismo no sistema que causa os desconfortos ao corpo. Sê avisado e age.» 137-22

Aqui temos um aviso direto de uma condição física grave. Nem todos os sonhos físicos são tão fáceis de interpretar. Aparentemente, esta pessoa já tinha iniciado algum tipo de tratamento, reconhecera o problema e tentava resolvê-lo. O aviso não foi bloqueado por uma atitude de recusa em reconhecer a condição. A situação física é visualizada sem simbolismo.

Ao examinar outro sonho interpretado nas leituras de Edgar Cayce como relacionado com o corpo físico, encontramos símbolos interessantes.

6 de maio de 1926: Estava numa espécie de festa familiar. Estávamos a comer refrescos quando E.B. e outra pessoa começaram a brigar. Palavras duras levaram a uma luta à pancada e eu acabei por os separar.

A interpretação incluiu o seguinte: «Nisto é apresentado à entidade um aviso quanto à dieta (que influencia) as forças físicas do corpo… (representado como um indivíduo), (outro) indivíduo representando certas condições no plano físico ou moral…»

O indivíduo tinha sido aconselhado a tomar apenas certos tipos de estimulantes; aparentemente, estava a consumir outros mais fortes. O sonho avisava-o do desequilíbrio físico que resultaria, simbolizado pela luta. A interpretação prossegue: «… foi dito que a entidade deve tomar mais estimulantes ocasionalmente… ao tomar doces em certas formas, produz-se no próprio corpo um tipo diferente de álcool.» A luta

simboliza este conflito. A briga ocorre entre o indivíduo que representa a decisão mental e moral e outra pessoa que representa, digamos, o eu físico ou inferior.

O eu e os aspetos do eu aparecem em muitas disfarces nos nossos sonhos. Pode-se afirmar com segurança que um homem passa mais tempo a pensar em si mesmo do que em qualquer outra coisa. Não há razão para acreditar que este pensamento pare durante o sono. O eu mascara-se em diversas formas, como veremos.

Num sonho final relacionado com o corpo físico, observamos o inconsciente aparentemente a resolver um problema de forma direta. Para compreender o sonho é preciso conhecer o contexto. Um casal em visita a Phoenix, Arizona, na primavera de 1959, ouviu uma palestra minha sobre sonhos e decidiu começar a registar e estudar os seus próprios. Ao regressar ao Canadá, onde viviam, discutiram sonhos com o seu pequeno grupo de estudo. Os membros do grupo oravam diariamente uns pelos outros. O marido do casal sofria de asma há muitos anos. O grupo estava a orar especialmente por ele nessa altura. Eis o relato do sonho, retirado da carta da esposa:

«… Depois de ouvir a sua gravação sobre "Sonhos" da Conferência de Phoenix, decidimos tentar recordar os nossos sonhos e sentimos que recebemos uma mensagem de real benefício para um membro do nosso grupo. Um homem, o Sr. X, tinha uma condição asmática e tinha crises de tosse tão graves que por vezes desmaiava. Os médicos pareciam perplexos, diziam que era uma condição invulgar e não o conseguiam ajudar muito.

Na nossa reunião seguinte, uma semana depois de ouvir a gravação, a Sra. X recordou um sonho breve mas vívido que tivera. Não significava nada para ela, mas contou-o mesmo assim: Via uma mão a aparecer e a deitar dois onças de sumo de limão num copo, depois voltar e acrescentar um cubo de gelo. Apenas a mão. Era tudo, mas estava muito vívido na sua memória. Como tínhamos estado a lembrar o Sr. X no nosso período de meditação, sentimos que era uma mensagem, pelo que sugerimos à Sra. X que desse ao marido dois onças de sumo de limão por dia e experimentassem. Não faria mal nenhum. Os resultados

foram que, após duas semanas, a tosse dele melhorou tanto que não desmaiou mais (há quatro meses) e a tosse ou condição asmática desapareceu completamente. O curioso foi que ele gostava do limão e conseguia tomá-lo puro, só com gelo. O seu sistema devia precisar mesmo disso.»

Neste ponto não se sugere nada místico ou mágico. O inconsciente parece operar num nível muito prático. Pode-se supor que a esposa tivesse lido algures sobre os benefícios do sumo de limão para a asma, guardara essa informação e ela simplesmente veio à superfície no estado de sonho. Pode-se também acreditar que se tratava de uma condição psicossomática, que respondeu mais à sugestão do que a qualquer benefício específico do limão.

Tenho a certeza de que o cavalheiro envolvido concordará com uma ou ambas as ideias — desde que se reconheça o resultado: o alívio de anos de sofrimento com asma. O inconsciente parece ter o poder de avisar o consciente de problemas físicos iminentes, analisar atos que causam dificuldades e sugerir tratamentos. Obviamente, os sonhos seriam importantes mesmo que só se relacionassem com condições físicas. Em qualquer caso, deveríamos perguntar-nos: «O que teria acontecido se esta mulher não tivesse registado e estudado os seus sonhos?»

Revelação pessoal — Passando dos sonhos associados ao corpo físico, chegamos a uma categoria ampla, vagamente relacionada com o autoconhecimento. Esta agrupação pode comparar-se a uma loja de departamentos onde muitos itens estão sob o mesmo teto, ou a uma confederação de estados descrita como nação. Alguns dos tipos de sonhos desta categoria já foram mencionados: realização de desejos, desejos reprimidos, preocupações, resolução de problemas.

Outros incluem um vasto grupo que mostra conflitos entre duas áreas da mente, como conceitos religiosos da infância e novos conceitos científicos da experiência universitária. Algumas das experiências oníricas mais interessantes revelam a variedade de «eus», como diria George Gurdjieff, autor de *All and Everything*, que existem sob a personalidade exterior da pessoa média. Um gorila pode

representar a natureza animal; um louco, a raiva que por vezes nos domina; o capitão de um navio pode simbolizar os princípios estabelecidos, o eu superior; um lugar específico, como a casa onde se viveu outrora, pode relacionar-se com uma experiência traumática; uma estrada esburacada pode significar as dificuldades que a pessoa está a atravessar. Não seria possível catalogar todos os sonhos que caem nesta ampla categoria, muito menos dar exemplos. Talvez as seleções que se seguem nos ajudem a reconhecer o tipo ao lidar com os nossos próprios sonhos.

Aqui está um curto que as leituras de Edgar Cayce interpretam de forma elegante:

Terça-feira, 24 de novembro de 1925: Ao pentear o cabelo, descobri num sítio que estava emaranhado e frisado.

Interpretação: «Isto é emblemático de uma condição de nós no eu, quanto a algumas condições específicas em que a entidade forma conclusões demasiado rápidas, vês? Isto, e a data, devem trazer à mente da entidade essa condição, vês? Então considera novamente e age bem nisso.»

Muitos sonhos são muito mais complicados e exigem análise à luz da experiência passada e das atitudes estabelecidas. A imagem do eu que emerge é frequentemente pouco lisonjeira. Esta é provavelmente uma das principais razões por que não nos lembramos dos sonhos: não queremos enfrentar as facetas desagradáveis da nossa própria natureza. Sigmund Freud, o pai da psicanálise, que falou dos sonhos como a via régia para o inconsciente, fez uma contribuição notável ao revelar as profundezas desta natureza inferior.

Mais adiante ver-se-á que existem muitos símbolos para o eu inferior, incluindo várias formas animais diferentes.

Um dos símbolos mencionados acima, que revela uma área negativa do eu e das suas ações, é interpretado na seguinte leitura:

Terça-feira de manhã, 3 de novembro de 1925: O meu marido, a mãe dele e eu vivíamos juntos numa casa em Nova Jérsia. Ouvi muitos tiros e

excitação. Todas as janelas da nossa casa estavam abertas, chovia e trovejava lá fora; corremos para as fechar e trancar. Um homem selvagem terrível parecia correr pela cidade a disparar e a causar grandes problemas, e a polícia perseguia-o.

Edgar Cayce, do estado inconsciente, interpretou assim: «O homem grande, o bicho-papão que vem à entidade nestas condições emblemáticas (simbólicas) aqui apresentadas, e como visto noutras, está no próprio eu e no temperamento do eu, vês?» 136-18

Segue-se outro sonho da mesma pessoa. Este símbolo de experiência de morte é interpretado de forma provocadora:

[23-6-25]: Sonhei que morri.

Interpretação: «Esta é a manifestação do nascimento do pensamento e do desenvolvimento mental que desperta no indivíduo, à medida que as forças mentais e físicas se desenvolvem. Isto, então, é o despertar do subconsciente, manifestado na morte das forças físicas, sendo o nascimento no mental.» 136-6

Uma abordagem útil para explicar um sonho de morte, que é frequentemente um pensamento deprimente.

O sonho seguinte parece lidar com um conflito entre o eu superior, que tenta ajudar, e o eu inferior, que está em dificuldades:

[26-10-25]: Sonhei estar em casa. Duas pessoas pareciam estar comigo. Estávamos a observar um dirigível e um avião que voavam acima de nós mas pareciam em grande aflição. De repente, o dirigível girou sobre o nariz e caiu no relvado. Ouvi os gritos e gemidos dos ocupantes quando a aeronave embateu. Eu e as outras duas pessoas começámos a dirigir-nos ao destroço, mas fomos inicialmente afastados pelos sobreviventes. Pouco depois fomos chamados para ajudar a transportar os feridos para casa. O homem que eu transportava parecia ter magoado a perna e gritava para não lhe tirarem a perna. Mais tarde parecia que eu estava novamente no destroço. Bebi algo de uma garrafa e continuei a recolher ferramentas, um martelo e outras coisas.

Interpretação: «Nisto voltam a ser apresentadas à entidade as condições emblemáticas (simbólicas) da vida. No dirigível e na máquina voadora, aqueles altos ideais mantidos na mente da entidade sem suficiente estabilidade mostram que forças destrutivas podem vir a tais sem essa força de caráter nos caminhos testados e verdadeiros. A assistência vista é o chamado do eu para ajudar o eu, por assim dizer, da forma que a entidade tomaria.

A assistência e o chamado para não tirar ou remover porção do corpo indicam que a entidade vê em si condições que podem surgir, tornando necessário na obra da vida remover porções da mesma, a menos que se mantenha no caminho reto e estreito.

Beber da garrafa representa, então, a água ou a assistência da vida, apresentada nesse caminho reto e estreito. A recolha de ferramentas representa o equipamento de trabalho necessário para os sucessos que a entidade alcançaria. A lição, então, é vista.» 341-13

Ao considerar este sonho, note os símbolos usados pelo inconsciente do sonhador: o dirigível, o alto ideal que cai; os dois aspetos do eu, um ajudando o outro; a parte do corpo que pode ser perdida é uma porção da obra da vida que deve ser abandonada a menos que os ideais sejam mantidos; e a água, como ajuda das influências espirituais.

Trata-se do sonho de um rapaz universitário de dezoito anos. O dirigível cai no relvado da casa da infância, associada a sonhos juvenis. As ferramentas reunidas poderiam facilmente relacionar-se com o trabalho feito todos os verões nessa casa durante os anos do secundário e da universidade. No entanto, deve notar-se que as ferramentas são apenas símbolos do que é necessário para o sucesso.

Os símbolos seguintes e as suas breves interpretações das leituras de Edgar Cayce não devem ser usados como um livro de sonhos para consultar o significado dos símbolos. São dados aqui para completar o padrão desta grande categoria dedicada à compreensão do eu. Algumas palavras de uma língua estrangeira podem ser confusas e inadequadas. Cada pessoa deve estudar a linguagem do seu próprio

inconsciente, reconhecendo que mesmo os símbolos que parecem mais óbvios são frequentemente usados nos sonhos de forma muito individual.

Água — Fonte de vida, espírito, inconsciente

Barco — Viagem da vida

Explosão — Turmois, tumultos

Fogo — Ira, purificação, destruição

Uma pessoa — Representa o que o sonhador sente em relação a essa pessoa

Vestuário — A forma como se apresenta aos outros

Animais — Representam alguma fase do eu, de acordo com o que se sente em relação ao animal visto. Nesta área, especialmente, deve considerar-se a qualidade universal, histórica e racial dos significados. Por exemplo, o touro, a figura humana assexuada, o leão e a águia podem, para muitas pessoas, simbolizar os quatro centros vitais inferiores do corpo: as glândulas sexuais, as células de Leydig, as adrenais e o timo, por esta ordem. A serpente é simultaneamente símbolo de sabedoria e de sexualidade, associada à kundalini. Quando elevada aos centros superiores na cabeça, torna-se o símbolo da sabedoria.

Peixe — Cristo, cristão, alimento espiritual

Folhas mortas — Escórias do corpo

Lama, lodo, ervas daninhas emaranhadas — Aquilo que necessita de purificação

Nu — Aberto à crítica, exposto

Q — Os meus sonhos são alguma vez significativos de despertar espiritual?

A — Como a entidade experimenta, há sonhos, visões e experiências. Quando são apenas sonhos, estes também são significativos — mas mais relacionados com a saúde física ou condições

físicas. Nas visões há frequentemente uma interligação — a mente subconsciente — que dá expressões que promovem um despertar entre a consciência mental e aquilo que tem sido repetidamente ponderado na consciência física, sendo pesado com aquilo que consideras como ideal. Nas visões em que ocorrem despertares espirituais, estes são vistos mais frequentemente em símbolos ou sinais. Ao treinares-te para interpretar as tuas visões, as expressões de olhos, mãos, boca, postura ou similares devem ser compreendidas na tua própria linguagem. Quando estas forem (apropriadamente) simbólicas, sabe que o despertar está próximo. 269-9

Os nossos sonhos estão certamente, em grande medida, relacionados com o eu. Passemos agora à análise de alguns exemplos da atividade da mente num nível psíquico. Aqui o sonho pode refletir o nosso alcance a outras pessoas e lugares.

Sonhos Psíquicos — As leituras de Edgar Cayce dão considerável ênfase ao conteúdo psíquico dos nossos sonhos. Na verdade, como já foi mencionado, o estado de sonho pode ser a via mais segura e rápida para a maioria de nós se tornar consciente das capacidades naturais, mas pouco reconhecidas, da mente conhecidas atualmente como E.S.P. (perceção extrassensorial). Através desta sensibilidade parece que podemos alcançar, pelas janelas da telepatia, clarividência e precognição, dimensões de consciência para além das três habituais.

Primeiro, um exemplo do que parece ser um rapport telepático com uma pessoa viva.

[27-12-26] — Sonhei que a Emmie se suicidou.

Interpretação: «Isto mostra à entidade, através desta correlação das forças mentais do próprio corpo-mente e das do corpo-mente da Emmie, que tais condições passaram por esta mente — ou que foram contempladas tais condições, vês? Elas passaram.» 136-54

Em perguntas posteriores, a leitura enfatizou que essa atitude tinha passado. Verificou-se que era exato. A amiga tinha contemplado o suicídio. A sonhadora não se lembrava de qualquer razão para tal

sonho. Na verdade, não estava em contacto com a amiga há vários anos.

Em resposta à pergunta sobre como esta informação sobre a «Emmie» foi obtida pela mente da sonhadora, foi dado um esboço dos vários tipos de sonhos: pesadelos resultantes de desconfortos físicos; sonhos simbólicos; resolução de problemas; e sonhos psíquicos. Quanto a estes últimos, a leitura afirmou:

«Há outros em que existe uma correlação entre mentalidades ou entidades subconscientes, na qual foi atingida, física ou mentalmente, uma correlação de ideias individuais ou expressões mentais, que traz de um subconsciente para outro as condições reais existentes, diretas ou indiretas, a serem atuadas ou que estão sempre presentes, vês?

Daí encontramos visões do passado, visões do presente, visões do futuro. Para o subconsciente não há passado nem futuro — tudo é presente. Isto deve ser bem recordado em muita da informação que pode ser dada através de tais forças.» 136-54

Passemos a um exemplo de um tipo diferente de telepatia. Aqui a sonhadora parece comunicar com a mãe, que está morta.

[5-9-26] — A minha mãe apareceu-me. Ela disse: «Eu estou viva!»

Edgar Cayce interrompeu do estado inconsciente dizendo: «Ela está viva!»

O sonho continuou:

«Algo está errado com a perna ou o ombro da tua irmã (ou ambos, não me lembro bem). Ela devia consultar um médico sobre isso.»

A leitura explicou isto como comunicação da mãe falecida. Incluía o seguinte:

«… Pois, como se vê, a mãe, através da mente da própria entidade, é como mãe para todos no lar. Aviso, então, de condições que podem surgir e de condições existentes. Avisa a irmã quanto a isso.» 136-45

Tanto quanto a pessoa que teve o sonho sabia, a irmã não tinha problemas desse tipo. No entanto, quando verificado, o conselho revelou-se pertinente.

Não é fácil distinguir entre funções telepáticas e clarividentes da mente. O facto de estas faculdades funcionarem no estado de sonho não torna mais fácil a tarefa de as compreender. Talvez a melhor evidência de clarividência nos sonhos venha das chamadas experiências fora do corpo durante o sono.

Existem numerosas fontes de referência para tais experiências. Um dos livros mais conhecidos sobre o assunto é *The Phenomena of Astral Projection*, de Sylvan J. Muldoon e Hereward Carrington. Duas discussões mais académicas e melhor documentadas encontram-se em *The Enigma of Survival*, de Hornell Hart, e *The Belief in a Life After Death*, de C. J. Ducasse.

Algum aspeto da mente-alma parece deixar o corpo físico e mover-se para outro tempo-espaço. Quando detalhes do ambiente ou ações são notados e recordados na consciência, as observações podem constituir perceção clarividente, ou seja, apreensão direta em vez de conhecimento dos padrões de pensamento de outra pessoa. Apesar de todas as cerca de quinze mil leituras dadas por Edgar Cayce poderem ser exemplos de tais experiências fora do corpo, até agora nenhum sonho evidencial envolvendo esta perceção foi indexado.

Para um exemplo típico deste tipo de experiência onírica, permitam-me relatar um caso espontâneo descrito pelos próprios participantes.

A Sra. X, uma dona de casa, vivia em Sacramento, Califórnia. A filha e o genro viviam em Portland, Oregon. Os jovens tinham acabado de ter o primeiro filho, uma menina. A Sra. X escrevera à filha dizendo o quanto gostaria de os visitar e ver o bebé. Isso só seria possível na primavera. Na tarde de 6 de janeiro de 1961, a Sra. X deitou-se no quarto da sua casa em Sacramento. Desejou vagamente poder ver o bebé. Relaxou e adormeceu. De repente, tomou consciência de si mesma de pé à entrada da sala de estar da casa da filha em Portland. Estava consciente do seu vestido — um bonito, não o vestido de casa que usava ao

adormecer. Tanto a filha como o genro estavam na sala. Ambos olharam para cima, sobressaltados. A Sra. X acordou num estado ligeiro de choque e confusão. Meia hora depois o telefone tocou. Era a filha de Portland a ligar. Estava preocupada porque ela e o marido tinham visto a mãe de pé à entrada da sala. Pensaram que ela tinha morrido ou sofrido um acidente. Todos ficaram aliviados e curiosos com o que acontecera. A Sra. X não se lembrava se a filha conseguira descrever o vestido que usava. Seria possível «explicar» algumas histórias destas. Mas há um número perturbadoramente grande delas, e algumas, como a acima, contêm evidências que tornam demasiado grande a protuberância sob o cobertor da coincidência.

Passamos finalmente ao fascinante tipo precognitivo de sonho psíquico. Filosoficamente, o tempo é considerado uma das maiores barreiras à perceção da realidade pelo homem. Certamente há muita evidência disponível nos anais da investigação psíquica que mostra que é uma questão extremamente confusa nos estudos psíquicos.

De junho de 1925 a junho de 1929, uma jovem de vinte e um anos obteve setenta e nove leituras de Edgar Cayce interpretando os seus sonhos. As leituras faziam em média quatro sonhos por leitura, totalizando mais de trezentos sonhos. Durante este período a jovem casou-se, os pais morreram, nasceu-lhe um filho e enfrentou problemas com o marido que levaram ao divórcio. Os seus sonhos contêm o que parecem ser um número impressionante de experiências precognitivas. Seguem-se apenas algumas breves referências para ilustrar o tipo de material disponível para estudo — e o que se pode esperar de um estudo do próprio registo de sonhos.

6 de junho de 1925 — Sonho de uma amiga (ela própria?) à mesa do jantar a fazer amor violentamente com um antigo namorado.

A leitura avisou deste problema. Vários anos depois, a sonhadora pediu e obteve do marido o divórcio para casar com um antigo amigo. O casamento nunca se consumou.

7 de junho de 1925 — Sonho de uma criança com deficiência mental. (O filho dela foi um caso mental 25 anos depois. Nesta leitura

encontramos: «… pois os sonhos são aquilo de que o subconsciente é feito; qualquer condição é primeiro sonhada antes de se tornar realidade.»)

18 de julho de 1925 — Sonhou que o marido não voltaria mais para casa. A leitura avisou de possíveis problemas. (O divórcio seguiu-se cinco anos depois.)

29 de outubro de 1925 — Sonhou com cinco crisântemos no túmulo do pai. — A leitura previu que em cinco semanas ocorreria uma experiência com o pai (falecido) que seria reconfortante. Isso aconteceu num sonho na quinta semana.

27 de dezembro de 1925 — Sonhou que a irmã e ela estavam à cabeceira da mãe. Esta estava inconsciente. Ambas choravam: «Não nos deixes.» A leitura indicou aviso da morte da mãe.

17 de julho de 1926 — Sonhou viajar de barco com o marido. Um raio atingiu o barco e a caldeira explodiu. A leitura avisou de problemas entre marido e mulher que terminariam em divórcio quatro anos depois.

27 de novembro de 1926 — Sonhou que a prima se casara. — A leitura indicou que se tratava de precognição. O evento ocorreu vários meses depois.

Estes sete exemplos bastam para indicar o tipo de material disponível. Felizmente, Edgar Cayce recebeu correspondência regular do marido durante todo este período. Ele interessava-se pelo estudo dos sonhos da esposa. Há confirmações destes e de muitos outros pontos mencionados nesta série de sonhos.

Aqui está um último exemplo de aparente precognição. Trata-se de um evento histórico bem conhecido: o crash da Bolsa de Nova Iorque de 1929.

Um dos membros da Associação que registava e estudava os seus sonhos telefonou a Edgar Cayce nas manhãs de 5 de março e 6 de abril de 1929 para relatar sonhos da noite anterior. Leituras foram dadas para

os interpretar em cada uma das manhãs seguintes. Este homem, a quem chamaremos John Doe, era membro da Bolsa de Nova Iorque.

5 de março de 1929 — Sonhei que devíamos vender todas as nossas ações, incluindo as «box stock» (consideradas muito boas). Vi um touro a seguir a minha esposa, que estava vestida de vermelho.

Sobre este sonho, a leitura de Edgar Cayce inclui: «Isto é uma impressão de uma condição que está para vir, um movimento descendente de longa duração, sem permitir margem para aquelas (ações) consideradas muito seguras. Desfaz-te de todas as que possuis, mesmo as box, significa grande mudança a vir.» 137-115

6 de abril de 1929 — Sonhei que um jovem me culpava pelo assassinato de um homem. Um grupo perguntou: «Há mais alguém no mundo que saiba disto?» Respondi: «K. Cornell.» Vi o homem morto. O grupo começou a administrar uma injeção venenosa que tinha sido usada no morto. Senti a agulha e esperei a morte. 137-117

Acordei e voltei a adormecer. Sonhei a interpretação: «Isto representava a luta que decorria no Conselho da Reserva — estimulação das ações.»

A leitura de Edgar Cayce dada no mesmo dia, 6 de abril de 1929, incluía: «Terá certamente de vir uma rutura em que haverá pânico nos centros financeiros, não só na atividade de Wall Street mas com fecho das bolsas em muitos outros centros e um reajustamento da espécie real — cotações mais altas e mais baixas continuarão durante várias luas enquanto se fazem os ajustes — depois rutura.» 137-117

A 29 de outubro de 1929, 16 milhões de ações foram vendidas. As bolsas fecharam em Nova Iorque e noutros lugares. Firmas conhecidas foram forçadas a fechar. Homens suicidaram-se devido às perdas. Bancos fecharam. O país abandonou o padrão-ouro. Na verdade, houve um pânico financeiro que foi precursor de uma das piores depressões da história nacional.

Há símbolos interessantes e complicados nos curtos sonhos de John Doe. No primeiro, o vestido vermelho pode significar perigo. O touro

pode, para este homem, ser um «mercado em alta» que estava a partir. Foi uma curiosa coincidência que, meses depois, a esposa lhe tenha pedido o divórcio.

No segundo sonho, o grupo de homens foi identificado na continuação do sonho como membros do Conselho da Reserva Federal. A injeção parecia um bom símbolo para as injeções (apoio) dadas ao mercado em declínio. Talvez possamos esticar um pouco e identificar tentativamente K. Cornell, a atriz admirada e conhecida, como o eu superior ou espiritual de John Doe. O ataque a John Doe representava a perda que o magoaria pessoalmente, como de facto aconteceu, pois este homem não aceitou as interpretações.

Não agiu com base nelas. A descrição das leituras de «fecho das bolsas», «reajustamento da espécie», «várias luas» de flutuação contínua, «rutura», «pânico» eram termos fortes. Na altura, evidentemente pareceram exagerados. Tudo o que podemos dizer é que isto parece ser precognição em sonhos de um evento nacional crucial quase seis meses antes da sua ocorrência real. Pergunta a ti mesmo: «Sonho com acontecimentos futuros? Será isto possível?»

Orientação Espiritual — Ao considerarmos esta categoria de sonhos, devemos prestar especial atenção a três fatores principais: Primeiro, o simbolismo desempenha um papel importante neste tipo de sonho. Há menos casos de perceção direta ou imagens literais. Segundo, devemos procurar atentamente símbolos do eu superior. Neste ponto, não é importante se o chamamos superego, mente supraconsciente ou um conjunto de altos ideais e princípios. Terceiro, símbolos universais e padrões de memória racial são mais prováveis de aparecer neste tipo de sonhos do que em qualquer outro.

Segue-se um exemplo deste tipo de sonho dos arquivos de Edgar Cayce.

25 de abril de 1925 — Parecia haver duas formas de atravessar um rio: uma ponte superior e uma inferior. Algumas pessoas usavam a inferior; eu também, mas desta vez estava deitado e a viajar mesmo à

beira da água. Parecia-me perigoso, e tive de o fazer várias vezes antes de ganhar plena confiança.

Interpretação: «Nisto encontramos uma correlação das forças físicas e subconscientes; as lições dadas aqui: O rio, o caminho da vida; a passagem por cima, a existência ou o período através do qual o homem material passa na sua jornada pelo plano terrestre. Há dois caminhos: o superior e o inferior; o superior dá a grande e ampla visão sobre todas as forças universais, o inferior é sempre o caminho das grandes massas. 'Escolhe tu a quem queres servir.'» 900-64

Aqui está outro exemplo que usa símbolos diferentes, mas igualmente universais.

25 de outubro — Sonhei que cavalgava com alguém até ao topo de uma alta montanha. Ali mostraram-me uma bela vista espalhada lá em baixo.

Interpretação: «Isto, como se vê, indica emblematicamente (simbolicamente) condições nas forças mentais da entidade que estão a ser correlacionadas com condições cósmicas. Subir a alta montanha mostra a vida (da entidade) no seu desenvolvimento daquelas condições que dão a compreensão mais perfeita do mundo físico. A vista obtida é, então, aquilo que a entidade ganha em conhecimento sobre como adquirir posses no mundo físico ou satisfazer as inclinações dessa forma e maneira em que o mundo se torna, por assim dizer, escória para as forças mentais da entidade, como se vê naquilo que foi dito: 'Ainda que ganhes o mundo inteiro, mas percas a tua própria alma, de que serve?'» 341-15

Embora ambos estes sonhos assumam uma qualidade de conflito entre diferentes áreas do inconsciente, há certamente admoestações para orientação espiritual em ambos. Os símbolos — o rio, a ponte, a montanha — têm todos um significado universal. Pode ajudar muito uma pessoa chegar a uma compreensão de como o seu inconsciente usa estes símbolos bem conhecidos.

Aqui está outro tipo de sonho com significado espiritual:

21 de abril de 1925 — Vi o mundo como uma grande bola maciça e irregular, e eu parecia ser uma entidade que saía para o espaço e regressava à bola maciça, para me tornar parte dela, depois se separava novamente. Isto repetiu-se várias vezes.

Interpretação: «Isto é novamente a exemplificação no mundo material da entrada das forças supraconscientes nos reinos do subconsciente, agindo em harmonia com os elementos superiores das forças mentais da entidade. Daí a dificuldade, a incapacidade da entidade de atingir o acesso tentado. A lição, então: Mantém-te de tal forma e maneira que todas as questões relativas ao reino terrestre, às condições terrestres, sejam elas das forças físicas, mentais ou espirituais, possam ser acessíveis às forças mentais da entidade.» 900-64

Este sonho parece sugerir simbolicamente o alcance tremendo da mente. O sonhador, neste caso, tinha começado estudos no campo da investigação psíquica, que eram ao mesmo tempo excitantes e perturbadores. O sonho parece retratar esta nova atividade mental.

Consideremos uma última experiência onírica que teve um efeito profundo no sonhador. Não há interpretações disponíveis das leituras de Edgar Cayce. No entanto, a pessoa envolvida tem feito um estudo contínuo dos seus sonhos durante muitos anos. Tem uma mente excelente que está constantemente em conflito com a sua vida emocional. Neste sonho, as emoções são captadas num símbolo de altos ideais e princípios. O resultado foi uma experiência de cura, um renascimento espiritual.

«Acordei a soluçar. Havia uma memória vívida do Mestre Jesus a segurar-me nos Seus braços. Ele estava sentado e vestido com uma túnica azul. Fiquei dominada por um sentimento de ternura e amor. Durante um período após o meu divórcio sentira-me perdida. Agora sentia-me em paz. Foi uma sensação estranha, pois antes disto não tinha nenhum sentimento pessoal em relação a Jesus, nenhuma consciência d'Ele como pessoa. Este foi um ponto de viragem na minha vida.»

Parece que a experiência onírica pode ser vívida e comovente num nível espiritual. Talvez este tipo de sonho deva ser distinguido dos outros tipos como, na frase de Plínio, «sonhos enviados pelos deuses».

Trabalhar com os Próprios Sonhos

Ao observarmos a nossa mente a trabalhar durante o sono, tu e eu podemos descobrir que o nosso pensamento nem sempre é o que pensamos que deveria ser. Podemos também descobrir que somos muito mais capazes do que alguma vez imaginámos. Infelizmente, a atividade mental durante o sono está parcial ou quase completamente fechada à consciência durante a maior parte das nossas vidas. Assumindo por um momento que pode ser valioso e interessante abrir a porta a este mundo, como se pode fazer?

O primeiro passo é a determinação consciente de se familiarizar com a linguagem do inconsciente: «Quero saber o que a minha mente faz enquanto durmo.» Com esta decisão na consciência, começa imediatamente a pensar, enquanto te preparas para dormir: «Vou recordar-me dos meus sonhos.» Só isso. Não te envolvas numa sugestão complicada. Diz simplesmente a ti mesmo, várias vezes: «Vou recordar-me dos meus sonhos.»

Esta é uma sugestão positiva à mente inconsciente e, para que funcione, deves tomar medidas para completar a sugestão de modo a afetar a consciência física. Trabalha com a lei da expectativa. Coloca um bloco de notas e vários lápis bem apontados na mesa de cabeceira. Um pedaço de papel e um toco de lápis fora de alcance, do outro lado do quarto, só fará com que a tua mente inconsciente se ria de ti ou te ignore por completo.

Um passo final que completa a atitude expectante e é necessário para algumas pessoas: quando acordares, pega no bloco e no lápis antes de começares a pensar se te lembras ou não de um sonho. O sonho pode estar mesmo na ponta do lápis, por assim dizer. Se não estás habituado a recordar ou a ter consciência dos teus sonhos, poderás achar que estas sugestões são como pedir chuva num dia de sol e depois pegar no guarda-chuva ao sair de casa. Descobrirás que

funciona melhor do que a maioria das orações por chuva. Lembra-te de que é o teu inconsciente que recebe as sugestões. É um sinal de desrespeito (por ti mesmo), uma espécie peculiar de autocrítica, dizeres que não te lembras dos teus sonhos. Na verdade, estás a admitir que não tens ideia do que passas um terço da tua vida a fazer. Há uma boa hipótese de que o terço que estás a perder seja muito mais interessante do que os dois terços de que tens consciência limitada.

Ao começares a escrever o teu livro de sonhos — pois é isso que deve tornar-se —, há várias observações gerais que podem ser úteis. Algumas já foram sugeridas. Todos os sonhos são importantes, mas alguns são muito mais valiosos do que outros. Pode ser necessário registar muitos sonhos relativamente pouco importantes antes de começares a ter acesso aos mais importantes. Quando conheces um amigo pela primeira vez, trocam-se comentários agradáveis mas sem importância. Raramente se passa imediatamente a discussões sérias. Familiarizar-se com o inconsciente pode ser assim.

Os sonhos podem ter vários significados em diferentes níveis. Por exemplo, um sonho pode relacionar-se com o corpo físico, com a tua profissão e conter também orientação espiritual. Tu és o melhor intérprete dos teus sonhos. Não aceites as soluções dos outros para não evitares, sem querer, enfrentar-te de forma útil. Não te perturbes com a natureza física ou com os frequentes padrões sexuais dos teus sonhos. Lembra-te de que estás na Terra num corpo de carne sujeito a todos os desejos e impulsos de uma natureza inferior. A observação objetiva ajudar-te-á a compreender o que enfrentas ao lidar contigo mesmo. Muitas pessoas não conseguem recordar sonhos devido a esta recusa em admitir a existência deste lado da sua natureza.

Lembra-te de que um bom psicólogo ou psiquiatra poderia exigir-te que registasses cem sonhos ou mais antes de começar a trabalhar contigo. Não conseguirás compreender os teus sonhos só por conheceres o significado de alguns símbolos oníricos, tal como não conseguirias ler uma língua estrangeira com um vocabulário reduzido. Temos de aprender a linguagem do nosso inconsciente.

Agora vamos pegar num sonho e analisá-lo passo a passo. Há vários anos, um jovem nos seus vinte e poucos anos participou num projeto de estudo de sonhos num dos projetos de verão da nossa Associação. Ficou interessado em trabalhar com os seus sonhos e continuou a registá-los depois de deixar Virginia Beach. Teve o seguinte sonho vários meses após a sessão de verão:

Viu-se a si mesmo de pé junto ao oceano, a pescar. A água estava clara e bela, embora turbulenta. Ao seu lado, na areia, estava uma pequena figura, não uma criança, mas uma réplica pequena de si mesmo. Este eu menor estava a chorar. O eu maior apanhou um peixe, uma bela linguado de cor laranja. O eu maior virou-se para o eu menor e deu-lhe o peixe, momento em que o choro parou imediatamente. O linguado bateu as barbatanas e caiu num arbusto. O eu pequeno começou a chorar novamente. O jovem começou a procurar o peixe. Ao afastar os arbustos, descobriu que o peixe estava a ser comido por dois animais. De um lado do linguado laranja estava um castor e do outro um coelho branco. O castor fugiu e não voltou. O coelho branco saltou para o oceano, nadou à volta e saiu pingando e desgrenhado.

Se tivesses este sonho, como começarias a analisá-lo para compreender o que a mente inconsciente está a pensar? Começa com uma pergunta que terás de fazer a ti mesmo muitas vezes ao trabalhar com os teus sonhos: «O que significa para mim um peixe, o oceano, um coelho?» Toma cada símbolo separadamente. Questiona-te sobre ele e escreve algumas frases. Passa por cima dos difíceis por enquanto. Volta a cada símbolo uma e outra vez até conseguires trabalhar um significado para cada um dos itens principais do teu sonho. Se necessário, guarda o puzzle por um dia ou dois, depois regressa, acrescentando quaisquer novos significados que te ocorram. Evita usar apenas associações de palavras; usa frases para descrever o que os símbolos significam para ti.

Aqui estão dois dias diferentes de trabalho nos símbolos deste sonho, feitos por este jovem.

Oceano — Li que a água significa espírito ou fonte de vida, ou o inconsciente.

Pescar — Ato de procurar no reino espiritual.

Um peixe — Algo vindo do reino espiritual.

O eu (maior) — Eu como sou agora no físico.

O eu menor — Poderá ser a minha infância? Teria eu sido privado ou tido fome na infância?

Chorar — Parte de mim que quer algo. Parou de chorar quando recebeu o peixe.

O peixe fugiu — Perdi algo que fez o eu menor voltar a chorar.
Castor — Trabalhar como um castor.

Coelho — Tímido.

Mais tarde, o jovem voltou à lista de símbolos acima e acrescentou ao que já tinha escrito.

Oceano — (Acrescentar dados anteriores) Mais tarde — Seja o que for que o oceano representasse, como fonte espiritual de vida ou inconsciente, estava lindamente claro, mas turbulento.

Pescar — o mesmo. Mais tarde — nada mais.

Um peixe — Mais tarde — O peixe foi o símbolo usado pelos primeiros cristãos. Poderá significar Cristo, ou alimento espiritual?

O eu (maior) — Mais tarde — Parece que estou a procurar, ou a pescar, como faço na vida real agora, por direção para a minha vida e soluções para os meus problemas.

O eu (menor) — Mais tarde — Isto não é uma criança. É uma duplicata exata de mim. Poderá ser a parte de mim que precisa de alimento espiritual, pequena, pouco desenvolvida, uma parte de mim que está a clamar e fica satisfeita quando recebe o peixe? Talvez não seja a minha infância, mas sim uma parte de mim tal como sou agora que precisa de ajuda.

Chorar — Mais tarde — Nada mais.

O peixe fugiu — Mais tarde — De alguma forma, o meu alimento espiritual está a escapar.

Castor — Mais tarde — Quando penso num castor, penso em trabalho. Talvez seja o meu emprego.

Nota: Neste ponto, seria útil apresentar algum contexto que nos ajude a compreender o que este jovem estava a descobrir sobre si mesmo através do sonho. Trabalhava numa fábrica que produzia peças para mísseis. Estava infeliz no trabalho, pois preocupava-se por dedicar tempo ao que considerava esforços destrutivos. Ao trabalhar com um grupo de jovens muito materialistas, começara a adotar os seus hábitos: linguagem grosseira, bebida regular depois do trabalho, etc. Estes hábitos tinham-no posto em conflito com a jovem esposa e desenvolvia-se uma relação infeliz. Num sentido muito real, o castor (o trabalho) estava a devorar o seu alimento espiritual.

Coelho branco — Mais tarde — Criei muitos coelhos brancos quando era menino. Às vezes gostava deles. Muitas vezes era trabalho árduo cuidar deles.

Foi necessário um questionamento considerável para ajudar este jovem a perceber de repente que o coelho branco poderia muito bem ser, para ele, um símbolo sexual. «Gostava deles» resumia-se às suas observações sobre os hábitos sexuais dos coelhos. Aparentemente, aprendera muito com os coelhos. As suas atitudes em relação ao sexo como adulto também poderiam ser vistas como algo que devorava o seu alimento espiritual. É interessante notar que este jovem acabou por deixar o emprego e arranjou outro numa área de trabalho que considerava mais construtiva (o castor fugiu). Fez um esforço real para repensar e mudar as suas atitudes e hábitos sexuais (o coelho nadou no oceano e regressou à praia).

Ao examinar este sonho e os comentários do jovem sobre os símbolos, é possível traçar algumas das fontes desses símbolos. Tais observações devem ajudar-nos a lidar com os nossos próprios símbolos oníricos.

A observação do sonhador sobre a água é clássica. Neste caso, ele segue a pista de algumas das cerca de 600 leituras de Edgar Cayce que interpretam sonhos. O peixe foi entendido num sentido histórico,

através da associação com os primeiros cristãos. Aqui também as leituras de Edgar Cayce sugerem um significado que ele parece ter adotado — «alimento para o espírito» ou a melhor parte da sua natureza.

O eu maior e o eu menor são símbolos interessantes. De notar especialmente é o primeiro pensamento do sonhador em relacionar o eu menor com a infância. Aqui, uma transcrição do sonho, escrita imediatamente ao acordar, é extremamente valiosa. Teria sido fácil transformar a «pequena duplicata de si mesmo» numa imagem de infância. Assim, os pais poderiam ter sido culpados por negligenciarem a formação espiritual nos anos anteriores. O eu moderno teria ficado mais livre de responsabilidade atual. Mas o sonho escrito descrevia este eu pequeno como uma «duplicata de si mesmo», não como uma criança.

O «castor» e o «coelho» vieram de expressões aceites e bem conhecidas — «trabalhar como um castor» — e de uma memória de infância que a princípio era obscura. As respostas à pergunta «O que significa para mim um coelho?» trouxeram gradualmente de volta o significado mais completo do símbolo do coelho branco. Desta distância é possível questionar a primeira descrição do coelho — «tímido». Quanto de violência terá entrado nesta atitude para compensar esta reação? Qual o significado, se algum, da cor do peixe, laranja? Em alguns sistemas de pensamento, a cor laranja pode relacionar-se com as glândulas adrenais, associadas tanto ao medo como à coragem. Certamente será útil anotar as cores nos sonhos, especialmente quando identificadas com símbolos particulares.

Não se pode deixar de deixar a mente divagar por um momento para um dos sonhos mais famosos, que se tornou um clássico infantil para adultos: *Alice no País das Maravilhas*. Foi um coelho branco que levou Alice, uma rapariga adolescente, para dentro do buraco. As passagens que ela atravessou poderiam muito bem comparar-se aos corredores do inconsciente. Certamente todos procuramos a porta do jardim para o lugar belo, e todos nos encontramos frequentemente bloqueados por um eu físico que cresce demasiado grande e demasiado

importante. E certamente todos por vezes quase nos afogamos nas nossas próprias lágrimas de autocomiseração.

Resumo breve:

Primeiro, sugere a ti mesmo ao ires dormir: «Vou recordar-me dos meus sonhos.»

Prepara-te para começar a escrever imediatamente ao acordar. Quando os sonhos forem muito longos, resume-os. Poderás completá-los mais tarde se tiveres registado os pontos principais.

Decompõe o sonho em símbolos separados. Lista cada um e, a seguir, escreve uma frase que responda à pergunta: «O que significa isto para mim?» Agora regressa ao sonho e coloca a tua explicação no lugar de cada símbolo. O sonho «abrir-se-á».

Conclusão

Em *The Twilight Zone of Dreams*, André Sonnet cita o físico alemão do século XVIII Georg Christophe Lichtenberg ao dizer: «Os sonhos conduzem-nos frequentemente a situações e circunstâncias que, se estivéssemos acordados, só poderíamos abordar com grandes dificuldades. Ou deixam-nos com sentimentos desconfortáveis devido a causas que ainda são pequenas mas que, com o passar do tempo, poderiam crescer até um grande desconforto. Assim, os sonhos podem influenciar as nossas decisões e fortalecer a nossa equidade moral muito melhor do que todos os ensinamentos formais, que têm de seguir caminhos indiretos antes de chegarem aos nossos corações.»

Aqui, tal como nas leituras de Edgar Cayce, é sublinhada a qualidade pessoal dos sonhos. No nosso estudo informal, este fator pessoal foi notado e enfatizado ao agrupar os sonhos em quatro grandes categorias: físicos, de revelação de si, psíquicos e espirituais. Lembra-te de que muitas outras classificações de sonhos poderiam ter sido escolhidas de acordo com o estudo particular em curso. Os nossos quatro grupos lidam todos com elementos pessoais, mas, mais importante, parecem relacionar-se com ajuda vinda da mente inconsciente. Não se deve assumir que todos os sonhos contenham tal

ajuda. No entanto, é importante notar que as leituras de Edgar Cayce dão ênfase invulgar a este ponto. Há também ênfase na necessidade de interpretação individual.

O objetivo deste estudo foi duplo: primeiro, delinear ideias das leituras de Edgar Cayce sobre sonhos; segundo, encorajar-te a tornares-te um pequeno laboratório individual para testar estas ideias. Aqui não precisamos de depender de teorias. Não se trata de simplesmente aceitar o que foi exposto. As ideias podem ser testadas. Escreve o teu próprio livro de sonhos. Estuda os teus sonhos conforme aqui delineado e partilha os teus resultados connosco. O próximo livro que publicarmos sobre este tema deverá ser escrito por ti. No processo, poderemos descobrir uma nova e útil fonte de inspiração e força. Talvez consigamos direcionar este gigante interior para nos ajudar rumo a uma vida mais rica e plena.

Um Psíquico Interpreta os Seus Sonhos

por Tom C. Clark, Ph.D.

O sonho é talvez o fenómeno psíquico mais antigo na história do homem. Desde que dorme, o homem sonha. Em várias etapas do seu desenvolvimento, o homem conheceu o significado dos seus sonhos e foi guiado por eles. Noutras ocasiões, os aspetos assustadores do seu conteúdo místico fizeram-no ignorá-los. Não será sem razão que o significado e a importância do sonho estão a ser redescobertos, reexaminados e reavaliados nesta civilização, a mais material de todas. Tal como não é sem razão que as nossas maiores doenças atualmente são doenças mentais e que os nossos cientistas mais progressistas e contributivos são psicoterapeutas, psicólogos e psicanalistas — assim o significado e o valor do sonho como expressão ou pista que leva à cura, ao aviso, à coragem ou à força recebem agora um novo reconhecimento.

O Antigo Testamento abunda em histórias de sonhos, sonhos de profecia e de aviso. Há também muitas referências a sonhos no Novo Testamento. Por exemplo, nos dois primeiros capítulos de São Mateus são registados cinco sonhos interessantes. No primeiro, depois de José

descobrir que Maria estava grávida, considerou divorciar-se dela, mas então o anjo do Senhor apareceu-lhe em sonho e disse-lhe que a criança era do Espírito Santo. O segundo orientou os magos após o nascimento de Cristo, pois viram o suficiente num sonho para não regressarem a Herodes, mas, por segurança, voltarem ao seu país por outro caminho. No terceiro, o anjo do Senhor apareceu novamente a José em sonho e disse-lhe para levar o Menino Jesus para o Egito e lá ficar até que lhe fosse dito o contrário, pois Herodes destruiria a Criança. O quarto sonho ocorreu após a morte do rei Herodes, e José foi então instruído em sonho para levar o Menino e a Sua Mãe e regressar a Israel. Mas quando José ouviu que Arquelau, filho de Herodes, sucedera ao pai, teve medo de regressar, e no quinto sonho foi-lhe revelado que devia ir para a terra da Galileia. Estes cinco sonhos surgiram num momento crítico na orientação de uma grande vida.

O meu longo interesse e estudo do fenómeno dos sonhos levaram-me a aceitar de bom grado um convite para dar três palestras sobre o tema num Congresso de junho em Virginia Beach. A maior parte do material dessas palestras veio de psicólogos como Freud, Adler e Jung, e tentei mostrar as diferentes técnicas de interpretação de sonhos, bem como a importância do sonho para o indivíduo na ajuda à compreensão de si mesmo ou no ajuste a um problema dentro de si ou nos outros. Como ilustração de um método invulgar de análise, levei também vários sonhos que tinham sido interpretados pelo psíquico Edgar Cayce em leituras clarividentes para pessoas que submeteram os seus sonhos e procuraram a ajuda e orientação da sua informação.

Só depois de terminar as palestras é que soube que o próprio Edgar Cayce submetera toda uma série dos seus sonhos à sua fonte psíquica e recebera interpretações deles. A existência deste material onírico invulgar interessou-me muito, e desde então tenho dedicado considerável tempo a estudar o ficheiro completo dos sonhos de Edgar Cayce e as interpretações que ele obteve.

Encontrei um total de noventa e um sonhos assim interpretados. Estes sonhos estenderam-se por um número considerável de anos, sendo o primeiro registado a 13 de janeiro de 1925 e o último a 14 de

fevereiro de 1940, abrangendo assim um período de quinze anos. Para facilitar a análise, organizei-os em cinco categorias diferentes.

Tipos de Sonhos Estudados — A primeira divisão geral é entre «sonhos de sono», isto é, sonhos que Edgar Cayce teve no sono normal, e sonhos que teve enquanto em estado psíquico ou sob auto-hipnose. É curioso notar que, quando este homem se colocava em sono para dar uma leitura, a pessoa para quem a leitura era feita podia estar em Miami, na Florida, enquanto o corpo físico de Edgar Cayce estava em Virginia Beach, na Virgínia. No estado de transe, enquanto a sua mente obtinha de alguma forma informação da Florida, por vezes era informado pelo seu inconsciente em sonho. Ao acordar, recordava o sonho, mas sobre o assunto da leitura não tinha qualquer recordação consciente. Houve apenas onze destes sonhos no seu estado hipnótico autoinduzido que foram depois submetidos a interpretação psíquica, enquanto houve oitenta sonhos de sono normal.

Os sonhos de sono normal dividi ainda em cinco temas diferentes: (1) Sonhos de trabalho. Esta palavra «trabalho» é um termo usado por Cayce e os seus associados para abranger o seu fenómeno psíquico e todas as atividades em torno dele. Houve trinta e cinco destes sonhos. (2) Sonhos de problemas pessoais. Nesta categoria coloquei sonhos sobre os problemas e dificuldades de Cayce consigo mesmo, e problemas que surgiam nas suas relações com os outros e que não tinham uma relação particular com o seu trabalho psíquico. São sobre problemas de dinheiro, de pessoas, de mudanças constantes de casa, e sobre o seu desenvolvimento, as suas fraquezas e a sua força. Houve trinta e três destes sonhos. A categoria seguinte designo como (3) sonhos sexuais, sete ao todo. A quarta categoria (4) abrange sonhos de Cayce sobre a sua condição física, hábitos de saúde e doenças. Houve cinco destes sonhos. Isto perfaz os noventa e um sonhos para os quais foram obtidas interpretações.

O Psíquico como Homem — Neste ponto quero dizer algumas palavras sobre Edgar Cayce, o homem, e o que estes sonhos revelam sobre o seu carácter e personalidade. Nada é mais revelador da pessoa real que se esconde atrás da máscara superficial da consciência do que

os seus sonhos, e quando estes são registados em sequência cronológica ao longo de anos, vemos não só os traços dominantes de carácter, mas também o seu desenvolvimento e mudanças. Juntamente com as fraquezas, medos, dúvidas, ansiedades, ódios, irritações e instabilidade emocional do homem, vemos a sua força, coragem, princípios, honestidade, fiabilidade e lealdade. Tudo é posto em exposição para exame e revisão.

De um ponto de vista, há boas razões para que tudo isto esteja escondido na linguagem mística dos símbolos oníricos, que exigem horas pacientes de introspeção tranquila para a descoberta do seu verdadeiro significado e aplicação. A verdade crua e instantânea sobre nós mesmos apresentada de uma só vez seria um choque demasiado grande para a maioria suportar. Mas a escavação paciente e o exame muitas vezes transformam um facto cruel nos sonhos numa solução útil, tal como uma grande dose de medicamento tomada de uma vez pode matar o doente, mas se administrada ao longo do tempo, em pequenas doses, realiza um milagre curativo.

Nos primeiros sonhos, entre 1925 e 1930, Cayce revela-se a lutar e a combater consigo mesmo. Tinha o pressentimento de que o que passava através dele era de natureza divina e os seus sonhos revelavam-lhe que ele estava longe de ser um indivíduo divino. Lutou desesperadamente consigo mesmo para viver e trazer para a sua vida consciente alguns princípios divinos. Numa ocasião, a sua fonte psíquica, quando questionada sobre a interpretação de um sonho, recusou a informação porque, disse, no passado, em ligação com sonhos semelhantes que tinham sido interpretados, Edgar Cayce ignorara a lição e nada fizera na sua vida para corrigir ou ajustar. Até o seu informante psíquico, então, virou-se contra ele com impaciência e crítica. Em certos aspetos — e infelizmente eram aspetos importantes — ele era um homem fraco, tal como a maioria de nós nestes aspetos é fraca.

Após 1932, o conteúdo dos sonhos começou a alterar-se. Foram submetidos menos sonhos à fonte psíquica para interpretação e era evidente uma mudança definida no desenvolvimento espiritual de

Edgar Cayce. Os conflitos e dúvidas estavam bastante resolvidos e ele tinha uma compreensão intuitiva mais clara do significado, importância e validade da informação que passava através dele.

Não conheci Edgar Cayce em vida e não é meu propósito usar estes sonhos para emitir qualquer julgamento sobre ele. A sua obra de vida e o que deixou para trás farão isso. Não posso, no entanto, deixar este tema sem afirmar que, apesar de todas as suas fraquezas, dúvidas, medos, arrogância, perversidade, teimosia e por vezes pura teimosia, ele manteve e preservou ao longo de toda a vida o desejo de ajudar as pessoas como ideal. Este ideal dominou toda a sua existência e, embora por vezes pudesse ter sido obscurecido, era sempre reavivado e, no final, foi cumprido. Ele ajudou as pessoas e, além disso, deixou um tesouro que continuará a ser uma fonte de ajuda para aqueles que o procurarem.

Curiosamente, para os psicólogos modernos, psicoterapeutas e analistas, o estudo e a análise do fenómeno do sonho não trouxeram consigo o tema indispensavelmente relacionado do sono. Os sonhos que penetram na nossa consciência ocorrem todos no estado de sono ou, melhor dizendo, naquele estado em que a consciência está ausente, pois sabemos que os sonhos surgem em hipnose e sob vários tipos de anestesia, onde a consciência normal está dormente.

Carl Jung, o psicoterapeuta, afirmou que provavelmente sonhamos o tempo todo — tanto em estado consciente como quando dormimos —, mas creio que aquilo a que ele chama a realização do sonho em estado consciente é, na verdade, uma visão, uma alucinação ou uma perceção intuitiva ou clarividente. Não é, definitivamente, a mesma coisa que um sonho de sono.

O que é o sono? E o que acontece no sono que produz o sonho? Precisamos de alguma resposta a esta pergunta, ou de uma teoria sobre ela, antes de prosseguirmos para o exame destes sonhos e da linguagem simbólica onírica. Dos materiais de sonhos de Cayce emergem sugestões para uma teoria do sono.

A consciência é um fenómeno suportado por um mecanismo material. O assento da consciência é algo completamente diferente do assento da mente, da memória, da imaginação e do espírito. Como algo puramente empírico, o neurocirurgião conseguiu isolar uma área mínima de funcionamento para a consciência numa região relativamente pequena do tecido cerebral, conhecida como secção do tálamo. Usando anestesia local, estes cirurgiões conseguiram cortar grandes áreas do cérebro sem destruir a consciência e com o paciente a permanecer completamente consciente do ambiente, das pessoas e do que se passava, sendo até capaz de conversar com os cirurgiões e enfermeiras.

Apenas quando esta secção do tálamo, que representa menos de 1/300 da massa cerebral, é gravemente lesionada é que a consciência se perde. Até este ponto, a consciência é material e é composta por impressões e reações dos cinco sentidos transmitidas através dos nervos sensoriais ao cérebro.

Os cinco sentidos principais da consciência são, naturalmente, a visão, a audição, o tato, o paladar e o olfato. A combinação destes sentidos com muitos outros na superfície e no interior do corpo constitui o que vagamente chamamos «consciência» e o seu funcionamento, consciência.

O que acontece, então, quando adormecemos?

No sono, estes sentidos relaxam-se e entram em repouso. Não estão ativos, embora o sentido auditivo permaneça de guarda. Como sabes, através de sugestão sussurrada uma pessoa pode ser hipnotizada durante o sono, mas a estimulação de qualquer um dos outros sentidos despertará o dorminhoco e trará de volta a consciência. É uma característica dos sentidos que eles produzam o que se conhece como perceção. A perceção é a tradução de um impulso transmitido através de um ou de uma combinação dos sentidos numa consciência da coisa percebida.

Por outras palavras, a perceção é em si mesma um sentido e, para os nossos propósitos, podemos designá-la como uma espécie de «sexto

sentido». Podemos também postular com segurança que este sentido da perceção, este sexto sentido, não relaxa nem entra em repouso durante o sono como fazem os outros cinco sentidos. Vamos visualizar este sentido da perceção como sendo da natureza de uma placa fotográfica que traduz impressões sensoriais em objetos. Esta é a função do sentido da perceção e este sentido continua a desempenhar essa função quer o corpo esteja em estado de consciência quer de inconsciência, desde que este sentido da perceção seja ativado por outros impulsos.

Como podes ver, o sentido da perceção permanece consciente e continua a funcionar durante o sono. No entanto, no sono recebe os seus impulsos do outro lado, ou seja, do inconsciente e dos sentidos do inconsciente, em vez dos cinco sentidos da consciência.

Toda a função do corpo humano — e este sexto sentido é uma função muito importante — possui as ferramentas e o equipamento necessários para desempenhar essa função. Na consciência, este sentido da perceção realiza a sua função principalmente através do uso de imagens visuais, sendo a importância do sentido da visão bem ilustrada pela expressão «ver para crer» — ou, como se dizia no Missouri (mas aparentemente já há muito esqueceram): «Mostra-me!»

A nossa consciência é muitas vezes dominada por estas imagens visuais, ao ponto de obliterar impressões dos outros sentidos. Além disso, a capacidade de formar imagens frequentemente nos domina e exageramos ou não reconhecemos um acontecimento que realmente testemunhámos quando mais tarde nos é mostrado como registado por uma câmara.

Os nossos devaneios estão cheios de imagens visuais e tem-se dito que, para a maioria de nós, pensamos em imagens. Menciona a palavra «casa» e a maioria vê uma casa; «cão» e vês um cão; «sogra» e vê-la também. A maioria não vê as palavras «casa», «cão» ou «sogra». Vê os objetos. Estas imagens de todo o tipo concebível são as ferramentas e o equipamento dos sentidos da perceção, tal como os glóbulos vermelhos, glóbulos brancos e hemoglobina são as ferramentas e o equipamento do sangue.

Postulámos que este sentido da perceção, este sexto sentido, não entra em repouso durante o sono como os outros sentidos; e imaginámo-lo como uma placa fotográfica na qual a imagem existe, à espera de um estimulante para ser iluminada. Sugiro-te que, no sono, essa imagem se torna o que chamamos um «símbolo». Trata-se simplesmente do nosso sentido da perceção a empregar as mesmas ferramentas que usa na consciência; estimulado, no entanto, pelos sentidos do inconsciente em vez dos cinco sentidos da consciência.

Quais são, então, estes sentidos do inconsciente, ou melhor, para o nosso propósito presente, quais são os sentidos do inconsciente que produzem sonhos?

Como notarás, estamos agora numa área de teoria e suposição onde não existe prova científica e onde o teste é a razoabilidade da teoria. Confio que não serás demasiado crítico. Pelo menos, não me podes acusar de abandonar factos por teoria, pois não existem factos e acredito estar a propor uma nova teoria — cada pedaço da qual vem destas leituras psíquicas sobre a natureza do sono e o fenómeno dos sonhos. Deves desculpar-me se não sou demasiado exato na definição dos termos. Afinal, são conceitos subjetivos de quarta dimensão e é extremamente difícil exprimi-los na nossa linguagem tridimensional comum.

Três Fontes de Sonhos

— O que poderemos então postular como os sentidos do inconsciente que produzem sonhos? São três. O primeiro e mais fácil são as sensações provenientes de uma condição física do corpo. Esteja o corpo acordado ou adormecido, o inconsciente permanece sempre consciente do estado da nossa saúde, dos nossos hábitos de saúde e também do rumo que o corpo está a tomar. Desta fonte vêm os sonhos de aviso de doença e os bons sonhos de cura.

O segundo sentido é o que podemos chamar mente da alma. Felizmente, não temos de defender a existência da alma. Isso, pelo menos, podemos aceitar por agora, mas temos de assumir que a alma tem certos elementos e parece seguir naturalmente que, se temos uma

mente do corpo, também devemos ter uma mente da alma (como os materiais de Cayce sugerem). Esta mente da alma é a nossa herança do passado e a nossa ligação com o futuro. É o que fomos mais todos os impulsos, ideais e buscas do presente. Esta mente da alma é um «sentido» e regista as suas impressões, julgamentos, avaliações, avisos e elogios sobre o filme da perceção, produzindo os símbolos ou imagens, tal como fazem os sentidos físicos. Este sentido produz os nossos sonhos sobre nós mesmos, as nossas lutas e frustrações e os nossos ajustes externos ou a falta deles.

O terceiro sentido que produz sonhos podemos descrevê-lo como uma força espiritual ou como um sentido emanado da mente do espírito. Esta é a área que Jung chamou «inconsciente coletivo». É a força unificadora no universo onde o inconsciente de cada um de nós se encontra com os seus colegas. Os sonhos deste sentido são mais na natureza de visões, e feliz aquele que foi falado através de sonhos desta fonte. A propósito, a citação: «E os seus jovens sonharão sonhos, os seus velhos profetizarão e as suas donzelas terão visões.»

Do exposto podemos ver que o sonho é ou (1) um reflexo da condição física do corpo, ou (2) um julgamento relativamente às atividades do indivíduo ou às condições que o rodeiam, ou (3) uma projeção de uma força espiritual. Para fins de análise e interpretação, sugiro que todos os sonhos possam ser divididos nestas três categorias.

A Linguagem dos Sonhos

— A origem do símbolo onírico provavelmente remonta para além da origem da escrita; pode mesmo ter fornecido a base para ela. Pelo menos sabemos que a nossa primeira linguagem escrita era pictórica, em que um sinal ou símbolo representava desde uma emoção até um objeto. Pensa por um momento na dificuldade que o homem encontrou inicialmente para exprimir amor, ódio ou medo numa imagem. E como exprimir pictoricamente um ideal ou um propósito? Nos sonhos isso é feito de forma muito clara e fácil. Por exemplo, sonhamos com uma pessoa que não gostamos. Na realidade, o que o sonho destaca é o nosso sentimento em relação à pessoa, e não a pessoa em si. Sonhamos com um animal, digamos um urso. Na realidade, não sonhámos com um

urso, mas sim com aquilo que o urso representa na nossa estimativa das características, instintos e hábitos do urso. (De passagem, posso dizer que o urso é frequentemente um símbolo materno de conteúdo não muito saudável, pois os ursos são conhecidos por sufocarem os filhotes com excesso de afeto, um traço não raro em algumas mães humanas. Tem cuidado com os teus sonhos sobre ursos!) De qualquer modo, a nossa primeira linguagem escrita consistia neste tipo de símbolo pictórico com significados simbólicos. E depois vieram os mitos.

Nas imagens da mitologia — e a mitologia é praticamente toda simbólica — temos uma riqueza de material para a descoberta do significado dos símbolos oníricos. Acredita-me, os nossos sonhos usam abundantemente estes símbolos mitológicos. O Nó Górdio, o labirinto de Minos, as serpentes de Medusa, o golfinho, Prometeu acorrentado à rocha, Pégaso, o cavalo alado, a maçã e a serpente, e assim por diante. Os exemplos são quase ilimitados e cada símbolo tem o seu significado definitivo atribuível, dependendo do contexto do sonho e do problema a que se relaciona.

Creio ser uma regra que, de forma geral, podemos classificar todos os nossos sonhos (exceto os que envolvem a condição física do corpo) em duas categorias de acordo com os símbolos usados. (1) Se os símbolos empregados forem tirados da natureza — árvores, animais, raízes, montanhas, água, rios, desertos, nuvens, etc. —, o nosso sonho relaciona-se com um problema interno que temos connosco mesmos. É sobre a nossa atitude, o nosso desenvolvimento ou a falta dele, a nossa infelicidade, o nosso propósito e os nossos ideais. (2) Por outro lado, se os símbolos usados forem objetos fabricados — casas, tapetes, quadros, dinheiro, comboios, automóveis, pratos, fechaduras e chaves, etc. —, o nosso sonho relaciona-se com um problema externo que envolve alguma questão matrimonial, social, económica ou outro que requeira ajuste. Estas duas categorias gerais, embora não infalíveis, fornecem uma orientação útil na interpretação dos sonhos.

É inteiramente possível que se façam classificações adicionais de sonhos, através de mais trabalho na separação dos símbolos oníricos de acordo com o tipo e a espécie de vida animal e vegetal retratada e o

tipo de artigos fabricados. Por exemplo, há certamente uma distinção entre o símbolo de uma obra de arte, uma estátua, pintura ou exemplo de arquitetura clássica, e o símbolo de uma casa de rancho moderna ou de um prédio comum de tijolo castanho. O eu real está tão profundamente enterrado no inconsciente que a variedade de símbolos que usa para a sua expressão é quase infinita e pode tornar-se extremamente obscura.

Assim, a arte da correta interpretação de sonhos exige um elevado grau de habilidade, pois o intérprete não só deve ser capaz de identificar o símbolo como também de conhecer o fundo mitológico ou outro que compreende a história ou histórias em que esse símbolo foi empregado. Nas interpretações psíquicas que examinaremos, esse conhecimento parece ser instantâneo e completo; ao mesmo tempo, a fonte fornece uma aplicação correta dos significados simbólicos ao problema sonhado.

Até agora explorámos uma teoria do sono e de como o sonho ocorre. Avançámos uma teoria sobre a fonte do sonho e olhámos muito brevemente para a natureza da linguagem onírica, os símbolos. Passamos agora a uma breve revisão da compreensão psicanalítica moderna do sonho, em comparação com os conceitos do psíquico Edgar Cayce.

Paralelos Psíquicos com a Psicanálise Junguiana

— Como praticamente tudo o resto na psicanálise, descobrimos que Freud foi o primeiro a usar o sonho como expressão do inconsciente. Em muito pouco tempo solidificou a sua teoria sobre o sonho e — como praticamente tudo o que desenvolveu — manteve-se fiel a essa teoria (ou preso a ela) pelo resto da vida. Mesmo quando ela estava cheia de buracos, cerca de quinze anos após a ter anunciado originalmente, escreveu outro artigo a reafirmar a sua tese inicial.

Segundo Freud, o sonho não é mais nem menos do que um desejo reprimido e todos os símbolos nele, de uma forma ou de outra, relacionam-se com algum impulso sensual, sexual ou carnal. Ninguém nega que existam tais sonhos, mas ninguém exceto os seguidores

ardentes de Freud — dos quais há muitos — tem a audácia de manter que todos os sonhos são desta natureza.

Adler atribuiu ainda mais importância ao sonho do que Freud e descobriu nele apoio para a sua teoria da vontade ou desejo de poder (ou adequação), bem como evidência dos impulsos sexuais freudianos. Cada psicanalista que desenvolveu uma teoria relativamente à natureza do desajustamento psíquico encontrou igualmente apoio para a sua posição nos símbolos oníricos, até chegarmos a uma variedade tão grande de interpretações de sonhos como teorias sobre a natureza e causa das manifestações psicóticas e neuróticas. Entre todos estes cientistas da alma, Carl Jung faz o maior uso do sonho na sua técnica psicoterapêutica do que qualquer outro e o fenómeno do sonho recebeu, consequentemente, o seu maior estudo, análise e desenvolvimento do seu trabalho e do dos seus discípulos.

A análise de sonhos é o principal remédio ou medicamento que os junguianos utilizam na sua terapia, e é extremamente interessante notar que o significado atribuído aos símbolos, o método de análise de sonhos e o propósito atribuído à função do sonho, tal como formulados e defendidos por Carl Jung, são todos muito semelhantes aos encontrados nas interpretações de sonhos pelo informante ou fonte psíquica de Edgar Cayce.

Segue-se uma lista de alguns símbolos e os seus significados tal como aparecem nas interpretações psíquicas de Cayce:

- **Água** — vida, o caminho vivo.
- **Peixe** — Cristo, Divindade.
- **Peixe** — quebra do — dádiva da vida.
- **Peixe** — uma lição de vida.
- **Tamanho da caneta e tamanho do frasco de tinta** — indica a importância da transação.
- **Roubo de prato fechado** — representa tomar o controlo nas próprias mãos em vez de consultar abertamente os outros.

- **Martelo** — uma força propulsora.
- **Touro com cabeça estranha** — teimosia, obstinação.
- **Tapete** — pisar, caminhar sobre de forma imprópria.
- **Penas a voar** — agitação e confusão.
- **Três degraus** — o caminho triplo da vida.
- **Embriaguez** — confusão e dissensão.
- **Troca de malas velhas por novas** — significa «não te deixes levar pelo que é novo até teres completamente absorvido e usado aquilo que foi vivido e é verdadeiro. Não te deixes enganar pelas aparências».
- **Trancar a porta das traseiras** — desejo do corpo físico de excluir condições desagradáveis.
- **Abrir a porta da frente** — receber assistência espiritual.
- **Porco** — tomar conta, dominar.
- **Pavão** — fachada falsa para auto-gratificação.
- **Negros** — uma fase de desenvolvimento mental.
- **Tirar água** — extrair da água da vida, da palavra e da obra de Jesus.
- **Sala de tribunal** — «conceito imaturo de Justiça».
- **Loucura e idiotia** — uma posição ou atitude em que os outros mantêm o sonhador — fora da razão.
- **Rei Salomão** — sabedoria, ou buscar sabedoria ou verdade «mas também abjurar a fraqueza da carne representada por ele».
- **Faixa de pano dourado** — a preciosidade do ideal correto.
- **Parede** — obstáculos no corpo físico à aceitação de um novo ideal.

- **Queda e grito de uma mulher** — «Cuidado que o pensamento, a intenção, o propósito da entidade não sejam toldados por sucesso, fama, glória e ouro».
- **Nudez** — exposição de si mesmo, consternação e confusão.
- **Chão a afundar** — base fraca para ideais e princípios.
- **Sala de jantar** — fonte de alimento para o pensamento.
- **Recinto ou vedação** — um campo de esforço, atividade, obra de vida.
- **Animais** — caracteres nas pessoas; fases ou estados do seu desenvolvimento; as suas características dominantes; elementos fundamentais e básicos das suas personalidades.
- **Ganso** — constância no afeto e nas relações matrimoniais.
- **Dinheiro** — recompensas, fatores compensatórios.
- **Tesoura ou alicate** — «os instrumentos mais simbólicos para o homem de vida e de morte».
- **Sela** — montar, fazer ajustes, adaptar-se e cooperar; não correr nem guiar.
- **Cabeça ao contrário** — ideias preconcebidas impedem a compreensão correta.
- **Casaco novo e brilhante** — raiva e má atitude.
- **Serpente** — a sabedoria de todas as coisas que leva à tentação.
- **Acampamento** — mudança de localização, mudança de uma casa para outra.
- **Armadilha** — ciladas e armadilhas na vida, erros, atitudes erradas.
- **Tirar sangue** — ou destrutivo ou gerador de vida, dependendo de outras condições e associações no sonho.

Estes significados e esta técnica de interpretação são muito próximos do trabalho de Carl Jung. A semelhança é impressionante e excitante. Jung chegou às suas teorias através de anos e anos de estudo, vasta erudição e brilhante erudição académica. Centenas, talvez milhares, de pacientes passaram pelo seu consultório e encheram as suas clínicas com todo o tipo de doenças mentais e também com toda a espécie de normalidade.

Dessa riqueza de experiência e dos seus extensos estudos, ele desenvolveu as suas teorias e, acredita-me, elas funcionam. Por outro lado, temos este dom ou poder psíquico de Edgar Cayce, que produz instantaneamente conclusões semelhantes para pacientes com uma precisão autoritária que exige ação. Jung apenas pode inferir, sugerir e recomendar. Mas, em ambos os casos, tu suportas as consequências. Em última análise, ambos os conselheiros terminam com a mesma injunção, pois ambos afirmam que só através da Palavra de Deus pode o homem encontrar felicidade na Terra e paz eterna.

O Processo de Obter a Interpretação

— Listei apenas alguns dos vários centenas de símbolos que apareceram nestes sonhos, com os significados que lhes foram atribuídos pelo informante psíquico. Por favor, nota dois pontos importantes. Primeiro, alguns dos símbolos pertencem apenas ao sonhador individual. São os seus símbolos e têm um significado particular para ele. Por outro lado, alguns dos significados dados a estes símbolos têm uma aplicabilidade mais ampla, como os da água e do peixe, por exemplo. Segundo, o significado ou a nuance de significado para um dado símbolo pode mudar dependendo dos outros símbolos no sonho e do problema com que o sonho se relaciona, como o símbolo do sangue.

Menciono estas cautelas sobre interpretações porque alguns de vós poderão querer estudar os vossos sonhos, e eu recomendo vivamente que o façais. Coloca um bloco de notas ao lado da cama e escreve-os logo ao acordar. Se interpretares mal e aplicares mal as interpretações, espera logo outro sonho que corrigirá a tua interpretação e tentará novamente mostrar-te o caminho certo. O teu inconsciente não te

censurará pela má aplicação, mas censurar-te-á se não ouvires o teu sonho e depois agires em conformidade.

Lembra-te, a este propósito, que a única vez em que o poder psíquico de Cayce recusou dar uma interpretação de um sonho seu, deu como razão que Cayce não tinha aplicado a lição de uma interpretação anterior e não tinha agido em conformidade. Paga-se pelos pecados de omissão, enquanto os outros podem ser perdoados!

Os sonhos foram interpretados da mesma forma que todas as outras leituras eram dadas. Ele deitava-se e adormecia. Uma de duas sugestões podia então ser dada. Se o sonho a interpretar tivesse sido escrito, sugeria-se verbalmente que ele desse uma interpretação do sonho que tivera numa certa data, que depois era lido. No entanto, por vezes acontecia que Cayce negligenciava escrever o sonho ou esquecia os detalhes. Nestes casos, a sugestão verbal era dada para que o sonho tido por Cayce numa certa data, envolvendo um cavalo ou a subida de uma montanha, ou o que se recordasse, fosse recordado e interpretado. Há várias dessas interpretações no ficheiro que estudei, e nestes casos é impossível reconstruir mais do sonho do que o indicado pelos símbolos interpretados.

Por vezes, todo o sonho registado era lido antes de qualquer interpretação ser dada. Em alguns casos, após o sonho completo ter sido lido, a fonte psíquica comentava que partes muito essenciais e importantes do sonho tinham sido omitidas e depois dava essas partes! Frequentemente, eram de natureza pouco lisonjeira, cuja omissão seria perfeitamente compreensível. Noutras ocasiões, com apenas a data do sonho fornecida, a interpretação começava imediatamente, sem que qualquer parte do sonho tivesse sido lida, mesmo que estivesse escrita na íntegra.

Noutras alturas, quando a leitura dos sonhos tinha avançado cerca de metade, a interpretação começava na parte que tinha sido lida, mas também na parte não lida, bem como na inserção de outras partes não incluídas na declaração escrita. Como mencionado, houve apenas uma ocasião em que uma interpretação foi recusada, e então pela razão

específica de que Cayce não tinha agido nas interpretações anteriores na sua vida quotidiana.

Um Sonho e a Sua Interpretação — Passamos agora, finalmente, ao exame de uma das leituras de sonhos de um psíquico com a sua interpretação psíquica.

Leitura de sonho de Edgar Cayce, 6 de dezembro de 1926:

«Sim, temos o corpo, a mente indagadora, Edgar Cayce. Isto já tivemos antes.

Os sonhos, como vemos, vêm à entidade da forma e maneira, ou através de um daqueles canais que já foram apresentados: isto é, as visões conscientes ou condições conscientes tornadas aplicáveis à consciência de uma entidade, através do processo de subjugação da mente-corpo consciente pelo sono.

Pronto para o sonho.

Q-1. Sábado de manhã, 4 de dezembro de 1926. Sonhei que tinha um recinto onde havia toda a sorte de aves, animais e aves domésticas, com uma alta vedação de arame à volta. Notei especialmente um urso, uma cabra, uma ovelha, um veado, um ganso, uma raposa, um lobo e um cão. O cão era um que eu conhecia. Estava a alimentá-los e percebi que eram necessários alimentos diferentes para as várias espécies de aves e animais ali presentes, mas na altura estava a dar-lhes milho descascado. Alguns grãos passaram pela vedação e vi o ganso e o lobo passarem pela vedação, mas não conseguia entender como saíram e depois voltaram a entrar depois de apanharem os poucos grãos.

Enquanto me baixava, ouvi e vi uma agitação entre todos os animais e aves. Parecia um grito de aviso, como se cada um, na sua própria linguagem, tentasse dizer-me que eu estava em perigo. Percebi que era um urso atrás de mim, mas pensei: um urso não faz nada além de arranhar ou abraçar até à morte. Olhei por cima do ombro esquerdo e percebi que o urso estava sentado atrás de mim, nas ancas, com os antebraços ou patas estendidas. O cão, a cabra e o veado saltaram para

afastar o urso. Num instante perguntei-me se o urso queria fazer-me mal ou se queria acariciar-me. Acordei a tremer.»

A-1. «Nisto apresenta-se uma visão de grande significado para a entidade, quando devidamente compreendida, e muitas várias fases dos esforços da entidade são visionadas nesta apresentação à entidade.

O recinto representa aquela condição cercada pelo campo de esforço da entidade — ser de assistência, ajuda, auxílio aos outros — e no mesmo vê-se toda a sorte de animais, aves e aves domésticas. Alguns são especialmente notados.

Pois, como se vê, cada animal, cada ave, cada ave doméstica recebeu o seu nome por alguma peculiaridade desse animal, ave ou ave doméstica individual, e desta forma representa alguma fase particular do desenvolvimento do homem no plano terrestre, ou a consciência de algum elemento ou traço de personalidade particular que se manifesta no homem.

Não que o homem se desenvolva a partir do animal, ou o animal a partir do homem, mas como já foi dado, todos os animais, todas as aves, todas as aves domésticas foram feitos para uso e sustento do homem. Daí que cada um deva fornecer, no nome, maneira, posição na vida, na sua fase de viver, nos seus hábitos, nas suas condições, associações e relações, algum elemento necessário ao desenvolvimento do homem.

Nesta fase e nesta luz, então, encontramos a entidade, o indivíduo, a fornecer alimento para o desenvolvimento da humanidade, na personalidade da humanidade. E todos são vistos representados, como notado pelo indivíduo que várias fases do mundo vegetal ou animal são necessárias para o pleno e completo desenvolvimento do animal ou ave que deve ser sustentado.

Isto vê-se no lançamento do milho, ou aquilo que é uma necessidade para o animal ou ave. Como alguns grãos passam pela vedação, vê-se que algumas palavras ditas pela entidade são como lançar pérolas aos porcos, indo além do alcance. No entanto, como se vê, duas criaturas que representam diferentes fases da consciência do homem, ou da

personalidade do homem no plano terrestre — o ganso e o lobo — são mesmo capazes, embora lançadas além do seu alcance, de alcançar o mesmo. Como isto é compreendido, ou como isto é alcançado, é aquilo que perturba a entidade. E enquanto a entidade se baixa para ver, para compreender como estes animais ou aves entram e saem, ou ganham acesso ao conhecimento, ou ganham uma porção do conhecimento que é recebido pelo lançado, surge a besta mais pesada que para outros, aqueles à sua volta, pareceria fazer mal.

Como se vê novamente, na natureza, no carácter da própria besta, apresenta uma fase de desenvolvimento à entidade relativamente a certos indivíduos, ou a uma certa classe, que agiriam de uma maneira como esta besta faz em relação à informação ou às verdades ou às lições que estão a ser lançadas diante deles para o seu sustento.

Vê-se na espécie de besta — representada pelo urso — uma que, em certas condições, seria muito destrutiva, noutras fases da sua consciência brincalhona, e acariciante e amorosa e terna e protetora do melhor interesse do indivíduo em todos os sentidos, como qualquer daqueles que vêm em auxílio do indivíduo.

No entanto, como se vê, quando há medo de forças destrutivas, há especialmente três caracteres que se levantam em defesa da verdade. Um na forma do cão (que representa certa natureza, carácter ou disposição), o outro no veado (que representa outra forma), o outro na raposa e no lobo (que representam ainda outras formas). Alguns salvariam para si, mas seriam destrutivos para os outros. Alguns são como quem protege aquilo que ama, para que não se destrua a si mesmo, vês? Estas são as características, os elementos, as condições.

Esta é uma bela lição, para ser estudada com afinco e muito pode ser ganho com ela. Pois será encontrada a base de algo que pode ser usado como lição para muitos.

Estamos terminados por agora. 294-87»

Note-se neste sonho acima alguns dos símbolos anteriormente referidos, como o recinto ou vedação ser um campo de esforço ou obra de vida, e os animais que representam fases ou estados de

desenvolvimento nas pessoas. Note-se também a expressão «lançar pérolas aos porcos» e a forma simbólica como essa expressão é apresentada.

Dois Outros Sonhos Interpretados — Um exemplo de sonho de condição física e a sua interpretação encontra-se no seguinte, datado de 30 de dezembro de 1925:

Sonho: Sonho de estar louco e de olhar para dentro da minha cabeça e consertar uma roda que tinha parado de funcionar devido a uma partícula de sujidade ou lixo que entrara nela.

Interpretação: «Esta é uma visão subconsciente de condições físicas existentes no corpo, e é apresentada ao corpo nesta forma emblemática (simbólica) para indicar que, através da condição vista, as eliminações são pobres no sistema, produzindo uma pressão nos nervos que dão, por assim dizer, movimento à ação da força cerebral, e na remoção da mesma (má eliminação) vê-se o mecanismo, como ela (a força cerebral) continua. Então (aqui é mostrada) uma condição puramente física que necessita de reparação, de certa forma como apresentada — oleada, ou lubrificada — para que as escórias possam ser removidas do corpo físico, para que os excessos de escórias sejam purificados, de modo que o cérebro possa funcionar normalmente. 294-56»

Um exemplo de sonho e sua interpretação em relação a certas atividades na vida do Sr. Cayce e de como ele foi aconselhado sobre elas através de interpretações de sonhos encontra-se na interpretação dada a um sonho que ocorreu a 15 de abril de 1926, da seguinte forma:

Sonho: Sonho relacionado com a remodelação de uma casa antiga, sobre uma melancia a comer um porco.

Interpretação: «Isto, como vemos, é uma condição emblemática (simbólica) para a entidade, e mostra como a entidade deve estudar essas condições. Como se vê na visão ou sonho, estas coisas não poderiam ser verdadeiras a partir da posição consciente. No entanto, há preparação por parte da entidade para construir sobre o mesmo. É ainda apresentado que a entidade está a preparar-se para fazer uma

base firme, ou sente que o está — sobre aquilo que está podre, e que eventualmente se revela até conter ossos de mortos!

Mostra-se ainda que (em vez de) o porco tentar comer a melancia, o que seria normal, a melancia come o porco. Isto mostra a irracionalidade das condições apresentadas. E qualquer tentativa de construir sobre o mesmo chega ao fim que é visto — no afundar do chão sobre o qual havia o chão contemplado para a sala de jantar.

Então, a entidade deve fazer um balanço de si mesma, e saber que podem entrar na vida certas condições, de certos elementos, que podem não ser estáveis e sobre as quais não se pode construir de uma forma e maneira que traga o melhor a cada um. 294-72»

Os três sonhos citados acima são exemplos típicos do material encontrado neste arquivo e mostram não só os significados atribuídos aos símbolos, mas também as interpretações desses símbolos como aplicáveis a algum problema atual que Cayce enfrentava na sua vida ou atividades. Creio que podemos concluir com segurança que estes sonhos — e são exemplos justos — não são diferentes dos sonhos que vêm à maioria de nós.

Conclusão — Num dos seus livros mais recentes, *Ensaios sobre Eventos Contemporâneos*, Jung tem um capítulo sobre Wotan, o Deus da Guerra dos nórdicos. Nesse capítulo, Jung conta o seu trabalho com um grande número de pacientes durante o período de 1935 a 1939, particularmente os seus pacientes da Alemanha, e os sonhos que eles sonhavam. Para a sua observação astuta, o cataclismo que caiu sobre o mundo nos cinco anos seguintes não foi surpreendente nem inesperado. O que aconteceu, embora tenha acontecido à massa de pessoas e não apenas a alguns indivíduos, Jung viu antecipadamente no padrão de atitudes e ideias doentias repetidas vezes e vezes nos seus pacientes alemães.

Hoje é profundamente perturbador notar que tal doença ainda está generalizada, tanto aqui como noutros lugares, embora continuemos a acreditar que a confusão existe apenas fora de nós; que é apenas o vizinho ou o Estado vizinho que é mau; que nenhuma guerra ou conflito

pode terminar sem um exército de ocupação e a erradicação plena, absoluta e completa de qualquer e toda a resistência. Ouso opinar que, se pudéssemos reunir os sonhos de uma secção transversal do nosso povo, particularmente daqueles na vida pública, e expô-los a exame, saberíamos sem sombra de dúvida não só por que estamos na atual confusão, mas também para onde nos dirigimos. Verdadeiramente, o homem caminha na sua própria sombra e, nestes tempos, parece que o homem decidiu que a verdade reside apenas na bomba atómica — ou com quem tiver mais delas. Em outras palavras, a verdade é o poder físico, a força física avassaladora, e neste esquema de coisas não há, evidentemente, lugar para a voz ainda pequena dos nossos sonhos.

Que parábola apropriada encontramos na história de Elias! Recordarás que, depois de ele ter desafiado, derrotado e depois morto os 450 falsos profetas de Baal, Jezabel ameaçou matá-lo e Elias fugiu pelo deserto até às montanhas e escondeu-se numa caverna. O Senhor então veio a Elias e disse: «Que fazes aqui, Elias?» Depois ele contou ao Senhor a razão da sua fuga e o Senhor disse-lhe para ir e ficar na montanha, e ele assim fez. Na montanha veio um grande vento que derrubou as rochas, mas o Senhor não estava no vento; e depois do vento veio um terramoto que abalou todo o firmamento, mas o Senhor não estava no terramoto; e depois do terramoto, um fogo, mas o Senhor não estava no fogo; e depois de toda a tempestade ter passado, veio uma voz ainda pequena que lhe disse: «Que fazes aqui, Elias?»

Assim, faríamos bem em perguntar a nós próprios: «Que fazes aqui?» «Quais são os teus propósitos?» «Quais são os teus ideais?» «Quais são os teus objetivos?» e ouvir a voz ainda pequena nos nossos sonhos. Ela ajudar-nos-á a encontrar o nosso caminho.

Trabalhar com Sonhos conforme Recomendado pelas Leituras de Cayce por Shane Miller

Método de Procedimento — Enquanto coube a Freud, Adler e Jung despertar-nos para a importância da nossa vida onírica como medida do estado do subconsciente, o tempo poderá mostrar Edgar Cayce como o homem que tirou a interpretação de sonhos das mãos dos «especialistas» e a restituiu ao indivíduo, onde pertence. Pois das leituras de Cayce emerge uma premissa de trabalho tão simples na sua essência que, através dela, pode ser trazida esperança a qualquer indivíduo que deseje sinceramente sustentar-se pelos próprios pés.

A premissa de Cayce afirma, em efeito, que qualquer pessoa, dotada psiquicamente ou não, que registe os seus sonhos numa atitude de persistência orante pode, com o tempo, trazer uma restauração completa da faculdade onírica. (A faculdade onírica parece atualmente ser o resquício de uma função há muito desusada e desacreditada da mente superior.)

Esta é a primeira metade da premissa.

A segunda metade afirma de forma igualmente simples que o melhor intérprete do sonho do indivíduo é o próprio indivíduo, já que os símbolos são seus. Como explicação adicional, as leituras apontam que, quando os sonhos são fragmentários, desconexos e sem um motivo claro, são provavelmente resultado de digestão deficiente ou outra perturbação física. Por outro lado, qualquer sonho que tenha um certo «conteúdo de história» ou atmosfera, particularmente se for colorido, deve ser estudado. E esta é a premissa completa que, se seguida fielmente, pode trazer uma nova dimensão à experiência de qualquer pessoa que se mantenha «constantemente nisso!»

Pelo mesmo motivo, qualquer pessoa que procure um novo caminho rápido e fácil para a «iluminação» é eliminada pelo esforço e tensão da disciplina implicada. A disciplina é geralmente desconfortável e trabalhosa. Quem quer estar desconfortável?

Ao fazer investigação sobre a premissa dos sonhos, o principiante encontra certas discrepâncias entre os métodos recomendados por

Cayce e os da ciência. Basicamente, a abordagem científica à investigação de qualquer tipo é uma abordagem completamente isenta das opiniões ou sentimentos pessoais do investigador. O ideal para o homem de ciência é o desapego completo; a atitude deve ser impessoal. Por outro lado, a posição de Cayce é revelada por uma palavra contida no segundo parágrafo deste relatório. Essa palavra é «orante» e isso torna a abordagem de Cayce muito pessoal!

O investigador leigo de investigação psíquica não se preocupa excessivamente se certos fenómenos aconteceram ou podem acontecer. O que ele quer saber é: «Pode isto acontecer comigo?» Se os resultados forem benéficos, provavelmente aplicá-los-á na sua vida quotidiana. Se não os puder usar, não está particularmente interessado em acrescentar ao total do conhecimento humano per se. Tem de ser útil de alguma forma para ele. Tem de ser prático nos seus próprios termos. Idealmente, o investigador leigo de Cayce vai para a sua tarefa numa base de oração e meditação, não pedindo que grandes milagres brilhantes aconteçam, mas que as coisas «certas» aconteçam. Não há nada de impessoal nisso.

Como o General Heard expressou uma vez: «Como é que o homem dos 'factos e números' sabe o que o objeto da sua busca pensa dele e dos seus esforços?»

Sem a humildade desta atitude, o investigador não pode esperar penetrar muito profundamente nos níveis e alcances da mente humana. A menos que este ponto seja estabelecido cedo, nada do que se segue neste texto fará sentido.

A primeira explicação neste sentido, no Centro A.R.E. em Nova Iorque, teve lugar em 1952 como um empreendimento de grupo, com o propósito de resolver um problema comum. O trabalho começou com uma declaração clara de motivo e propósito e, dado que a situação tinha uma certa urgência, havia também envolvimento emocional, de acordo com a profundidade da necessidade individual.

A oração era o meio a ser usado para trazer o ajuste da situação, mas como a meditação para orientação era um conceito novo para

muitos do grupo, o uso dos sonhos para orientação foi acordado como uma faculdade psíquica ao alcance da maioria das pessoas.

A atividade deste grupo trouxe, de facto, uma situação geralmente melhorada; mas relativamente ao projeto dos sonhos, muitos abandonaram pelo caminho. A manutenção de um registo de sonhos é uma forma de disciplina, por mais ligeira que seja, e a disciplina, como dissemos, dá muito trabalho.

Talvez deva ser apontado que o subconsciente é o assento de todos os hábitos, bons ou maus. Ao trabalhar com o subconsciente para substituir um padrão de hábito mau por um bom, o padrão desejado deve ser instilado, através de ritual repetitivo ou ação corretiva. O subconsciente prospera na monotonia — e esta é a natureza de todas as disciplinas.

A maioria de nós, ao começar os experimentos com sonhos, tinha há muito perdido a capacidade de sonhar. A tensão e a luta tinham-nos deixado demasiado exaustos para sonhar. Começámos por seguir as instruções literalmente, colocando primeiro um lápis e um bloco de notas ao lado da cama e inaugurando um novo hábito de oração pela restauração da velha função que faltava em alguns de nós desde a infância.

Os sonhos começaram a aparecer em fragmentos, com agora e depois um episódio mais longo com um padrão mais definido, mas ainda não conseguíamos ler os símbolos. Obstinadamente, anotávamo-los e deixávamo-los «arrefecer». Eram registados no livro com a data e a palavra «análise» a seguir, onde as interpretações deveriam ir. Eram deixadas margens largas onde podíamos listar os símbolos. Desta forma, lenta mas seguramente, desenvolvíamos uma espécie de vocabulário pelo qual podíamos traduzir os sonhos para inglês corrente.

O ponto era continuar, com toda a paciência, não importa o que acontecesse. Os símbolos oníricos têm o hábito de mudar com o crescimento do indivíduo. Este é um ponto muito importante, pois a mente subconsciente não está cercada pelos padrões e medidas fixas da mente consciente. O subconsciente, como o oceano, move-se com

as marés e rola com os golpes, por assim dizer. Está num estado constante de fluxo. Por exemplo, se sonho com uma casa específica conhecida nos meus momentos de vigília, o meu primeiro impulso é identificar literalmente a casa do sonho com a casa real tridimensional do meu conhecimento. Talvez sonhe que há térmitas a roer as fundações da casa e até possa ir lá apressadamente e encontrar as térmitas realmente lá e a trabalhar arduamente. Um ano depois, porém, sonho com a mesma casa e as mesmas térmitas. Desta vez, no entanto, sinto que a casa é apenas o símbolo da condição do meu ser. As térmitas que roem a fundação desta casa indicam agora que a minha condição de bem-estar está minada por preocupações e medos escondidos.

Ora, ambas estas interpretações, uma literal direta e a outra simbólica, podem ser estritamente corretas. A mensagem completa do sonho poderia ser mostrada como: «Da mesma forma que a velha casa Jackson está a ser lentamente consumida pelas térmitas (literal), tu estás a ser minado pelos teus próprios pequenos medos e aborrecimentos (simbólico).»

No entanto, cada uma destas interpretações é suficiente para o desenvolvimento do indivíduo no momento dado. O fator de crescimento deu a interpretação mais profunda; maiores possibilidades tornam-se aparentes e a consciência expande-se. Para a pessoa de ideais e padrões literais fixos, este estado de «relatividade» é extremamente difícil de compreender. É por isso que é tão necessário persistir. Quantas pessoas no mundo se diz serem capazes de compreender a «Teoria da Relatividade» de Einstein?

(Além disso, como grande parte da Bíblia é escrita em vários níveis de forma semelhante, uma compreensão dos sonhos e das suas leis é de grande ajuda para compreender o vasto alcance da Bíblia.)

Quando os sonhos começam a vir em cores, acrescentando uma nova dimensão ao que veio antes, parece-me que tais sonhos têm uma fonte espiritual. Os sonhos que parecem fotografias coloridas — lavagens leves de cor — são do mental, e os sonhos a preto e branco são físicos. Em qualquer caso, quando há dificuldade em interpretar

quer os símbolos quer as cores — pois estas também têm significado — , nada impede o indivíduo de pedir para que o sonho lhe seja mostrado novamente em termos que ele possa compreender.

A maior emoção, o maior sentido de maravilha, vem da experiência quando o indivíduo descobre que, ao longo das suas pesquisas, não esteve sozinho! Como o menino que levou uma longa vara para medir a profundidade da piscina no fundo do jardim, descobre cada dia que a piscina mostra uma profundidade diferente. Pouco depois faz a grande descoberta. Há Algo ou Alguém do outro lado da vara a movê-la para cima e para baixo!

Não estivemos sozinhos todo este tempo!

Esta é a parte da história que é extremamente pessoal. É também muito difícil de escrever. Para simplificar este ponto, pois o ponto é, na essência, simples, chamarei apenas a esta descoberta a figura que penso como o «Homem».

O «homem» é uma figura que aparece nos meus sonhos, a figura que nunca deixo de procurar. Ele é geralmente mostrado em alguma posição de autoridade. Noutras ocasiões fala em palavras que parecem soar apenas nos meus ouvidos sem ele tomar forma, geralmente para explicar algum ponto. Uma vez apareceu como um coronel do exército fora de uniforme, implicando que podia sugerir mas não comandar. No entanto, não importa em que forma apareça num sonho, eu consigo sempre reconhecê-lo por uma coisa. É o meu vasto sentido de amor e respeito por ele, uma espécie de felicidade lacrimosa na sua presença.

João, no Livro do Apocalipse, fala de uma figura que chama o Ancião dos Dias, uma figura que o impressionou tanto que quis prostrar-se e adorá-lo. A figura avisou-o seriamente contra isso, dizendo: «Eu também sou um escravo», significando que ele também tinha forma.

Parece que este é o «irmão mais velho» de que Cristo fala na parábola do Filho Pródigo, o irmão que nunca deixou a casa paterna. Este é o verdadeiro *eu* que nunca abandonou a presença do Pai e através do qual as minhas orações são oferecidas — um verdadeiro anjo da guarda, talvez, que está encarregue deste fragmento de

individualidade que caminha pelo plano terrestre. E, no entanto, tão zelosamente é guardado o fator do Livre Arbítrio que o «homem» nem sequer oferece ajuda a menos que eu a peça.

«Tudo o que pedirdes em Meu Nome, crendo, isso farei!»

A 15 de junho, segundo o meu registo de sonhos, acordei com estas palavras a ecoar-me nos ouvidos.

Bem, já te avisei que isto seria difícil de escrever.

Compreender os Próprios Símbolos

Idealmente, o propósito de analisar os próprios sonhos é começar a trazer para a experiência consciente todos os níveis da mente humana, conhecendo as suas leis de funcionamento e a natureza dos seus conteúdos. Saber o que está na caixa de ferramentas e como funcionam todas as ferramentas seria, concordamos, um excelente começo, mas outros fatores entram em cena — fatores imprevistos que são resultado do crescimento.

Durante o período de experiência onírica fragmentária que o principiante encontra, os símbolos são geralmente aceites de forma literal, pois o homem médio está habituado a pensar dessa maneira. Depois, à medida que aparecem símbolos que fazem parte de ideogramas de grupo ou folclóricos, o indivíduo toma consciência de que tocou num nível mais profundo da mente, conhecido como «inconsciente coletivo». A águia aparece nos seus sonhos, talvez, como um ideal elevado; o leão simboliza força e coragem; um velho de barba e vestes clássicas é a sabedoria encarnada. Estes são símbolos a serem tomados literalmente.

O homem reflexivo regressa agora aos seus primeiros registos de sonhos, com os seus termos literais, e interpreta os objetos que neles viu como símbolos de estados ou condições que ocorrem dentro de si mesmo. Uma nova lucidez brota das páginas. Muitas vezes, a forma como uma condição é relatada será a pista para que parte do corpo, mente ou espírito está a pedir atenção e ação corretiva. À medida que a cor é adicionada e o contacto estabelecido com o eu superior, a

educação pode realmente começar de forma consistente. Começa-se a trabalhar com aquela parte do eu que está mais próxima das Forças Universais.

Este, em geral, é o padrão de progressão do homem dedicado que se propõe conhecer-se a si mesmo com paciência e persistência orante. A forma que a sua «educação» tomará depende sobretudo da sua necessidade urgente, daquela necessidade que tem conteúdo emocional. Segue-se um relato, do meu próprio registo de sonhos, de um ciclo de sonhos que começou de forma pessoal e levou ao que acabou por ser uma espécie de curso sobre a Vida após a Morte.

Três dias antes da morte do meu pai, em 1953, sonhei que uma mulher me aparecia na escada da casa dele em Filadélfia. Ela disse: «Venho oferecer condolências pela morte», e continuou o seu caminho escada acima. Fim do sonho. O meu pai estava doente há algum tempo; o fim parecera iminente várias vezes, mas quando parti para o fim de semana dessa semana levei roupa suficiente para uma possível viagem a Filadélfia, caso o aviso se concretizasse. Não foi dado nenhum tempo de cumprimento, mas as leituras de Cayce afirmam que, em muitos casos, o falecido aparecerá em sonho aos entes queridos para os tranquilizar, após três dias.

De forma geral, calculei que o momento da morte do meu pai cairia no sábado; neste caso, três dias após o aviso. A notícia chegou às 17h30 de sábado e no dia seguinte partimos diretamente para Filadélfia, exatamente conforme o previsto. (Este é um exemplo de um simples sonho profético.)

Descobri que o meu pai tinha morrido em coma, sem saber o que estava a acontecer. A terceira noite após a sua morte veio e passou sem qualquer sonho. Na quinta noite tive um sonho em que o via sentado a uma mesa, de costas para mim, enquanto encaixava as peças de um puzzle. O anagrama sugeriu-me imediatamente duas coisas: primeiro, que ele não estava consciente da minha presença; segundo, que estava a tentar perceber o que lhe tinha acontecido!

Meses depois, ao almoçar com um amigo, discutíamos o assunto das orações pelos mortos. O amigo, quando jovem, fora educado para o sacerdócio e a sua explicação sobre a razão e função das orações da extrema-unção e da libertação de uma alma do purgatório deu-me uma nova compreensão do tema. A sua explicação foi dada em termos de psicologia moderna em vez de religiosos, já que não sou da mesma fé. Foi mais ou menos assim:

Em profundidade, o indivíduo liberta o controlo da mente consciente, que é o assento do livre arbítrio. Ao renunciar à vontade, a consciência «relaxa» no subconsciente, que não tem livre arbítrio. Aqui a alma pode permanecer muito tempo, presa nas suas próprias formas-pensamento, desejos e velhos hábitos. Eventualmente, a alma descarregará o seu «lixo mental de desejo», após o que poderá ascender ao seu nível próprio na hierarquia espiritual, ou na «Mente de Deus».

Este período de envolvimento no «intermédio», por assim dizer, pode ser encurtado pelas orações daqueles que ainda vivem no plano terrestre, ainda na posse da vontade consciente, como familiares e amigos. As orações pelos mortos são uma preocupação tanto na crença judaica como nos ensinamentos católicos romanos; apenas o grupo protestante parece dar pouca importância às orações pelos mortos, uma vez terminado o funeral.

Como protestante, portanto, percebi através das minhas pesquisas oníricas que o meu pai parecia estar com dificuldades; certamente precisava de orientação de algum tipo, pois embora tivesse sido um homem religioso toda a vida, nunca mostrara qualquer disposição para compreender muito além de uma natureza tridimensional. A «teoria da relatividade» estaria muito para além dele, mesmo estando agora a viver no estado de ser onde a «relatividade» era a condição, quer ele a compreendesse ou não. Era um viajante num país estranho sem conhecimento da lei, da língua ou dos costumes.

Rapidamente utilizei os serviços de um grupo que oferecia as suas orações por ele, e em sonhos subsequentes testemunhei um progresso

constante na condição do meu pai, até que há muito tempo não sonho com ele — o que tomo como um bom sinal do seu desenvolvimento.

No entanto, ao mesmo tempo, através da minha preocupação pelo meu pai e do seu acompanhamento emocional, a minha experiência onírica alargou-se para incluir uma série de sonhos que explicariam o estado geral da Vida após a Morte. Dois desses sonhos são apresentados aqui.

Estes sonhos mostraram que o «intermédio» e as suas condições e leis eram bastante como o meu amigo católico os descrevera, mas acrescentavam um fator. Foi demonstrado que o «livre arbítrio» ainda era possível, mas que o modus operandi era diferente. Muito dependeria da instrução que um homem tivesse recebido antes da morte, o que lhe permitiria compreender a vida após a morte e as suas leis e como trabalhar com elas. Isto não significa, por outro lado, que um «operador astuto» com o conhecimento do estado subconsciente ao alcance dos dedos pudesse contornar os obstáculos e «entrar no Céu por outro caminho». Nada disso.

O sonho mostrado para ilustrar a natureza deste estado «intermédio» foi dado na forma de uma «tarefa», por assim dizer, como se eu fosse um aluno da escola! Segue-se, tal como o escrevi no meu registo de sonhos na data de 12 de dezembro de 1953:

«Este foi um sonho em que eu estava plenamente consciente de que era um sonho. Havia uma pequena sala, de um lado da qual estava uma espécie de balcão de lanche com várias pessoas nele, incluindo eu. Significativamente, compreendi que era uma 'sala do meio' — que havia outras duas em que ela conduzia e de onde saía. (Portas de ambos os lados da sala.)

Perto da porta havia um objeto que compreendi ser uma máquina de costura antiga. Era feita de nogueira castanha, com a caixa coberta por uma série de saliências e botões. Concentrei-me nesta máquina, resolvendo registar exatamente os seus contornos para poder desenhá-la depois. Descobri que não conseguia, pois não a conseguia trazer para um foco claro. Cada vez que tentava ver qual era uma forma específica,

ela tornava-se qualquer forma que eu tivesse preconcebido! Assim, aparecia num estado contínuo de fluxo.

Resolvi agora relacionar esta experiência com o John (o meu amigo católico) quando o visse novamente, e tentei outro experimento. Desta vez tentei mover a máquina — parecia muito pesada — para um canto da sala. Tentei levitá-la sobre uma mesinha que estava no caminho, mas não consegui. No entanto, quando desviei o olhar do canto da sala que era o objetivo do experimento, descobri que a máquina de costura estava encostada à mesinha, tendo-se movido cerca de dois metros durante o tempo em que a minha atenção esteve afastada!»

O Subconsciente Não Quer Ser Espiado

— Esta sala «do meio», compreendi, simbolizava o estado da alma imediatamente após a morte, mostrando tanto as vantagens como as limitações da nova expressão de vontade da alma. O simbolismo indicava que se trata de uma condição intermédia (duas portas) e que as almas são alimentadas (instruídas) ali antes de prosseguirem. Os objetos na sala eram conceitos abandonados pela passagem da alma. (O simbolismo é, evidentemente, o meu.)

Agora, o outro sonho, para mostrar talvez que o estado de sonho e o intermédio são um e o mesmo. Este é outro sonho de «tarefa», datado de 16 de janeiro de 1954.

«Caminhei entre duas casinhas, construídas no topo de uma colina, que estavam ligadas uma à outra por uma varanda que dava para uma encosta arborizada. As árvores estavam em plena cor, e eu disse para mim mesmo: 'Ah, é Outono — e é porque eu quis que fosse Outono, que é a minha estação favorita. É Outono porque o desejei assim.' Encosta abaixo havia uma casa muito bela e sólida, à volta da qual se encontravam ou moviam várias pessoas. Decidi descer para ver como era o interior da casa. Gentilmente, uma escada formou-se para mim, levando ao nível onde a casa estava. Isto deu-me a pista de que eu estava... num sonho e eu disse para mim mesmo em voz alta:

‘Este é obviamente um sonho. Vou descer as escadas e, ao fazê-lo, provar que a força de vontade é um fator no estado de sonho, tal como no físico.’

Tentei descer as escadas, mas simplesmente não conseguia mover-me! Quando desisti, estava deitado nas escadas com a cabeça para baixo, tentando rastejar para baixo com toda a força, usando punhos e calcanhares. Simplesmente não conseguia... Uma vez que desisti, no entanto, olhei para a casa, desejando ver o seu interior, e — zip! — lá estava eu dentro da casa, com todas as pessoas que lá viviam.»

Descer as escadas seria um ato de vontade, que é propriedade apenas da mente consciente. O simples desejo não expresso, no entanto, colocou-me instantaneamente dentro da casa, sem envolvimento em tempo, espaço ou movimento. Uma cena simplesmente esbateu-se e a nova do interior surgiu. Isto ilustra o funcionamento da mente subconsciente.

A escada apareceu em resposta a um desejo, porque eu acreditava que era um meio necessário para chegar onde queria. Não consegui mover-me porque o movimento tem um fator de tempo, mas com o desejo ou a vontade, todos os obstáculos foram superados instantaneamente. Esta região estava povoada inteiramente pelas minhas próprias formas-pensamento e agia apenas em resposta aos meus desejos não expressos. Além disso, agiam em padrões esperados.

No entanto, se o meu pai me tivesse aparecido ali, como bem poderia ter feito, as suas ações seriam suas e poderiam muito bem estar em contradição comigo e com as minhas expectativas. Contudo, tal fator dá a pista pela qual um indivíduo reconhece se o ente querido que parece estar a encontrar é genuíno ou apenas o seu conceito mental desse ente querido!

O Mestre deve ter sorrido quando disse: «Na casa de Meu Pai há muitas moradas — »

Excertos das leituras de Edgar Cayce sobre Sonhos

«... O estudo das forças subconscientes, subliminares, psíquicas, da alma, do ponto de vista humano, é e deve ser o grande estudo para a família humana; pois através de si mesmo o homem compreenderá o seu Criador quando compreender a sua relação com o Criador. Ele compreenderá essa relação apenas através de si mesmo, e tal compreensão é o conhecimento que é dado aqui neste estado (psíquico). Cada pessoa que obtém esta compreensão dirige a sua força individual para a Grande Criação; e tem o seu nicho, lugar ou unidade individual a desempenhar. (Cada indivíduo) tem de alcançar (compreender) números (variedades) de forças ou fenómenos psíquicos que podem manifestar-se no plano terrestre... No entanto, a compreensão para a entidade individual, vista do seu próprio ponto de vista, com o seu conhecimento, é obtida e preparada por si mesma, para ser manifestada através de si mesma, para o seu próprio desenvolvimento; e nisso o desenvolvimento da entidade afeta a criação ou o mundo. Desta maneira, e nesta forma, e desta forma, o desenvolvimento será de assistência ao mundo.

Como em sonho, aquelas forças do subconsciente, quando tomadas ou correlacionadas em formas que se relacionam com as várias fases do indivíduo, dão a esse indivíduo uma melhor compreensão de si mesmo, quando corretamente interpretadas, ou quando corretamente respondidas.

Q-44. Como devem os sonhos ser interpretados? A-44. Isto depende da condição física da entidade e daquilo que produz ou traz o sonho às forças desse corpo.

A melhor definição de como a interpretação pode ser melhor feita é esta: Correlacionar aquelas Verdades que são encenadas em cada e todo o sonho... Usá-las para o melhor desenvolvimento, lembrando sempre que "desenvolvimento" significa ir em direção às Forças Superiores, ou ao Criador.

Q-43. O que é um sonho? A-43. Há muitos tipos diferentes de manifestações que vêm a um objeto animado (ou ser que está no plano físico do homem) que a família humana designa por SONHO.

Algumas são produzidas por sugestões que chegam à consciência do físico através de várias formas e maneiras, tais como estas:

Quando o físico põe de lado o consciente naquela região chamada sono, ou entorpecimento; quando aquelas forças vêm através das quais o espírito e a alma se manifestaram, e são reencenadas diante ou através, ou por esta força da alma e do espírito; quando uma ação é de tal natureza que faz ou traz impressões de volta à mente consciente no plano terrestre ou material, é designada por sonho. Isto pode ser encenado por aquelas forças que são tomadas no sistema, e na ação da digestão que tem lugar sob a orientação das forças subconscientes, tornam-se parte daquela força através da qual o espírito e a alma dessa entidade passaram nesse momento. Tais manifestações são designadas ou chamadas pesadelos, ou as manifestações anormais no plano físico destas forças.»

Na experiência normal dos sonhos, são encenados aquilo que pode ser o prenúncio de condições, através da comparação, pelas forças da alma e do espírito, das condições existentes nas várias esferas pelas quais essa alma e esse espírito da entidade em causa passaram na sua evolução até à esfera presente. Nesta época não se atribui suficiente crédito aos sonhos; pois o melhor desenvolvimento da família humana exige um maior aumento de conhecimento do mundo subconsciente da alma ou do espírito. Esse conhecimento pode ser adquirido nos sonhos. 3744, A-41

Exploração em Profundidade

— Até agora, lidámos com aspetos do sonho que são mais ou menos tradicionais. A partir deste ponto, encontraremos alguns dos símbolos menos conhecidos que surgem na chamada "análise em profundidade", tornada possível pela premissa de Cayce. Se os símbolos começarem agora a parecer cada vez mais extravagantes, poderá ser útil estudar as formas clássicas de sonhos e as interpretações

encontradas tanto no Antigo como no Novo Testamento. Exemplos encontram-se no Génesis, capítulos 37, 40 e 41 (os sonhos de José e as suas interpretações); em Ezequiel; em Daniel; e noutros profetas; bem como no Livro do Apocalipse, que é inteiramente expresso em simbologia onírica. Estes exemplos mostram a forma subjacente da lógica estranha (para nós) que percorre todos os sonhos.

Antes de prosseguirmos, porém, voltemos a afirmar o propósito a servir por uma análise de sonhos feita pelo próprio sonhador, de acordo com a advertência de Cayce. Esse propósito é (pelo menos numa fase inicial) trazer todos os níveis da mente humana para a experiência consciente, aplicando as leis do seu funcionamento e estudando o conteúdo dos sonhos. Conheçamos a natureza da "caixa de ferramentas" e a forma como algumas dessas "ferramentas" funcionam — ferramentas que têm permanecido inativas durante tanto tempo nas profundezas do nosso ser!

Nas secções anteriores procurámos identificar três áreas gerais da mente e as respetivas leis — consciente, subconsciente e supraconsciente — relatando experiências pessoais em cada uma delas. Um dos aspetos desta exploração refletiu a possibilidade (não uma ideia nova) de que o mundo dos sonhos, os níveis subconscientes da mente e as primeiras etapas da vida após a morte sejam uma e a mesma coisa. O mestre budista Chen Chi Chang, numa conferência proferida em Nova Iorque sob os auspícios da Associação em 1955, exprimiu-o da seguinte forma:

"Aquele que permanece no controlo dos seus sonhos, enquanto sonha, está no controlo dos seus estados de ser na vida após a morte."

Passemos agora ao nosso próximo ponto de investigação: será possível, através dos sonhos e do ato de sonhar, rever condições passadas da alma, com especial referência a "vidas passadas", que possam revelar acontecimentos de épocas anteriores que estejam a afetar negativamente a nossa experiência presente? Se assim for, esta análise de sonhos em profundidade — de uma profundidade fantástica segundo os padrões científicos atuais — poderia devolver ao indivíduo

o controlo do seu destino, tal como existiu nas chamadas "Idades de Ouro" do passado.

Uma vez que Edgar Cayce, o mais notável médium do nosso tempo, dedicou muito tempo e reflexão ao tema da reencarnação, lançando nova luz sobre a sua validade e expondo a sua relação com o ideal de redenção contido no pensamento cristão, este é um campo de investigação extremamente importante. *Many Mansions*, de Gina Cerminara, apresenta o ponto de vista de Cayce com tal impacto que inspirou investigadores independentes no domínio da análise em profundidade. Uma investigação de especial interesse é a empolgante nova experiência em hipnose profunda registada no livro *The Search for Bridey Murphy*, publicado pela Doubleday. Este estudo é particularmente significativo pelo facto de tanto o autor, Morey Bernstein, como o seu sujeito, Ruth Simmons, serem leigos.

No entanto, a maioria dos leigos que investigam estas áreas gostaria de saber: "Como pode isto, ou algo equivalente, acontecer comigo? Como pode isto ajudar-me a tornar-me um melhor seja-o-que-for-que-eu-sou?"

Os sonhos que se seguem são apresentados para mostrar uma experiência singular neste tipo de investigação. Trata-se de mais um exemplo de sonhos que surgem em ciclo ou em série, ilustrando uma determinada condição e fornecendo uma visão sobre a sua possível origem. O ciclo surgiu em resposta a uma oração definida, pedindo informação sobre a causa de uma condição que se manifestava como uma espécie de estado permanente de frustração. Certos compromissos económicos eram obstruídos por essa frustração, havendo também um envolvimento emocional.

O que se segue foi retirado do meu registo de sonhos, com a data de 22 de Fevereiro de 1955:

"Eu estava a viajar em algum tipo de transporte que pensei ser um elétrico, mas que seguia ao longo do passeio e subia e descia os lancis com uma precisão e rapidez notáveis… (a descrição indicava um percurso errante). No depósito no fim da linha fiz… uma reclamação ao

motorista, que acumulava também a função de condutor. Ele pareceu zangado quando lhe estendi o meu relógio para lhe mostrar que a viagem tinha demorado demasiado — que já estávamos muito atrasados.

Ele observava o meu relógio — um relógio de pulso Gruen — com interesse e disse que se interessava muito por relógios. Disse-lhe que trazia três relógios e tirei os outros dois (de tipos diferentes).

O motorista ficou com os três, dizendo que queria examiná-los e que mos devolveria mais tarde. Entretanto, eu andava pelo depósito, olhando à minha volta.

Quando o motorista regressou, entregou-me os três relógios tão incrustados de sujidade e ferrugem que eu não conseguia distingui-los! Quando protestei, o motorista disse zangado: 'Esses são os relógios que me deu! Não é culpa minha que estejam assim!'"

A simbologia deste sonho é quase elementar. O progresso no desenvolvimento e no crescimento é insatisfatório; há demasiados desvios e excursões laterais. O elétrico oferece uma espécie de encenação da expressão emocional da oração feita ao deitar. Seja qual for a forma como a formulei, emocionalmente tratava-se da queixa de um homem cansado. E assim a queixa chegou ao "motorista-condutor", ou ao supraconsciente, no sonho. Não há muito a fazer por causa do estado dos instrumentos disponíveis, parece dizer a mensagem.

Os relógios são os instrumentos que usamos para registar o tempo. O supraconsciente examinou três desses registos, devolvendo-mos num estado que refletia a forma como tinham sido abusados.

Para mim, isto significava que existiam registos de três "tempos", ou vidas, que estavam a influenciar indevidamente o presente devido a tensões não libertadas. (Note-se, no entanto, que o meu mentor me devolveu os relógios para que eu os limpasse!) Um dos relógios eu tinha-o segurado na mão. Isto implicava que a vida presente era uma das que necessitava de revisão. Os outros dois estavam enterrados nos bolsos — profundamente no passado da alma. Isto, por sua vez, implicava que mais dois sonhos estavam para vir. Eu obteria a história

completa, raciocinei, se pudesse comparar as três experiências numa análise consciente em vigília.

O segundo sonho ocorreu a 2 de Março de 1955:

"Sonhei que estava com um grupo de pessoas que olhavam através de uma espécie de janela longa, como as que se veem em estúdios de radiodifusão, que separa os técnicos de controlo dos intérpretes.

A janela dava para uma grande sala ricamente mobilada e bem iluminada. As pessoas que estavam comigo vestiam-se todas à moda moderna — sobretudo trajes de noite. (Parecia que estávamos à espera de uma representação dramática.)

Entrei na sala vista através da janela, e entrou também uma multidão de pessoas, todas vestidas com aquilo que entendi serem trajes de corte em França por volta do ano de 1789. (Quando mais tarde consultei esta data, descobri que era o ano indicado na enciclopédia como o início da Revolução Francesa.)

Eu próprio envergava um fato cor de creme, com peruca empoada, calções até ao joelho, etc. Fui apertar a mão do meu 'anfitrião', o que, recordei ao acordar, não era costume da época. Não consegui apertar-lhe a mão porque ele mantinha o polegar bem dobrado sobre a palma. (De alguma forma, isto deixou-me profundamente embaraçado no sonho.) Peguei-lhe na mão (apesar disso), apertei-a e recuei. Ele abriu um sorriso enorme e vi que era (uma figura americana de grande destaque na política atual); no sonho, parecia ser um poderoso duque ou príncipe da terra. A duquesa, sua esposa, parecia… muito zangada com ele. Por alguma razão, todos na sala assumiram atitudes e poses de luto enquanto aguardavam o desfecho.

Sentei-me perto (da esposa) e uma fita de cor castanha-avermelhada caiu (da região) da minha orelha direita para o meu colo. Fiquei ali sentado à espera que algo acontecesse, assumindo a atitude pesarosa de todos os outros, mas admirando distraidamente a combinação de cores da fita castanha-avermelhada sobre o fato cor de creme." Fim do sonho.

O facto de pessoas em trajes modernos observarem o drama através da janela indicou-me que todas as pessoas presentes neste episódio de 1789 estão vivas hoje. O "duque" não me receberia nos meus próprios termos, pelo que recuei como um servo ou cortesão. As minhas roupas ricas mostravam que eu devia ser um cortesão e, ao longo de todo o sonho, senti que tinha de agradar a essas pessoas, chegando mesmo a representar um estado de espírito que não sentia, apenas para parecer em perfeita harmonia com o humor momentâneo delas.

Na realidade, o que sentia em relação a elas era total indiferença e tédio perante elas e os seus problemas, fossem eles quais fossem. Como cortesão, a minha própria subsistência dependeria da minha capacidade de antecipar o humor dos meus superiores e refleti-lo fielmente na minha própria atitude. Nada ali me pertencia; eu não tinha qualquer interesse naquilo. Eu era um fantoche.

Mesmo a minha morte implícita às mãos da Madame Guilhotina me deixou completamente indiferente. Mesmo no sonho reconheci a simbologia da fita castanha-avermelhada. Era a cor do sangue seco, símbolo de uma condição passada.

Três noites depois, a 5 de Março, chegou o terceiro sonho. Este tinha como cenário um castelo na Escócia — simbolizado pelo sotaque escocês nas nossas vozes, tal como o registei aqui. Acordei deste sonho em terror.

"… Estávamos sentados à mesa num castelo medieval. A mãe e (o irmão) estavam presentes. (Mãe e irmão mais novo na vida presente. O irmão era evidentemente o filho mais velho na vida escocesa. Eu era o mais novo, então.) O meu irmão foi dizer a graça antes da refeição e a minha mãe agarrou-me o braço, dizendo:

'Mas, rapaz, não te vais sentar à mesa para comer de armadura completa quando disserem a graça?'

(No sonho, o meu braço estava coberto de cota de malha. Um manto grosseiro de mistura verde-acastanhada de urze estava lançado sobre o meu ombro.)

Eu esperava um convidado, aparentemente um viking, de quem ninguém aprovava. Tentei acalmar a mãe enquanto baixava a cabeça, e o meu irmão atrasou a graça à espera que a interrupção cessasse…

(O irmão) disse: 'Seria melhor que o teu amigo viking não se sentasse à mesa nesta casa.'

Eu disse: 'Calai-vos os dois e continuai com a graça. Não podemos atrasar-nos nem mais um momento.'

A mãe disse: 'Mas, rapaz, há um fogo a arder no teu manto. Estou a pensar que vais queimar-te, se não tiveres cuidado!'

Quando o fumo começou a subir, arranquei o manto e eles atiraram-me baldes de água. Ao pendurar o manto encharcado, o irmão disse: 'Há marcas da queimadura e não sairão com a escova. Hás de carregar essas marcas na veste durante toda a sua vida!'

(No manto estavam as marcas de dois olhos, alongados, fendidos, amarelos, como os olhos de um gato, que desenhei na página ao acordar.)"

"A essa altura eu estava aterrorizado (no sonho) e deixei o manto pendurado no cabide. Não queria tocá-lo, pensando que estava cheio de forças malévolas. Alguma criatura invisível tinha-me fitado com tal intensidade que os seus olhos tinham queimado as suas próprias marcas (no meu manto). Tal era o meu entendimento no sonho.

Nesse exato momento entrou o viking e, no meu terror, berrei-lhe: 'Não te sentarás à mesa nesta casa, rapaz, pois há algo que não te permitirá ficar aqui. Olha para o manto!'

O manto ergueu-se por si próprio (parecia uma cobra verde-acinzentada) e lançou-se contra ele quando este passou junto ao local onde estava pendurado na parede. Ele recuou horrorizado e, em tons estentóreos, ordenei-lhe que saísse da casa, dizendo, numa longa diatribe, que eu não estava disposto a arriscar… o desagrado do manto por causa dele, agora que parecia estar assombrado." Fim do sonho.

Para ir diretamente ao cerne deste quadro, a simbologia conta a história de uma "possessão". Não se trata aqui de "obsessão", em

qualquer sentido, em que o indivíduo é possuído por uma ideia sua. A história aqui é a de um corpo a ser tomado por uma entidade exterior, enquanto o ocupante legítimo permanece ao lado, observando os acontecimentos.

Sejamos claros quanto a uma coisa. Estes sonhos não são recordações literais de dois incidentes amplamente separados no tempo e no espaço. Também estes sonhos são dados simbolicamente.

Por exemplo, o sotaque escocês aqui reproduzido serve apenas para identificar o país em que o incidente ocorreu. A linguagem real da Escócia medieval seria provavelmente um conjunto de picta e gaélico escocês, completamente incompreensível para o leigo de hoje. Do mesmo modo, os trajes e os cenários, como no sonho francês, servem apenas para fornecer uma data aproximada na história em que estes acontecimentos tiveram lugar. Tudo isto é dado na linguagem dos sonhos — os símbolos — que, tal como os anagramas, se tornam mais facilmente legíveis à medida que se ganha prática.

Partes da interpretação não são aqui apresentadas por falta de espaço. Seguir o rasto de símbolos que se desdobram através da metafísica de "sentar-se à mesa" com um nórdico implicaria, por si só, um projeto autónomo. Uma vez que os nórdicos foram demonstrados pela História como inimigos tradicionais dos caledónios, como os escoceses eram antigamente conhecidos, tratava-se sem dúvida de uma questão séria. Certamente que os estados de espírito e as expressões faciais no sonho assim o indicavam.

No entanto, o que é que estes sonhos têm em comum? Que condição básica contêm todos eles, em última análise? Por exemplo, o que tem em comum um cortesão francês com um guerreiro escocês do período medieval, um homem "possuído por um demónio", por assim dizer?

Um homem que não está na plena posse de si mesmo não pode agir em Livre-Arbítrio, porque o factor de controlo lhe foi retirado. O livre-arbítrio implica, além disso, responsabilidade. Para ilustrar: em sentido moral, nenhum soldado pode ser responsabilizado pelos seus atos se

age de acordo com as ordens dos seus "superiores". O mesmo acontece com um cortesão assalariado — ou com um homem possuído. A perda do livre-arbítrio, no período escocês, condicionou a segunda experiência, ou francesa, e conduziu à terceira, que, pelo anagrama do elétrico errante, retratou uma falta de impulso, de direção, no presente.

Tal como o Irmão Mais Velho no sonho salientou:

"Aí estão as marcas da queimadura e não sairão com a escova. Carregarás as marcas na veste (alma) durante todos os seus dias."

Pouco antes de deixar Nova Iorque, em 1939, para uma permanência de cinco anos na Florida, visitei um médico para um exame de rotina. Ele sugeriu que eu fizesse um teste de metabolismo basal. Hoje, à luz de novas descobertas, esse teste parece estar mais ou menos fora de uso. No entanto, pelo que vale, o teste mostrou que a tiroide estava claramente "abaixo do normal". O material de Cayce afirma que a sede da VONTADE é a tiroide. Se assim for, então a implicação do sonho mostra que uma cicatriz deixada na alma em eras passadas e não limpa ou curada pode, mais cedo ou mais tarde, infiltrar-se no plano físico e, fora do seu contexto, interferir com o progresso da alma.

O diagnóstico parece completo. A cura, agora, deve residir em mim, se o diagnóstico veio de mim. O pensamento é melhor expresso pela leitura de Cayce:

"Que isto seja compreendido: nenhuma experiência, nenhum impulso, nenhum ambiente pode ser maior do que a vontade de uma entidade. Pois a vontade — a Força Criativa prometida n'Ele — pode superar, pode mudar, pode alterar aquilo que pode vir a acontecer na experiência." 487-17

Contactar o Eu Superior

— Neste ponto do nosso estudo, certas questões que foram surgindo ao longo das partes anteriores devem ser abordadas. Um resumo dessas questões pode ser expresso, de forma geral, da seguinte maneira:

1. Uma vez que o subconsciente é sugestionável, como saber que não é o subconsciente a fornecer os sonhos desejados, de acordo com aquilo em que o sonhador gostaria de acreditar? Como separar a realização de desejos dos factos?

2. Se uma pessoa é versada em história, trajes e costumes do passado, não será possível que o subconsciente esteja a libertar no sonho aquilo que o indivíduo leu e estudou no presente, em vez de rever uma vida anterior real? Como distinguir?

3. Se alguém amado já partiu, como saber que os sonhos com essa pessoa não são apenas realizações de desejo provocadas pela saudade de a ver novamente?

Todas estas contingências são possíveis, naturalmente, quando o sonho não é condicionado pela oração do indivíduo ao Deus Altíssimo, seja o que isso signifique para ele, em qualquer que seja o seu estado de desenvolvimento. Uma vez feita a oração e libertada interiormente através das emoções, o supraconsciente é testemunha do ato. Isto leva-nos novamente ao estudo do que foi designado como "o homem" na Parte I, significando a Mente Supraconsciente personificada.

"O homem" simboliza aquela parte da individualidade que não participou na "Queda de Adão" — a experiência da alma na materialidade. Ele permanece, por assim dizer, "diante do Trono", para manter aberto, para a alma aventureira, o caminho de regresso ao Criador. Ele é testemunha das atividades da alma na Terra, mas não toma parte ativa nelas, sendo o Observador, o Anjo da Guarda, o irmão que nunca saiu de casa quando o Filho Pródigo partiu nas suas viagens, na parábola de Jesus.

Este símbolo de "o homem", ou a figura joanina do "Ancião dos Dias", encontrada no Livro do Apocalipse, é belamente definido no trabalho do Grupo de Estudo da A.R.E. de Nova Iorque sobre o Apocalipse. Esta figura é descrita como "a porção consciente de si e individualizada de Deus que é o núcleo imutável de cada entidade, cuja mente constitui a Mente Supraconsciente do Homem".

Ele permanece à porta como intercessor perpétuo entre a porção individualizada do homem na Terra e as Forças Universais. Este intercessor é a parte da minha individualidade que assegura que toda e qualquer informação que me seja dada em sonhos esteja de acordo com as necessidades da alma em qualquer momento específico. Este supraconsciente é a porção de Deus que supervisiona os factos apresentados na sua devida ordem, em símbolos correspondentes ao meu próprio contexto educativo e compreensão no momento. É a parte de Mim que percebe quando a minha consciência está a ser expandida e que reformula a simbologia em conformidade. É a porção do meu ser que ocupa a posição da Realidade, num momento em que o resto de mim está submerso na Maya, ou ilusão da consciência terrena na expressão material.

E, no entanto, "o homem" — o supraconsciente — não pode agir até que eu peça ajuda! Esta é a sua única limitação — esta é a sua lei, tal como estabelecida pelo Pai desde o princípio…

Ao examinar os dois volumes dos meus sonhos registados, iniciados a 24 de Janeiro de 1952 (isto está a ser escrito em Dezembro de 1955), verifiquei que símbolos reconhecíveis de "o homem" — o Eu Superior, ou Supra-Alma — tinham surgido cinquenta e quatro vezes, por contagem efetiva. Listei trinta e seis papéis diferentes que ele assumiu, apesar dos quais, e por causa dos quais, é reconhecível. (É de suma importância reconhecer o elenco dramático do nosso mundo onírico, pois é assim que aprendemos que partes do mecanismo humano estão a manifestar-se.)

Eis algumas das formas que os meus assumiram:

1. Um cavaleiro vestido à cowboy, demonstrando perfeito controlo de um cavalo fogoso. (Mais tarde, o cavalo foi-me oferecido para montar. Foram mostrados arreios, sela e estribos totalmente novos.)

2. Quatro vezes como um "irmão mais velho".

3. Duas vezes como um editor amado.

4. Doze vezes como uma "voz", falando mas sem forma.

5. Um barqueiro antigo com a barba branca arquetípica.

6. Duas vezes como gestor eficiente de uma plantação e de uma quinta — "onde tudo cresce".

7. Um encarregado de piso numa enorme loja de departamentos.

8. Senhor de uma grande casa (que dormia no andar de cima, enquanto eu me movia no rés-do-chão).

9. Um motorista particular.

10. Um homem a olhar para mim através do visor de uma câmara.

11. Operador de elevador.

12. Duas vezes como oficial naval e três vezes como oficial do exército (possivelmente refletindo problemas centrados nos centros de Leyden e adrenal).

13. Piloto de avião, condutor de elétrico e de comboio ou de outros meios de transporte. De barba branca na maioria dos casos.

14. Um jovem tranquilo, que falava francês e atuava como intérprete.

15. Proprietário de lojas, restaurante, hotel.

16. Um jovem fisiculturista bem constituído, chamado "Bestley" (!), que tinha sob firme controlo um doente queixoso.

17. Duas vezes como pastor, uma vez como cirurgião e médico, respetivamente, e uma vez como professor.

Todas estas são formas ou vestes reconhecíveis na Terra. Uma visão do papel do supraconsciente pode ser obtida através do estudo de um excerto de uma leitura:

"Pois a mente supraconsciente torna-se a mente da alma, nesses intervalos (nos planos mentais) entre a manifestação material e as manifestações cósmicas ou universais — e, no entanto, estas são uma só." 3605-1

Ao observar a lista acima, é interessante notar o ideal de responsabilidade refletido por cada símbolo. Em cada um há a marca inconfundível do guardião, do administrador, do homem responsável. Em relação a cada um deles, na condição de sonho, senti um poderoso sentido de confiança, admiração e amor. Mas, mais do que isso, havia em cada símbolo uma demonstração do que o psicólogo moderno poderia descrever como "sentido moral". Este parecia situar-se ao nível da "moralidade" e da "ética" — não tanto num sentido temporal, mas universal.

Um excelente exemplo deste tipo de "moralidade" — por falta de palavra melhor — é a história das ações de Jesus nas bodas de Caná. Jesus, com compreensão completa de todos os factores envolvidos, visíveis e invisíveis, agiu instantaneamente, de acordo com a necessidade de todos os níveis de consciência e de ser. Ele reabasteceu as talhas de vinho.

Por outro lado, o "bom" homem cuja única familiaridade com a "virtude" provinha do que tinha lido e partilhado com as crenças do seu tempo, acumuladas através de atividade religiosa exotérica, sem contacto direto, poderia ter respondido de forma muito diferente à situação em Caná. Poderia ter proferido uma pequena e elegante homilia sobre os males da bebida forte, poderia ter citado a própria Bíblia para sustentar o seu ponto de vista de que "o vinho é escarnecedor, e a bebida forte é turbulenta", etc., e pensar que estava a fazer a Vontade de Deus.

Estes são exemplos de um tipo "temporal" de moralidade, desenvolvido talvez através do estudo do que o homem pensa que Deus gostaria que ele pensasse ao pensar sobre Deus. A moralidade do Supraconsciente ou do Eu Superior, por outro lado, situa-se ao nível da consciência crística; brota do conhecimento que advém de um contacto ininterrupto com as Forças Universais, ou Deus, ao longo das eras.

Esta fonte de ajuda, informação e orientação — o Eu Superior — está ao alcance de qualquer pessoa que procure. Aqui reside a resposta à maioria das questões colocadas há pouco, uma vez que a nossa premissa é esta: quando um indivíduo inicia a sua busca para conhecer a sua relação com o Universo e o seu Criador, pode esperar ajuda do "outro lado", por assim dizer, nos sonhos. Pode contar com a proteção e a orientação deste irmão mais velho ao longo de todas as explorações no deserto da sua mente e do seu coração.

Quando esse contacto é estabelecido, de algum modo reconhecido pelo indivíduo, pode começar o verdadeiro autocontrolo. Nos episódios oníricos que relatámos foi apresentada uma situação e procurada a sua causa através de duas vidas passadas. (A resposta emocional à situação da causa foi, de facto, suficientemente forte para me fazer saltar da cama!) No entanto, uma revisão dos padrões desta vida (escocesa) mostrou que um efeito tão bizarro devia ter tido uma causa bizarra. O procedimento foi ordeiro e foi diretamente ao passado, sem se envolver nas próprias eras passadas, com toda a sua riqueza de interesse e detalhe.

A "questão de sessenta e quatro dólares", porém, é esta: "Como pode alguém saber que esta figura recorrente do Eu Superior não é um produto da imaginação ou mais uma fabricação de realização de desejos?"

A minha resposta a isto é que, quando comecei a registar os meus sonhos, não esperava encontrar tal figura. Eu não sabia que ele lá estava. Por mais vezes que tivesse lido o Livro do Apocalipse em rapaz, o "Ancião dos Dias" não tinha, para mim, qualquer conotação pessoal. A minha leitura sobre "anjos", guardiães ou de outras variedades, tinha sido extremamente superficial e completamente tradicional. Eu tinha ouvido falar de "hierarquias angélicas", naturalmente, e entendia-as como uma espécie de solucionadores de problemas cósmicos, dispersos pelo nosso Universo. Certamente que não esperava encontrar um anjo, ou anjos, nos meus sonhos!

O "anjo", ou figura, que de facto encontrei nem sempre se mostrava tão orgulhoso da nossa relação quanto eu poderia desejar. Repreendia-

me, "gozava comigo" quando eu estava em baixo, e era extremamente afetuoso e apreciativo quando, de algum modo, eu o merecia. A sua atitude era muitas vezes a de um homem forte que, nunca tendo tocado em álcool, se via de algum modo encarregado de escoltar para casa um irmão que tinha bebido demais. Sempre cuidadoso em avançar à velocidade do ferido, embora conhecesse o caminho, a sua principal preocupação, ao que parecia, era com a pessoa de quem se encarregava — e, por vezes, essa pessoa ficava embaraçada e zangada. Por outro lado, eu nunca conseguia compreender o que tinha feito para merecer a sua aprovação, nas ocasiões em que ele a demonstrava.

Isto dificilmente corresponde à imagem de qualquer tipo de "anjo" sobre a qual eu alguma vez tivesse lido ou que tivesse imaginado. E certamente também não é, propriamente, a minha conceção de realização de desejos!

"Porque não é possível usar autossugestão em vez de oração antes de adormecer?" poderia ser outra questão.

Isso é possível, naturalmente; e a autossugestão pode por vezes ser usada com vantagem em questões de rotina. Em situações importantes, porém, o indivíduo muitas vezes precisa de mais sabedoria do que aquela de que dispõe; e orientação e proteção são necessárias mesmo na oração. Eis um caso concreto, em que um amigo a quem chamaremos Jones apareceu com uma ideia para ficar rico e bem-sucedido, estabelecendo controlo sobre a mente subconsciente apenas através da autossugestão. (Esta foi uma observação pessoal de uma experiência.)

Soava muito bem ouvi-lo contar, mas, de algum modo, isso deixou-me profundamente inquieto. Quando me deitei nessa noite (25 de Julho de 1952, segundo o meu registo de sonhos), coloquei a seguinte questão, apresentada com a minha oração antes de adormecer:

"Qual é a natureza do novo sistema do Jones? Qual é a verdade sobre ele? Como somos enganados por ele — se o somos?"

A resposta veio, verbalmente, em sonho, da seguinte forma:

"A alma atua sobre tudo o que Jones lhe diz. Se a premissa básica de Jones está errada, então a resposta está errada. No entanto, a mente da alma opera em triunfo e em confiança — respondendo como Jones quer que responda — não necessariamente de acordo com a Verdade Universal, mas apenas de acordo com a verdade que Jones quer que a verdade seja."

Ao longo dos três anos em que tenho observado o que aconteceu a Jones como resultado do seu "sistema", é desnecessário dizer que Jones não é rico nem próspero, nem estabeleceu controlo sobre coisa alguma. Tal como no caso do armário do Fibber McGee, cada vez que Jones forçava a porta do seu subconsciente para fins seus, caíam mais algumas raquetes de ténis e sapatos velhos! Ainda assim, continua a achar que a ideia é boa.

O conselho dado no Bom Livro diz assim: "Buscai primeiro o Reino de Deus e a Sua justiça, e todas as outras coisas vos serão acrescentadas."

Um extrato de uma leitura de Edgar Cayce aponta um modo de o fazer:

"Um estudo, do ponto de vista humano, das forças subconscientes, subliminares, psíquicas e da alma, é e deve ser o grande estudo para a família humana. Pois, através de si mesmo, o homem compreenderá o seu Criador quando compreender a sua relação com o seu Criador. Ele compreenderá essa (relação) apenas através de si próprio, e tal compreensão é o conhecimento aqui dado neste estado (psíquico)." 3744-A-41

Experiências do Projeto X

por W. N. Petersen

Durante dois verões consecutivos, a Association for Research and Enlightenment patrocinou aquilo que hoje é amplamente conhecido entre os membros como Projeto-X (11—31 de Agosto de 1950) e Projeto-X (6—25 de Agosto de 1951).

Os projetos tinham objetivos específicos e certas metas que os participantes se esforçavam por atingir. Por um momento, voltemos a examinar as finalidades destas experiências.

O propósito principal dos projetos era examinar e testar a validade dos registos de Edgar Cayce relacionados com a sensibilidade psíquica e a possibilidade de a desenvolver. A sensibilidade psíquica diz respeito, na realidade, ao homem tripartido: o corpo físico, o corpo mental e o corpo espiritual; por isso, as experiências oníricas foram escolhidas como medidas para avaliar o crescimento dessa sensibilidade. O autor decompôs os padrões globais dos projetos nestes três aspetos, e o leitor notará mais adiante como os sonhos se exprimiram nestes três domínios de atividade.

Para dar um esboço geral destes três domínios de atividade:

O Físico

Aos participantes foram dados banhos de suor, massagens, cataplasmas de areia e outros tipos de fisioterapia. Tomaram um medicamento conhecido como Atomidine, para purificação e estimulação glandular; e usaram um aparelho radioativo para equilibrar a circulação e aliviar a tensão nervosa. Cada indivíduo envolvido seguiu uma dieta rigorosa e jejuns absolutos em momentos específicos durante o projeto. Por fim, foram usadas pedras de Lapis* como possível estimulação da atividade glandular.

O Mental

Um aspeto importante do Projeto foi a resposta mental aos testes psicológicos, usada como pista para compreender a estrutura da personalidade. Outro factor crítico foi a meditação — cada indivíduo voltando-se para dentro para auto-análise… para procurar e encontrar idiossincrasias da personalidade. Ainda outro factor foi a resposta à música usada durante a meditação.

Também foi observado o estado mental em relação aos outros participantes e aos projetos de trabalho, tão importantes. E, por último, mas possivelmente o mais importante, a atitude mental de cada

indivíduo em relação aos períodos passados em oração e meditação. Todas estas atividades devem ser incluídas como aspetos da esfera mental.

O Espiritual

Havia, na realidade, apenas duas grandes divisões no domínio dos esforços espirituais. A primeira era a oração e a meditação, que inclui meditação para cura; a segunda consistia na apresentação de lei espiritual aos grupos, a partir de várias abordagens, para determinar que método poderia ser mais prático. Foi enfatizada a aplicação da lei espiritual na atividade quotidiana.

Os esforços espirituais devem também ser considerados o objetivo último de toda a atividade e a razão da própria existência dos projetos. Faziam parte do tema do projeto e do alvo para o qual os participantes apontavam — o desenvolvimento do homem espiritual.

O critério para avaliação do progresso e do desenvolvimento foi a recordação de sonhos e a análise de sonhos; uma vez que os sonhos eram um meio através do qual podíamos notar mudanças graduais, se as houvesse, em cada domínio de influência, à medida que os projetos avançavam.

Dois outros pontos precisam de ser assinalados antes de entrarmos no significado do sono e dos sonhos.

Foi anteriormente mencionado noutros artigos, apresentando citações e hipóteses baseadas nos registos de Edgar Cayce, que a sensibilidade psíquica está basicamente relacionada com a natureza espiritual do homem; e que essa sensibilidade funciona através do sistema de glândulas endócrinas do corpo humano.

Se aceitarmos esta teoria como possível explicação de psi (psi significando todo o processo de PES), então sonhos envolvendo telepatia, clarividência, precognição e experiência religiosa poderiam ser uma ação ou reação normal desses centros espirituais. No domínio das experiências psíquicas, pode não existir qualquer linha de demarcação entre as perceções dos estados consciente e inconsciente.

Se a energia psíquica floresce numa única fonte — a dos centros glandulares — seria desaconselhável traçar uma linha apenas porque uma faceta da mente está desperta ou a dormir. Na verdade, é provável que tenhamos mais experiências durante o sono ou em estados inconscientes, porque o nosso ego está a repousar; as nossas repressões, supressões e inibições ficam de algum modo mais soltas e podem manifestar-se em sonhos, ou afastar-se para que a nossa natureza superior funcione sem obstrução.

Apenas mais um ponto deve ser mencionado antes de continuar: o das atitudes psicológicas e mentais dos participantes.

Recorde-se que, durante a primeira semana, padrões negativos de personalidade de cada indivíduo foram deliberadamente trazidos à luz. O diretor, Hugh Lynn Cayce, procurou propositadamente criar confusão, raiva, frustração; e instigar outras ações que seriam antagonistas. Nos sonhos dos participantes durante a primeira semana dos projetos, portanto, estados de confusão e outras atitudes emocionais podem surgir com grande clareza.

Durante a segunda e a terceira semanas, dedicadas ao pensamento e à ação positivos, manifestações também podem surgir nos sonhos dos participantes. Assim, deveremos encontrar menos confusão e maior clareza nas expressões oníricas. Aqui, então, poderemos descobrir que crescimento do corpo espiritual ocorreu.

Os sete participantes nos dois projetos foram convidados a manter um registo rigoroso de todas as experiências oníricas. A partir dos seus diários, o autor selecionará exemplos dos vários tipos de sonhos e traçará quaisquer padrões subconscientes que se tenham apresentado ao longo do progresso dos projetos.

***** *Lapis Lingua (referido como Lapis) significa literalmente "pedra da língua" ou "pedra falante". Era o termo usado nas leituras para designar pedras que são um produto corrosivo do cobre no seu estado natural. Os dois tipos de Lapis usados nestas experiências foram: o lápis azul Azurite [2 Cu CO3 · Cu (OH)2] e o verde Malachite [Cu CO3 · Cu (OH)2]. Deve notar-se que o lápis-lazúli é uma pedra diferente destas.*

Pede-se ao leitor que tenha presente que estes sonhos não estão, na realidade, a ser interpretados, pois os sonhos pertencem ao sonhador. Estão apenas a ser classificados através de observação e especulação. Uma abordagem deste tipo é usada para determinar se os sonhos são, na origem ou na essência, físicos, subconscientes ou supraconscientes.

Por agora, limitemos as nossas observações aos sonhos que se manifestaram durante a primeira semana do Projeto-X, tal como registados pelos sete participantes em idade universitária.

Primeira semana

Experiências oníricas de A

Físico: 0. **Subconsciente:** 8. **Supraconsciente:** 0.

Este jovem não parece ter quaisquer sonhos que possam ser classificados como inequivocamente físicos ou supraconscientes; no entanto, podemos notar de imediato a simbologia subconsciente recorrente. Em quatro noites diferentes sonhou que era perseguido ou que se via envolvido com polícias. O símbolo de armas e polícias parece ser bastante importante para esta pessoa. Como exemplos do seu diário, encontramos:

12-08-50 — "Alguns homens perseguiam-me, polícias. Por fim consegui fugir deles e encontrei alguns amigos que me pediram para me juntar a eles…"
13-08-50 — "Gangsters e polícias lutavam pela posse de uma casa. Os polícias ganharam por causa de uma metralhadora…"
16-08-50 — "Eu era um detetive a seguir o rasto das minhas roupas. Montei um cordão policial em torno de uma casa de contrabandistas e traficantes de ópio. A polícia fez uma rusga surpresa e eu fui injustamente implicado, embora soubesse tudo sobre os criminosos…"

Seria imprudente classificar esta simbologia para além de (especulativamente) admitir que a polícia pode significar autoridade, e que A está a rebelar-se contra algo dessa natureza. Outra imagem

simbólica recorrente é a do dinheiro, que, nas leituras, tem sido interpretado como compensação.

Com base nesta observação reflexiva, podemos chegar a uma conclusão especulativa; a saber, que os sonhos de A refletem um conflito subconsciente nalgum domínio e que ele procura factores compensatórios. O leitor recordar-se-á das notas na introdução, no sentido de que, durante a primeira semana, foi dada ênfase a padrões negativos de personalidade, para os trazer mais à superfície. Uma vez à superfície, poderiam ser examinados e depois dissipados. Assim, os sonhos de A podem ser a manifestação da pressão exercida sobre factores negativos.

Experiências oníricas de B

Físico: 0. **Subconsciente:** 0. **Supraconsciente:** 0.

O segundo participante, B, não registou quaisquer sonhos na primeira semana, alegando que não conseguia recordar nenhum à consciência. Notaremos, contudo, algumas entradas interessantes de B na segunda e na terceira semanas.

Experiências oníricas de C

Físico: 2. **Subconsciente:** 14. **Supraconsciente:** 0.

Ao examinarmos o diário de C, verificamos que ele sonha, em média, quase três conteúdos oníricos separados e individuais por noite. Ainda que as experiências sejam distintas, o subconsciente parece tê-las relacionado entre si, para completar a tendência do pensamento submerso.

C sonhou, em duas ocasiões distintas, que comia carne. Estes episódios foram especialmente assinalados quando os períodos de jejum estavam em curso. Os últimos três dias de cada semana eram períodos de jejum.

No domínio do subconsciente, encontramos a nossa primeira experiência de sonho psíquico: a clarividência. Naturalmente, esta não é a única experiência verdadeiramente psíquica dos participantes, mas é

um dos raros exemplos que conseguimos verificar. Eis o excerto do seu diário:

12-08-50 — "Estava junto à sebe e vi meninas pequenas a sair de casa para brincar com um grupo de meninos que estavam no quintal. Uma menina com um vestido violeta pálido parecia ser a líder. Surgiu uma discussão com outra menina, de amarelo, sobre quem seria a líder. Passado algum tempo, voltaram a brincar…"

Na altura deste sonho, C não sabia que a casa onde estava alojado era usada todos os Outonos como escola infantil. Os grupos em idade de jardim-de-infância brincavam frequentemente no pátio que rodeava o edifício. O sonho de C parece ser uma experiência clarividente manifestada durante o estado inconsciente.

Outra sub-classificação da manifestação subconsciente, assinalada no caderno de C, foi um tipo a que poderíamos chamar um sonho de resolução de problemas.

14-08-50 — "Tinha juntado diferentes tipos de garrafas e levei-as à loja para receber o reembolso. O empregado deu-me quatro notas de um dólar pelas garrafas vazias, para grande surpresa minha. Depois saí e tentei encontrar mais algumas…"

Nota de C: "Devido à repetição deste sonho uma semana antes do início do projeto, vou tentar este método como meio de obter dinheiro de que tanto preciso."

C tem também um símbolo recorrente muito interessante: lavar e secar loiça:

11-08-50 — "Eu e D estávamos na cozinha a lavar e secar a loiça…"
11-08-50 — "O grupo e eu íamos a caminho de um restaurante onde iríamos limpar loiça vazia e suja…"
16-08-50 — "Eu estava sozinho na cozinha a olhar para a pilha de loiça suja e depois tratei de a limpar e polir para que ficasse bonita e brilhante. Limpa outra vez…"

A única explicação a que o autor consegue chegar é que C está a passar por um processo de auto-análise. Está consciente da necessidade

de purgar ou limpar. Para o sonhador, porém, pode haver um significado totalmente diferente.

Experiências oníricas de D

Físico: 3. **Subconsciente:** 0. **Supraconsciente:** 0.

Os três sonhos registados durante toda a semana parecem situar-se ao nível físico, embora pareçam envolver conflito mental ao nível libidinal da experiência.

Experiências oníricas de E

Físico: 2. **Subconsciente:** 5. **Supraconsciente:** 1.

12-08-50 — "Sonhei com morangos e gelado, e também com rabanetes, mas tive a impressão de que não devia comê-los…"

O outro sonho físico também continha itens alimentares.

E estava a ponderar casar pouco depois do projeto, e esse pensamento consciente projetou-se no subconsciente como realização de desejo e ansiedade. Esta é a única simbologia recorrente que aparece nas suas experiências noturnas.

12-08-50 — "Senti vontade de visitar a minha noiva, mas lembrei-me de algum trabalho inacabado, por isso mudei de ideias…"
15-08-50 — "Passei pela casa da minha noiva, mas ela não estava em casa…"
17-08-50 — "Senti a presença da noiva, mas não conseguia vê-la em lado nenhum perto de mim…"

Durante esta primeira semana, E parece ter tido um sonho supraconsciente. A emoção e a clareza do tema dão, de facto, a impressão de origem supraconsciente.

16-08-50 — "C e um grupo iam encontrar-se com o Mestre. Quando nos encontrámos com Ele, os Seus olhos não estavam abertos. Sentámo-nos à volta de uma mesa no terraço, e C fez perguntas sobre astrologia. C recebeu respostas gentis e úteis. O ambiente era agradável e sereno, mas eu fiquei um pouco assustado ao encontrar Cristo pela primeira vez…"

Experiências oníricas de F

Físico: 0. **Subconsciente:** 2. **Supraconsciente:** 0.

F registou apenas dois sonhos durante toda a semana. Destes, um parece ser realização de desejo, e o outro permanece sem classificação; embora também pareça enquadrar-se sob a rubrica do subconsciente. Como exemplo, registe-se:

17-08-50 — "Corri até H.L. e disse: 'Aconteceu algo espantoso com as cartas de PES. Consigo atingir pontuações muito altas em clarividência, mas a minha telepatia mantém-se praticamente igual.'"

Ao examinar as pontuações de PES, nada de extraordinário pôde ser encontrado em clarividência que justificasse um sonho de realização de desejo.

Experiências oníricas de G

Físico: 4. **Subconsciente:** 5. **Supraconsciente:** 0.

G é o tipo de jovem que parece apreciar alimentos de vários tipos. Os quatro sonhos físicos diziam respeito a satisfazer o estômago — desde fígado com cebola até sanduíches de geleia e manteiga de amendoim. O leitor recordar-se-á de que foram seguidas dietas específicas durante todo o projeto, criando restrições aos gostos individuais. Assim, se um indivíduo gostasse de alimentos de todo o tipo, seria natural satisfazer esse impulso em manifestações oníricas quando os seus desejos fossem contrariados.

G tem vários símbolos recorrentes e, quando surgem, o conteúdo dos sonhos é bastante semelhante. Três vezes durante a primeira semana sonhou que estava na biblioteca, quer a trabalhar quer a encontrar-se com alguém. Esta simbologia pode significar um local onde os amigos se encontram ou, especulativamente, pode significar que a mente deste indivíduo está ansiosa por mais conhecimento. Como exemplos, encontramos as seguintes entradas:

13-08-50 — "Encontrei-me do lado de fora da biblioteca a entrar numa batalha de engenho com Groucho Marx…"
14-08-50 — "Fui à biblioteca fazer algum trabalho de pesquisa…"

16-08-50 — "Tinha-me esquecido de um encontro com as raparigas e dei por mim a correr em direção à biblioteca, para talvez as encontrar lá…"

Resumo dos sonhos da primeira semana

Ao procedermos, então, a uma revisão das atividades da primeira semana durante o estado inconsciente chamado sono, verificamos que os sonhos manifestados neste período podem ser classificados sob os seguintes títulos:

FÍSICO: 11
a. Alimentação: 7
b. Libido: 4
c. Outras causas:

SUBCONSCIENTE: 34
a. Realização de desejo: 9
b. Medos e ansiedades: 7
c. Resolução de problema: 1
d. Memórias desta vida: 6
e. Auto-análise: 5
f. Telepatia:
g. Clarividência: 1
h. Precognição:
i. Memória de vidas passadas:
j. Não classificados: 5

SUPRACONSCIENTE: 1
a. Experiência espiritual: 1

Um ponto interessante a notar é que cinco dos sete participantes sonharam com o símbolo barco ou navio. Este símbolo manifestou-se praticamente da mesma forma. Pode ser um símbolo universal: seguir em frente, avançar, mover-se, ou algum significado semelhante.

Nos registos de Cayce, a água tem sido interpretada como vida, ou o caminho vivo.

Assim, durante a primeira semana do projeto, temos 11 sonhos no domínio físico, 34 nos vários domínios do subconsciente, e 1 no domínio espiritual do supraconsciente.

Na segunda semana, como o leitor se recordará, a pressão foi aliviada; assim, deveremos conseguir notar qualquer crescimento espiritual que possa estar a ocorrer. Se algum crescimento desse tipo estiver a acontecer, deveremos também conseguir observar a mudança através das manifestações oníricas dos sete participantes. Portanto, concentremo-nos agora nas aventuras oníricas da segunda semana.

Segunda semana

Experiências oníricas de A

Físico: 0. **Subconsciente:** 5. **Supraconsciente:** 0.

A parece ter tido um sonho que poderíamos situar no domínio de atividade do subconsciente, mas que também pode ser classificado como uma experiência de vida passada. O sentido de realidade do conteúdo e as componentes emocionais criam uma atmosfera de experiência de encarnação passada. Para citar o seu diário:

18-08-50 — "Há um homem que tem um trabalho importante, no qual usa um mapa. Explora novas secções do país. É de meia-idade e tem um registo distinto. Um velho amigo e companheiro é o seu tenente; o resto da tripulação parece satisfeito e feliz.
"Este homem de meia-idade instala-se num dos postos avançados numa secção que penso ser Nova Iorque. Fica irracionalmente zangado com o tenente quando recebe o sinal de que os prisioneiros escaparam. A sua relação com o oficial subordinado transforma-se em ódio.

"Tem lugar uma batalha com os prisioneiros fugitivos e, no decurso dela, a maioria dos seus fiéis seguidores perde-se, morre. O tenente recebeu então o comando para levar a maioria dos homens e avançar para outra secção, ou região. O capitão ficou desacreditado por toda a ação e agora enfrentava um futuro sombrio em comparação com o passado. Olhou para o mapa da nova região para onde ia, e sabia que o

tenente não estava muito longe dali; esperava que as coisas pudessem ser remendadas entre eles…"

Se estivermos dispostos a considerar o aspeto de uma encarnação americana primitiva, este sonho poderia encaixar na categoria de vida passada.

O símbolo "polícias" desapareceu das experiências oníricas, ou assumiu um dos muitos disfarces fornecidos pelo subconsciente. Nos sonhos que ocorreram durante a segunda semana, podemos notar o mesmo conteúdo emocional, como no primeiro sonho, mas levado a cabo noutras circunstâncias.

19-08-50 — "Eu estava a jogar à bola com os rapazes e eles voltaram-se contra mim. Refugiei-me em minha casa para me esconder de todos os jogadores…"
20-08-50 — "Uma mulher ia julgar o carácter do meu irmão e o meu. O meu irmão queria ser simpático com ela, mas eu tinha ouvido falar dela e decidi manter-me firme e fazer o contrário…"

O leitor notará a semelhança entre os padrões de personalidade de A e os do capitão. Será possível que A seja a personagem principal do primeiro sonho, ainda que não se identifique diretamente?

O esforço consciente deste jovem para criar padrões positivos de personalidade provocou um conflito. A parece ainda estar a combater ódio, medo e raiva. Este é um excelente exemplo do que os registos e a psicologia ortodoxa referem tantas vezes — o conflito de forças dentro do indivíduo — a guerra entre as forças do bem e do mal.

Há ainda um outro sonho que deve ser levado à atenção do leitor. Penso que encontramos aqui a primeira evidência de uma comunicação telepática durante o estado de sono.

23-08-50 — "Eu e o meu amigo conhecemos duas raparigas bonitas a bordo de um navio. Passámos a conhecê-las e mais tarde encontrámo-las em Virginia Beach…"

Comparemos isto com o sonho que B teve nessa mesma noite!

Experiências oníricas de B

Físico: 1. **Subconsciente:** 1. **Supraconsciente:** 0.

B regista um sonho que classifica como memória de um cruzeiro do último ano do liceu. Do seu diário, anotamos a seguinte entrada:

23-08-50 — "Este sonho tem a ver com uma viagem de barco através de um lago. As pessoas de que me lembro são: outro rapaz, duas raparigas, um motorista de táxi e eu próprio. Primeiro dou por mim com os outros, num táxi a caminho da zona de embarque; parece ser uma viagem do tipo 'resort'. Nada de significativo parece acontecer. É muito parecido com o cruzeiro de três dias do último ano…"

A e B sonham com o mesmo tipo de experiência, embora uma seja mais detalhada do que a outra. A manifestação idêntica é ou mera coincidência, ou poderá ser um verdadeiro intercâmbio telepático. A conclusão última fica ao critério do leitor.

Experiências oníricas de C

Físico: 4. **Subconsciente:** 6. **Supraconsciente:** 2.

C parece agora estar sob alguma pressão no que toca às restrições alimentares. Os quatro sonhos físicos têm a ver com alimentos de vários tipos. Esta pressão não era evidente na semana anterior, mas manifesta-se com força durante a segunda. Observe-se as entradas do diário:

18-08-50 — "Estava na escola a ouvir uma palestra sobre alimentos. O orador afirmou que não precisamos de comer…"
18-08-50 — "Fui ao centro da cidade com um amigo e ele comprou uma caixa de bolachas Ritz…"
19-08-50 — "Um grupo de amigos e eu íamos ver um filme chamado 'a Páscoa', mas eu estava bastante indeciso se devia ir…"
21-08-50 — "Estava a falar com uma amiga minha. Ela tinha problemas com a alimentação. Eu disse que ela devia comer legumes de vários tipos e não apenas porcarias quaisquer…"
24-08-50 — "Estava com um grupo que nadava. Passado algum tempo, trouxeram um tabuleiro redondo com salsichas de porco e panquecas.

Eu sabia que as panquecas estavam bem, mas que não devia comer as salsichas por causa do projeto…"

É muito interessante notar como o subconsciente continua a trabalhar com os problemas que encontramos na vida desperta. C parece estar a esforçar-se bastante por vencer a tentação e o que agora considera maus hábitos alimentares.

O símbolo recorrente que se manifestou na primeira semana continua bastante ativo: lavar loiça. C continua a atravessar aquilo que parece ser um processo de auto-análise.

19-08-50 — "Estava na cozinha a ajudar a mãe a lavar a loiça do jantar…"
21-08-50 — "Dei por mim na cozinha da A.R.E., a lavar a loiça suja após a refeição. Havia muito material agarrado que tinha de ser demolhado…"

Pela primeira vez desde o início do projeto, C parece ter sonhos supraconscientes — uma manifestação de propósitos e ideais espirituais, devido à ênfase dada a esse desenvolvimento. Do seu caderno, encontramos as seguintes notas:

20-08-50 — "Sonhei que me falavam sobre as sete glândulas e disseram-me que, se eu quisesse ser um com O Cristo, as glândulas teriam de ser purificadas…"
21-08-50 — "Disse aos que estavam comigo que não fazia sentido dispararem contra mim, porque eu reencarnaria outra vez de qualquer forma. Depois enfiei-me num armário para escapar. Lá dentro, no armário, fui aconselhado e disseram-me que eu podia escapar a tudo através do poder de Cristo e porque não o fazia agora. Acho que o fiz. Depois vi pessoas como luzes a serem atraídas para Cristo. Algumas eram tão brilhantes que eu não as conseguia separar; outras eram tão pequenas que mal se viam…"

Devido à persistência da simbologia de lavar loiça, o autor pergunta-se se isto não poderá representar a purificação das glândulas de que C sonha na sua experiência espiritual. Lavar loiça pode muito bem representar a limpeza das glândulas. Esta afirmação é naturalmente

especulativa, mas os subtons nos sonhos de C poderiam, com razão, criar tal impressão.

Experiências oníricas de D

Físico: 2. **Subconsciente:** 4. **Supraconsciente:** 0.

Dois dos seis sonhos registados por D eram físicos e diziam respeito a alimentos.

19-08-50 — "Debaixo do braço eu tinha um embrulho no qual havia ovos fritos…"
22-08-50 — "Eu estava sentado numa ponta saliente de um mastro. Enquanto ali estava, comia de uma lata, tirando com uma colher; parecia ser carne de algum tipo…"

No diário deste jovem encontramos o nosso único sonho verificado de precognição. Para citar o seu caderno:

24-08-50 — "Um amigo da minha irmã trouxe para nossa casa um aparelho que tem um motor numa base qualquer. Este mecanismo dá voltas e cambalhotas pela sala quando o fio é ligado ao circuito elétrico…"

Quando D voltou para casa após o projeto, verificou que a irmã tinha um cavalo mecânico, do tipo usado para exercício; portanto, a experiência onírica de duas semanas antes é confirmada.

Experiências oníricas de E

Físico: 3. **Subconsciente:** 4. **Supraconsciente:** 3.

Nos sonhos de E continuamos a encontrar o símbolo recorrente, ou imagem literal, da sua futura esposa. Uma vez que o conteúdo é praticamente o mesmo do que foi transcrito na semana anterior, não será necessário dar exemplos das suas notas.

Um ponto muito interessante que emerge nos sonhos de E é a intensidade cada vez maior do auto-análise, que aparece e se prolonga até ao supraconsciente. Observe-se estes três sonhos que parecem ser introspetivos e espirituais na essência.

20-08-50 — "C estava a explicar uma experiência maravilhosa de como viu a imagem de Cristo. Disse que a nossa preparação até agora parece inadequada para ter uma experiência como a de C. Então fiquei com a impressão de que a necessidade de preparação individual é o objetivo principal, e não apenas falar de certas áreas…"

O leitor recordar-se-á de que C teve uma experiência semelhante na mesma data. C pode ter transmitido a experiência a E por impressão telepática. Por justiça para com os rapazes envolvidos, penso que poderíamos classificar a experiência idêntica como semelhante no domínio do supraconsciente. Regressar ao sonho de C em 20-08-50 e comparar o paralelismo e a continuação do sonho inteiro.

Para continuar no mesmo enquadramento:

22-08-50 — "Sonhei que estava a ter uma comunicação direta com uma fonte superior. Disseram-me que eu precisava de mais delicadeza e paciência comigo, com os outros, e especialmente com a noiva…"

Nesta última seleção, encontramos um excelente exemplo da tendência filosofante do subconsciente, a trabalhar em conjunto com os valores espirituais encontrados no supraconsciente. Este sonho não é apenas auto-análise; parece também ser uma mensagem direta da sua própria fonte superior.

24-08-50 — "Estou a ver elementos em mim como formas: crítica e egoísmo. Estão a tentar pesar a balança. Tomei consciência de que preciso de rezar mais — preciso de criar períodos mais longos de quietude. A paciência é a minha maior necessidade. Então clamo: 'O que posso fazer que seja útil?' Logo depois ouvi música, que parecia anunciar a aproximação da abertura dos sete selos. Eu sabia que Ele estava por perto. Não consegui apreciar plenamente a qualidade e o tom da música, o que pode ter sido causado pelos detritos no subconsciente ainda não limpos. Todo o sonho foi-se esbatendo gradualmente e eu acordei…"

Experiências oníricas de F

Físico: 1. **Subconsciente:** 2. **Supraconsciente:** 0.

Este participante tem o primeiro sonho claro e conciso que podemos atribuir a uma origem física que não seja libido ou alimentação. F sonha que ouve o som de água a correr — e nada mais. A explicação mais lógica é que estava alojado numa casa não muito longe do oceano; ouviu o som do mar enquanto dormia:

As outras duas experiências registadas por F parecem ser de auto-análise, mas com subtons de medo e ansiedade — medo de ser um fracasso na vida ou na vocação.

Experiências oníricas de G

Físico: 3. **Subconsciente:** 7. **Supraconsciente:** 0.

G parece ter mudado a sua atitude em relação aos alimentos, pois apenas um sonho contém este elemento — novamente sanduíches de manteiga de amendoim! Estes sonhos físicos surgem durante os períodos de jejum e podem ainda actuar como agentes apaziguadores de impulsos antigos.

No diário de G detetamos o que parece ser outro "flashback" para uma encarnação passada. Para citar diretamente o seu caderno:

19-08-50 — "Eu estava constantemente a contar dinheiro em contas, preso numa corda por botões de couro grossos em cada extremidade. Cada peça de dinheiro tinha um furo no centro e estava presa ao cordão, formando assim uma espécie de corrente. Havia peças verdes e botões amarelos; o resto eram tons de que não me lembro. Eu sabia qual era o valor de cada uma, mas não consigo avaliar nem comparar como seria hoje; parece que as verdes eram como dez dólares e as amarelas como cinco. Eu estava a falar com um homem sobre esse dinheiro em contas. Eu sabia, ou sentia como se estivesse na China e conseguia ver que era bastante montanhoso. As casas ou outros detalhes do ambiente não consigo recordar…"

Resumo dos sonhos da segunda semana

Observamos nesta segunda semana que o padrão mudou um pouco em relação ao da primeira, embora em muitos casos permaneça constante.

FÍSICO: 14
a. Libido: 5
b. Alimentação: 7
c. Outras causas: 2

SUBCONSCIENTE: 29
a. Realização de desejo: 3
b. Medos e ansiedades: 5
c. Resolução de problema:
d. Memórias desta vida: 5
e. Auto-análise: 7
f. Telepatia: 2
g. Clarividência:
h. Precognição: 1
i. Memória de vida passada: 2
j. Não classificados: 4

SUPRACONSCIENTE: 5
a. Experiência espiritual: 5

Mais uma vez notamos que o mesmo símbolo se repete nos sonhos destes jovens, embora por vezes em maior ou menor grau. Noutros casos, mudou por completo à medida que o participante focou a mente em ideais mais elevados. O símbolo de barco ou navio continua a manifestar-se nos sonhos — desta vez em quatro dos sete participantes.

Passemos à terceira semana e, então, poderemos fazer uma comparação semanal de toda a experiência.

Terceira semana

Experiências oníricas de A

Físico: 2. **Subconsciente:** 9. **Supraconsciente:** 0.

Podemos ainda notar o mesmo padrão que A tem seguido ao longo de todo o projeto.

27-08-50 — "Tive um sonho em que tinha duas armas e disparava sem parar…"
28-08-50 — "Saí de casa porque a terra estava condenada. No caminho tive de afastar índios. Tinha o meu cão comigo, mas o objetivo era ultrapassar as defesas dos índios…"
28-08-50 — "Eu fazia parte de um gangue de ladrões cavalheiros…"

É verdade que muitos dos padrões negativos ainda surgem nos sonhos de A, mas começam a surgir cada vez mais experiências positivas. Os sonhos de violência vão lentamente dando lugar ao auto-análise num nível positivo. Observe-se as seguintes entradas na terceira semana:

28-08-50 — "Estava a falar com dois homens sobre literatura. O meu livro sobre Browning estava em atraso na biblioteca, mas eu não estava preocupado com a multa, por isso entreguei o livro ao rapaz. Fui para casa, mas convidei-o para uma reunião de grupo de estudo. Senti que os ideais espirituais e a meditação lhe fariam bem. Ele disse que poderíamos ajudar-nos um ao outro…"
31-08-50 — "Os meus irmãos de fraternidade repreenderam-me por os ter ignorado durante tanto tempo. Depois fiz as pazes com eles e voltei a ocupar o meu lugar entre eles…"
31-08-50 — "H.L. disse-me que, na noite passada, eu tinha quase conseguido atravessar a porta aberta, por um triz. Teria sido bem-sucedido se eu tivesse sabido usar o período de 'apagão' a meu favor…"

A teve uma luta longa e difícil com condições negativas dentro de si, mas penso que chegou ao ponto em que elas começarão a dissipar-se. Concorda?

Experiências oníricas de B

Físico: 1. **Subconsciente:** 5. **Supraconsciente:** 1.

B, na terceira semana, começa a registar em detalhe as suas experiências noturnas. Observando seleções do seu caderno, tornam-se evidentes vários aspetos. Os seus sonhos parecem ser uma combinação de realização de desejo, auto-análise e ideologia do supraconsciente. Para citar:

27-08-50 — "Eu estava numa sala com doze pessoas. Pediram-me que lesse a Bíblia, mas a minha visão continuava a ficar turva. Depois passei a Bíblia a outra pessoa à minha direita. Lembro-me de que a pessoa a quem a entreguei ficou surpreendida e corou porque não estava habituada a ler em grupo…"

28-08-50 — "A maior parte deste sonho envolveu eu ajudar uma rapariga da minha idade. Ela tinha levado uma vida má e agora sofria por isso. Continuei a falar com essa rapariga para a tirar do ciclo de circunstâncias em que agora se encontrava…"

29-08-50 — "Eu estava a falar com o meu pastor sobre eu pregar hoje o sermão, pois tinha muito que queria dizer. Saí para o púlpito com a grande batina do pastor, que era muito grande para mim. As pessoas riram-se de mim, mas eu continuei a falar…"

30-08-50 — "Este sonho era algo sobre o meu trabalho como diretor de jovens na igreja. O homem que tinha tido o cargo antes de mim queria-o de volta. A filha desse homem apareceu e o amigo que estava comigo disse que eu podia facilmente dizer algo que fosse maldoso ou ressentido. Eu disse-lhe que isso não estaria certo e recusei…"

O leitor notará o padrão que B parece estar a seguir. É lamentável que não tenhamos tido dados suficientes da primeira e da segunda semanas, para que pudesse ser feita uma comparação.

[O diário de B é um excelente exemplo do que pode acontecer se alguém apenas dedicar tempo a registar os seus sonhos. Primeiro não havia nenhum; depois apenas um fio; e agora uma torrente.]

Experiências oníricas de C

Físico: 2. **Subconsciente:** 11. **Supraconsciente:** 2.

O símbolo recorrente de lavar loiça, que C teve nas duas primeiras semanas, desapareceu agora por completo dos seus sonhos. Parece ter sido substituído por cores, que são o factor mais predominante na terceira semana. Dos catorze sonhos que C regista, 10 têm cores. Isto não tinha sido particularmente notado antes.

26-08-50 — "Eu caminhava por um trilho rochoso e vi pedras bonitas com fósseis. Eram bastante brilhantes em tonalidades, sobretudo verdes e azuis, e também alguns rosas e violetas. Apanhei uma amostra de cada e comecei a descer a montanha…"
30-08-50 — "Eu estava a olhar para gravatas. Vi muitas cores diferentes, a maioria verdes, azuis e amarelas…"

C tem um sonho que parece ser de auto-análise e de conteúdo filosófico:

25-08-50 — "Entrei num barco e viajei em redor da base de uma montanha. Ao lançar a âncora e puxar o barco pela corrente da âncora, ele avançava…"

C interpreta o seu próprio sonho assim: "A âncora parecia significar isto: 'Temos uma âncora que mantém a alma firme e segura, enquanto as ondas rolam.'"

E, como última seleção do diário de C, encontramos evidência de manifestações supraconscientes:

27-08-50 — "Eu caminhava com outro rapaz e uma rapariga. De repente vimos uma faísca rosa e verde a enrolar-se em círculos perto de nós. 'O Espírito Santo!', gritámos. Veio sobre nós e circulou à nossa volta, crepitando enquanto passava. Ficámos extremamente exaltados e seguimos em frente. Foi uma experiência muito real…"

30-08-50 — "Eu estava com um curador e vi-o atuar sobre um atlante deformado, um homem com cabeça e corpo de homem, mas pés e mãos como os de um cavalo. Vimos o Mestre a aproximar-se num

barco de forma estranha. Depois corremos para o nosso barco e começámos a remar na direção d'Ele…"

À medida que o projeto avançou, C passou por várias etapas bastante evidentes. Primeiro, o processo de limpeza que se manifestou através de lavar loiça. Depois, a questão com os alimentos e a correção dessa atitude. Agora, parece ter a maioria dos seus sonhos a cores, de conteúdo filosófico ou espiritual. Eis um excelente exemplo de crescimento passo a passo — ou, pelo menos, a evidência aponta nessa direção.

Experiências oníricas de D

Físico: 3. **Subconsciente:** 3. **Supraconsciente:** 0.

Dos três sonhos físicos que D teve na terceira semana, dois dizem respeito a alimentos, especialmente bifes de fígado.

30-08-50 — "Bifes de fígado estavam a ser cozinhados por Nelson Eddy, e ele estava a pôr-lhes pimenta. Eu gritei-lhe para não pôr pimenta no meu…"

O único sonho que o autor conseguiu encontrar com essência espiritual foi um que D teve no último dia do projeto.

31-08-50 — "Estava a decorrer uma refeição de meditação; eu cheguei um pouco atrasado, embora sentisse que estava a horas. Estavam sentados num círculo irregular, ao ar livre. Eu juntei-me a eles…"

É quase impossível tirar qualquer conclusão, mesmo que provisória, acerca dos sonhos de D, porque tivemos muito pouco material com que trabalhar. Cabe ao leitor determinar se há evidência de crescimento ou de mudança nos padrões de personalidade. D não registou quaisquer sonhos na primeira semana, exceto vários de atividade libidinal. Depois parece ter passado para sonhos de alimentação na segunda semana; os sonhos da última semana permanecem em grande parte sem classificação.

Experiências oníricas de E

Físico: 0. **Subconsciente:** 6. **Supraconsciente:** 1.

E regista um sonho sobre outro participante, B, e a sua mudança de atitude. Para citar:

25-08-50 — "Sonhei com B. Ele entrava em casa depois de ter tido uma entrevista com H.L. Tenho a impressão de que todas as dúvidas e pensamentos incorretos estão a ser esclarecidos através dos sonhos…"

O leitor lembrar-se-á de que B registou 7 sonhos nesta terceira semana — mais do que o total das duas semanas anteriores. Os sonhos de B tomaram um rumo introspetivo. Portanto, E pode ter razão ao tirar tal conclusão subconsciente. Terá ele razão?

E é um dos participantes que continuou a sonhar com navios ao longo de todo o projeto. A entrada seguinte pode dar-nos uma resposta quanto ao que o navio representava.

30-08-50 — "Parecia que estava a bordo de um navio e preparava-me para partir. Lembro-me de olhar para o espelho antes de sair. Alguns dos outros rapazes estavam comigo e todos parecíamos estar a preparar-nos para partir juntos…"

O símbolo do navio pode ser uma representação do próprio projeto. Agora que a viagem de três semanas se aproxima do fim, estão a preparar-se para abandonar esta embarcação que foi o seu lar durante o período de três semanas. É verdade que talvez estejamos a ler demasiado num sonho simples, mas é muito lógico que o subconsciente represente o próprio projeto como um navio, tendo o diretor como navegador.

Na última seleção do caderno de E encontramos uma experiência muito semelhante à de C, embora ocorram em dias diferentes. Para citar diretamente o seu diário:

31-08-50 — "Eu estava de pé perto da praia com alguns dos outros rapazes. Todos vimos uma luz belíssima no céu, a Oriente, sobre a água. Era bela na cor — branco, azul, verde-claro e rosa, que se esbatiam num

lavanda cintilante e violeta. Todos sabíamos que o Criador estava por perto, porque sentíamos a Sua presença…"

Note-se a semelhança entre esta experiência e a que C teve em **27-08-50**. É bastante estranho que comecem a sonhar com luzes e cor na semana final, não é?

Não é necessário resumir os sonhos de E, pois são bastante claros e mostram uma mudança definida de conteúdo. Aqui, mais uma vez, a mudança subconsciente dá-se a conhecer através das manifestações oníricas do indivíduo.

Experiências oníricas de F

Físico: 1. **Subconsciente:** 2. **Supraconsciente:** 1.

No caderno deste jovem, há dois exemplos claros de crescimento — um é subconsciente na essência e o outro é de origem filosófica e espiritual.

26-08-50 — "Sonhei que a todos era oferecida uma escolha — ou aprender sobre a glândula pituitária aqui, ou passar uma vida inteira, talvez em sofrimento, a aprender sobre a pituitária noutro lugar."

A glândula pituitária tem sido muitas vezes mencionada nos registos de Edgar Cayce como a glândula espiritual mais elevada do corpo humano.

30-08-50 — "Sonhei vividamente que o meu irmão veio ter comigo e me explicava porque é que eu não fui a Deus durante a noite. Disse que eu tinha demasiado areia no cabelo, e eu perguntei-lhe se queria dizer figurativa ou literalmente — ele disse literalmente; o meu cabelo precisava de uma boa lavagem e então eu estaria pronto para O encontrar…"

Esta experiência é auto-explicativa, mas parece haver um eu superior a informá-lo da sua falta de preparação para encontrar Deus. Teria sido interessante observar os sonhos da noite seguinte, mas o projeto terminou. Acha que ocorreu alguma mudança neste jovem ao longo do período de três semanas? Observe os seus sonhos.

Experiências oníricas de G

Físico: 1. **Subconsciente:** 5. **Supraconsciente:** 0.

25-08-50 — "Ouvi, ou pensei ter ouvido, a voz de Edgar Cayce, e ele estava a contar-me uma história. Não me lembro em detalhe, mas parece ter sido algo sobre uma decisão. Eu tinha uma escolha de sete decisões ou sete glândulas. Depois continuou sobre tomar a decisão de servir…"

Este sonho permanecerá sem classificação. Se foi uma comunicação direta, ou apenas o subconsciente a usar um dos seus muitos disfarces, cabe ao leitor decidir. Foi incluído porque cada membro sonhou, em algum momento, com as glândulas.

No sonho final encontramos uma experiência clarividente que foi verificada. Para citar o seu diário:

30-08-50 — "Eu estava à procura no escritório do Sr. Cayce de alguns livros sobre numerologia e astrologia e, então, deparei-me com um livro de capa vermelha que parecia uma enciclopédia. No livro havia imagens de modelos usados em estudos de anatomia; eu voltei a pôr o livro imediatamente no lugar e saí do escritório…"

Existe um livro com esta descrição no estudo, mas não está ao alcance da vista de alguém que entre no escritório. O livro é publicado por um instituto de arte do Midwest para estudos de anatomia, envolvendo estrutura óssea e muscular, bem como desenho da textura da pele. Assim, vemos que G teve, de facto, um sonho clarividente, pois descreveu o livro e o seu conteúdo, embora não estivesse conscientemente ciente da sua presença no estudo.

Na primeira semana verificámos que G girava em torno da simbologia recorrente da biblioteca e que, todas as noites, se alimentava nos sonhos. A segunda semana mostrou que esses símbolos recorrentes tinham desaparecido ou escapado à deteção, assumindo outro disfarce. As experiências da semana final envolvem clarividência e uma de auto-análise, além de várias outras experiências introspetivas. Terá este participante mudado desde a primeira semana?

Compilando agora os resultados da terceira e última semana da experiência, encontramos a seguinte tabulação das observações especulativas:

FÍSICO: 10

a. Libido: 7
b. Alimentação: 2
c. Outras causas: 1

SUBCONSCIENTE: 42

a. Realização de desejo: 6
b. Resolução de problema: 1
c. Medos e ansiedades: 7
d. Memórias desta vida: 6
e. Auto-análise: 12
f. Telepatia:
g. Clarividência:
h. Precognição: 2
i. Memória de vida passada: 2
j. Não classificados: 6

SUPRACONSCIENTE: 5

a. Experiência espiritual: 5

Resumo dos sete conjuntos de dados

Ao elaborar um resumo de todo o proje

to, mostremos primeiro o quadro comparativo semanal dos sete participantes em idade universitária. Isto abrange o número total de sonhos e a sua classificação geral.

Físico / Subconsciente / Supraconsciente

A

- Primeira semana: 0 / 8 / 0
- Segunda semana: 0 / 5 / 0
- Terceira semana: 2 / 9 / 0

B

- Primeira semana: 0 / 0 / 0
- Segunda semana: 1 / 1 / 0
- Terceira semana: 1 / 5 / 1

C

- Primeira semana: 2 / 14 / 0
- Segunda semana: 4 / 6 / 2
- Terceira semana: 2 / 11 / 2

D

- Primeira semana: 3 / 0 / 0
- Segunda semana: 2 / 4 / 0
- Terceira semana: 3 / 3 / 0

E

- Primeira semana: 2 / 5 / 1
- Segunda semana: 3 / 4 / 3
- Terceira semana: 0 / 6 / 1

F

- Primeira semana: 0 / 2 / 0
- Segunda semana: 1 / 2 / 0
- Terceira semana: 1 / 2 / 1

G

- Primeira semana: 4 / 5 / 0
- Segunda semana: 3 / 7 / 0
- Terceira semana: 1 / 5 / 0

Totais: 35 / 104 / 11

Mapa de progresso

O quadro seguinte é um mapa do progresso das mudanças nas experiências oníricas à medida que a experiência amadureceu.

FÍSICO (35)

- a. Libido: 4 / 5 / 7
- b. Alimentação: 7 / 7 / 2
- c. Outras causas: 0 / 2 / 1

SUBCONSCIENTE (104)

- a. Realização de desejo: 9 / 2 / 6
- b. Medos e ansiedades: 7 / 5 / 7
- c. Resolução de problema: 1 / 0 / 1
- d. Memórias desta vida: 6 / 5 / 6
- e. Auto-análise: 5 / 7 / 12
- f. Telepatia: 0 / 2 / 0
- g. Clarividência: 1 / 0 / 2
- h. Precognição: 0 / 1 / 0
- i. Memória de vidas passadas: 0 / 2 / 2
- j. Não classificados: 5 / 4 / 6

SUPRACONSCIENTE (11)

- a. Experiência espiritual: 1 / 5 / 5

Total de sonhos por participante:

(A) 24
(B) 9
(C) 43
(D) 5
(E) 25

(F) 9
(G) 25

O que precede mostra que **150 sonhos** foram utilizados na formulação deste estudo comparativo.

Síntese Geral

A sorte está lançada. As hipóteses foram colocadas lado a lado com a evidência laboratorial. Reunamos agora toda a informação que acumulámos a partir de várias fontes. Quer a sua opinião seja favorável ou contrária: de um lado temos o homem, o organismo; do outro, o homem, o possuidor de uma alma.

No que respeita ao sono, a ciência afirma:

1. O sono é a perda periódica normal de consciência, de natureza especial, e é característico de muitos animais.

2. A falta de estimulação dos dados sensoriais, aliada a uma forma de fadiga, parece favorecer esse estado inconsciente chamado sono.

3. Durante o sono, a temperatura corporal e a taxa metabólica diminuem; os batimentos cardíacos, a respiração e a circulação abrandam um pouco;

4. Atualmente, a ciência física é incapaz de afirmar por que razão o sono é necessário, para além de reconhecer que é indispensável à continuação da vida.

Os registos de Edgar Cayce afirmam:

"… pouco disto pode ser chamado uma verdadeira análise do que acontece ao corpo, seja físico, mental, subconsciente ou espiritual, quando se perde em tal repouso." 5754-1

"O sono é a sombra daquele intervalo das experiências terrenas, esse estado chamado morte." 5754-1

"Os órgãos que fazem parte daquela porção conhecida como inativa, ou não necessária para o movimento consciente, continuam a funcionar. Os batimentos do coração, as pulsações, os sistemas de assimilação e excreção continuam a funcionar; contudo, há períodos durante tal repouso em que até o coração, a circulação, pode dizer-se que repousa." 5754-1

"O sono é aquele período em que a alma faz o balanço do que atuou de um período de repouso para outro, fazendo ou traçando — por assim dizer — comparações que constituem a própria essência da vida." 5754-2

No que respeita aos sonhos, a ciência afirma:

1. Freud aborda os sonhos basicamente do ponto de vista dos desejos reprimidos ou dos impulsos sexuais proibidos. Os conflitos e frustrações presentes têm origem na libido.

2. Jung rejeita o conceito de Freud e vê os sonhos como uma expressão do "inconsciente coletivo" e do desejo do homem de ser criador por direito próprio.

3. Adler acredita que os sonhos são a expressão do desejo de poder e de segurança.

4. O psicólogo atribui pouco valor aos sonhos, exceto no sentido de que são concebidos para manter o dorminhoco nesse estado. Reconhecem os sonhos psicossomáticos, os estímulos internos ou externos, e até concordam quanto aos sonhos de ansiedade e aos conflitos mentais. Mas o resto, ou a maioria, seria apenas jogo automático e aleatório dos mecanismos associativos cerebrais.

As leituras de Edgar Cayce afirmam:

"Como temos indicado, muitos recebem tais impressões e poderiam ser beneficiados física, mental e espiritualmente, seguindo ou aderindo às muitas lições que são dadas através de tais impressões." 900-13

"Tal como nos sonhos, estas forças do subconsciente, quando tomadas ou correlacionadas em formas que se relacionam com as várias fases do indivíduo, dão a esse indivíduo uma melhor compreensão de si mesmo, quando corretamente interpretadas ou quando corretamente respondidas." 3744-4, A-41

"Todas as visões e sonhos são dados para benefício do indivíduo, se este os interpretar corretamente." 294-15

"[Os sonhos] são o reflexo de (1) condições físicas, com variações das mesmas; (2) do subconsciente, com condições relacionadas com o corpo físico e as suas ações, quer através da mente quer através dos elementos da entidade espiritual; (3) de uma projeção das forças espirituais para o subconsciente do indivíduo." 294-15

Conclusão

O autor partiu do pressuposto de que o homem é um organismo dotado de alma. Esta visão envolve, evidentemente, a hipótese de que vivemos em dois mundos ao mesmo tempo: o plano material, no qual o homem foi concebido para atuar; e também a vida cósmica nesse plano espiritual, que é o ambiente natural da alma.

A personalidade de vigília está adaptada às necessidades da vida terrena. A personalidade do sono mantém a ligação fundamental entre o organismo e o mundo espiritual. Este outro eu-dentro-do-eu fornece ao corpo energia espiritual durante o sono e também se desenvolve, exercitando as suas próprias faculdades espirituais, com base no que fez no passado.

Ao considerar este material como sinalizadores para a sua própria busca, tenha presente o valor que os sonhos podem ter para si. Dentro de si há um amigo que permanece ao seu lado para guiar e ajudar enquanto avançamos, sempre em frente. É um amigo para quem parecem ir todos os nossos problemas, sem necessidade da palavra falada. O eu espiritual permanece firme para ajudar a resolver um problema, para o prevenir de acontecimentos e para lhe dar discernimento sobre o comportamento do eu desperto.

Comece agora a registar os seus sonhos. Seja persistente; seja consistente. Aprenda a linguagem imagética do subconsciente. Descubra o significado oculto por detrás dos disfarces dos símbolos recorrentes.

Aqui está a grande aventura interior, não exterior; e, à medida que continuamos neste fluxo incessante, que um dia possamos aprender a ser um brilho no olhar de Deus, e não um grão de areia.